



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



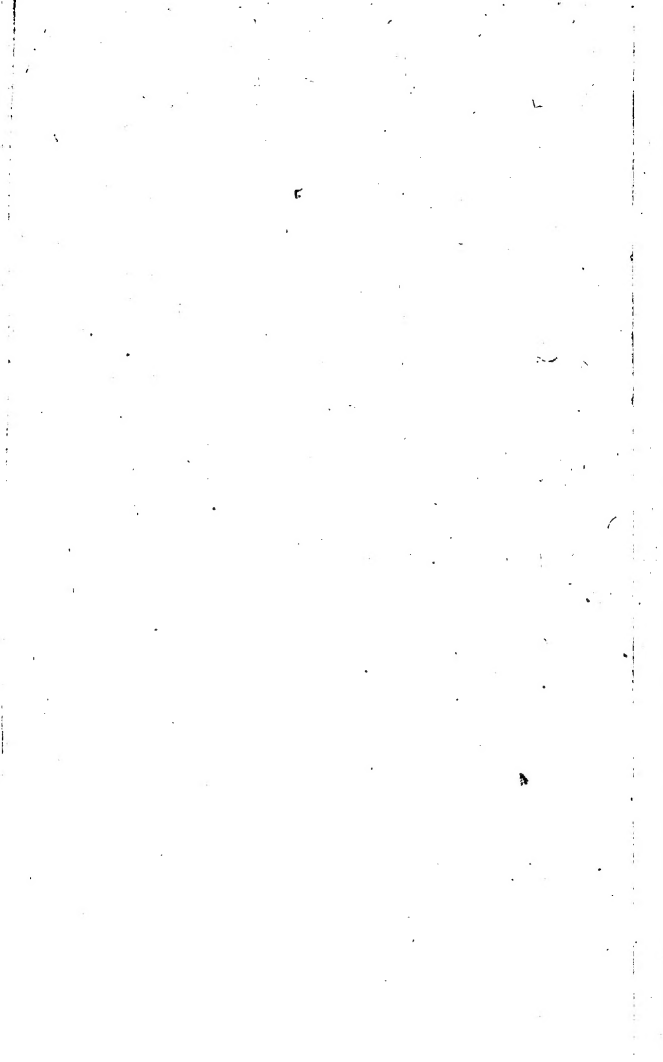
3 3433 08157843 1



Lemos

BYB









**HISTORIA  
GERAL  
DE  
PORTUGAL,**

**ESUAS CONQUISTAS:**

**OFFERECIDA  
À RAINHA NOSSA SENHORA  
D. MARIA I.**

**POR**

**DAMIAO ANTONIO DE LEMOS  
FARIA E CASTRO.**

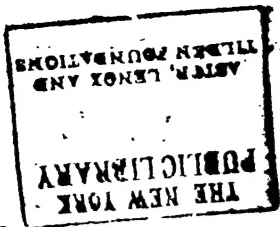
**T O M O VII.**

**L I S B O A,**

**NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.**

**1787.**

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*



**F**OI taxado este Livro em  
quatrocentos réis em papel: Me-  
za 13 de Setembro de 1787.

*Com tres Rubricas.*



# HISTORIA GERAL D E PORTUGAL.

---

## L I V R O   X X X .

*Da Historia Moderna de Portugal.*

### C A P I T U L O   I .

*Da vida , e acções del Rei D. João II. ,  
chamado o Principe Perfeito , XIII.  
Rei de Portugal.*

**A**INDA que D. João II. justamente Era vulg.  
chamado o Grande , e Principe Perfei- 1481  
to , duas vezes tivesse sido acclamado  
Rei , huma em Santarem a 10 de No-  
vembro de 1477 , quando seu pai an-  
dava em França , e por ordem sua ,  
ou-

Era vulg.

outra nas Cortes de Lisboa em virtude de cessação voluntaria de seu mesmo pai , que se restituira ao Reino , no anno passado de 1480; neste de 1481 , aos 31 do mez de Agosto , tres dias depois da morte de D. Affonso , se fez acclamar terceira vez em Sintra com as ceremonias magnificas , que se praticavaõ nesta inauguração. Naquelles intervallos de reinar , e nas acções obra-das , sendo Principe , na Corte , em Africa , e em Castella , elle tinha dado provas , de que seria hum dos Monarcas brilhantes do Universo. A grandeza das suas obras , a heroicidade das suas virtudes , especialmente as que praticou no fim da vida , a justo titulo lhe merecêraõ os Pronomes já referidos , e lhe adquiriráõ a gloria de ser respeitado , como modelo dos Soberanos. Bem o provaõ os louvores , que depois da morte tirou a equidade deste Principe da bocca dos seus mesmos inimigos , que confessáraõ perdêra Portugal o melhor Rei , que teve o mundo , filho do melhor homem , que o mundo teve ; panegyrico , que mostra



a sua verdade pelo tempo , em que Era vulga-  
 naõ o tecia a lisonja , affectaçaõ , in-  
 clinaçaõ , ou temor , que tudo cessa  
 com a mórte.

Se aquelle louvor deraõ a D. Joaõ  
 vassallos resentidos, separados do Rei-  
 no , elle os recebeo na flor dos annos  
 de hum contrario illustre , que fez pri-  
 sioneiro na batalha de Toro , incapaz  
 pelo seu grande caracter , e independen-  
 cia de ser lisongeiro. Este preso il-  
 lustre foi D. Diogo Henriques , Con-  
 de de Alva de Liste , Tio do Rei Ca-  
 tholico D. Fernando. Pedio-lhe o Prin-  
 cipe perdaõ de lhe haver na batalha to-  
 cado nas costas com o recontro da lan-  
 ça ; humanidade a que respondeo prom-  
 pto o bisarro Fidalgo : Naõ o sintais ,  
 senhor , que eu naõ perco por isso a  
 honra ganhada em tres feitos campaes  
 com setenta annos de idade ; nem vós  
 taõ pouco a gloria do que hoje obra-  
 tes , já mais ouvido de nenhum Prin-  
 cipe famoso.

As grandes accõs feitas por D.  
 Joaõ no reinado precedente , qualifi-  
 cavaõ bem quanto elle era digno do  
 Thro-

**Era vulg.** Throno , para que o nascimento lhe abrisse o passo , que o valor , e o merito faziaõ parecer de gigante. A cora-ge , que elle mostrára em Hespanha , e Africa , o fariaõ ser dos Castelhanos respeitado , dos Mouros temido. O dia do seu nascimento , que foi o da Invençaõ da Cruz , os seus vassallos contemplativos o conservavaõ na lembrança por prognostico fausto das victorias , que já conseguira em Arzila , em Ouguela , S. Felices , Ledesma , Alegrete , em Toro , e das que ainda esperavaõ tivesse sobre os inimigos da Fé , e do Estado. Estas gentilezas lhe ganháraõ o coração dos soldados , e os do Povo elle os attrahio , quando na vinda de seu pai da jornada de França , meditou na reverencia , com que lhe restituira o Sceptro , dizendo : Que elle tinha mais complacencia de tornar a vêr o Rei seu pai affentado no Throno , que a que lhe podia causar o dominio universal do mundo.

Vinte e seis annos de idade contava El-Rei , quando succedeo a seu pai , e hia em doze , que era casado com

com a Rainha D. Leonor, filha de seu Era vulg. tio o Infante D. Fernando, Duque de Viseo, e de sua mulher a Infante D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, com a qual se tinha recebido em Setuval a 22. de Janeiro de 1470. Deste matrimonio nasceo unico filho o malogrado Principe D. Affonso em Lisboa a 18 de Maio de 1475, que havendo de succeder a seu pai no Reino, a morte infeliz, e immatura, naõ só lhe arrancou da cabeça a Coroa de Portugal, mas a de todos os Reinos de Hespanha, de que sua mulher a Princeza D. Isabel, filha dos Reis Catholicos, tinha de ser herdeira. A Providencia porém, que punha todos os obstaculos para a uniaõ das Monarquias, que parece quer separadas, permittio que o Principe D. Affonso morresse sem successaõ da queda de hum cavallo, e que o mesmo succedesse depois á Princeza no parto do Principe D. Miguel, fallecendo o filho, e a mãi., que era segunda vez casada com El-Rei D. Manoel, como diremos nos seus respectivos lugares.

El-

Era vulg.

El-Rei D. João, que no estado de casado amava a D. Anna de Mendonça, Dama da Princeza D. Joanna, que depois foi Commendadeira de Santos, e era filha de Nuno Furtado de Mendonça, Aposentador Mór del Rei D. Afonso V. : teve della ao Senhor D. Jorge, que foi Duque de Coimbra, Mestre das Ordens de Sant-Iago, e Avis, senhor de Monte-Mór o Velho, Penella, e outras muitas terras. El-Rei D. Manoel casou a D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha do Senhor D. Alvaro, e foram pais de D. João de Lancastro, que tomou este Appellido em memoria da Rainha D. Filipa, mulher del Rei D. João I., e foi primeiro Duque de Aveiro, Chéfe desta grande Casa, que repetindo as infidelidades contra as Pessoas Sagradas dos Reis Fidelissimos da de Bragança, hoje está extinta, e incorporada na Coroa pela infelicidade do ultimo.

O novo Rei reconhecido á memoria de seu grande pai, immediatamente depois da sua morte cumprio para com ella os justos deveres na pompa fu-

funebre, e magestosa, que correspon- Era vulg.  
dia ás qualidades de tal pai, e tal fi-  
lho; na execuçaõ prompta, e exacta  
das mandas do seu testamento para  
mostrar quanto he louvavel nos Succes-  
sores a equidade no cumprimento das  
ultimas vontades, que os geráraõ;  
passando D. Joaõ, com exêmplo raro,  
tanto além das disposições expressas tes-  
tamentarias, que pessoa alguma das que  
servíraõ a seu pai, e elle se esqueceo  
remunerar, deixou de ficar sem recom-  
penza. Antes de entrar na expediçaõ  
dos negocios públicos, se applicou aos  
domesticos, provendo os Officiaes da  
sua Casa, e os empregos vagos na  
Monarquia.

Nomeou El-Rei para Condestavel a  
seu primo, e cunhado D. Diogo, Du-  
que de Viseo, filho de seu tio o In-  
fante D. Fernando, e irmaõ de sua mu-  
lher a Rainha D. Leonor: para Mor-  
domo Mór a Diogo Soares de Alber-  
garia, que teve por Successor a D. Pe-  
dro de Noronha: para Estribeiro Mór  
a Alvaro da Cunha, Alcaide Mór de  
Tavira, ao qual se seguíraõ Affonso  
de

Era vulg. de Albuquerque , depois Governador da India , e Diogo de Miranda : para Védor da Casa a Ruy Lobo , a quem succedeo Joaõ Fogaça , Commendador de Canha : para Camareiro Mór a Ayres da Silva , V. Senhor de Vagos , e depois d'elle Antaõ de Faria , Alcaide Mór de Palmela : para Guarda Mór a D. Rodrigo de Mello , Conde de Olivença , que teve por successores a D. Joaõ de Lima , filho do Vis-Conde D. Leonel , e a Ruy de Sousa , senhor de Sagres : para Mestre Sala a D. Pedro de Abranches , ao qual se seguiu Jorge de Mello : para Reposteiro Mór a Manoel de Mello : para Porteiro Mór a Gomes Ferreira : para Trinchante a Lopo da Cunha , Commendador de Serpa , e Moura : para Escrivaõ da Puridade a D. Joaõ da Silveira , Baraõ de Alvito : para Copeiro Mór a Fernaõ Annes de Lima , que no mesmo reinaro teve por successores a Estevaõ de Siqueira , e a Garcia de Mello : para Aposentador Mór a D. Henrique Henriques , e depois a D. Fernando Henriques.

Para Provedor das Obras do Paço **Era vulg.**  
nomeou El-Rei D. João a Henrique da  
Silveira : para Caçador Mór a Affonso  
Vaz de Brito : para Armeiro Mór a  
Agostinho Caldeira , que teve por suc-  
cessor a João Pestana : para Almota-  
cel Mór a Ruy de Sousa , senhor de  
Sagres , e a seu filho João Rodrigues  
de Sousa : para Alferes Mór a Fernão  
Telles de Menezes , Senhor de Unhão,  
ao qual se seguirão Lourenço de Faria;  
e seu filho Simão de Faria : para Al-  
mirante a Pedro de Albuquerque : para  
Fronteiros Móres das Provincias con-  
servou os mesmos , que seu pai havia  
nomeado , Alvaro da Cunha no Algar-  
ve , Gil Thomé Paes Entre-Douro e  
Minho , D. Alvaro de Castro , Conde  
de Monsanto em Lisboa , João Rodri-  
gues de Sá no Porto , João de Mello  
em Serpa , Vasco Martins de Mello  
em Castello de Vide , Alvaro de Sousa  
em Elvas , D. Duarte de Menezes ,  
Conde de Viana , em Béja , D. João  
Galvão , Arcebispo de Braga , na Beira :  
para Montei-ro Mór a Gonçalo Vas-  
ques de Castello Branco , que teve por suc-



Era vulg. successores a D. Diogo Fernandes de Almeida , e a Lourenço de Faria.

Nomeou para Coudel Mór a Francisco da Silveira , que havia succeder a seu pai Fernaõ da Silveira : para Marichal a D. Alvaro Coutinho : para Meirinho Mór a Ruy de Sousa , senhor de Beringel : Capitão Mór do Reino , e do Mar conservou a D. Martinho de Ataide , Conde da Atouguia , que o fora de seu pai : para Capitão Mór dos Ginetes a D. Fernaõ Martins Mascarenhas : para Adail Mór a Diogo de Barros : para Anadel Mór a Duarte Furta-do , que teve por successores no seu tempo a Antaõ de Faria , a Paulo de Freitas , e a Francisco Portocarreiro : para Chanceller Mór ao Senhor D. Alvaro , ao qual succedêraõ Ruy da Gran, e Joaõ Teixeira : para Secretario de Estado conservou a Ruy Galvaõ , que o havia sido del Rei D. Affonso V.

Igualmente atento ao esplendor , e conservação da Igreja Lusitana , El-Rei D. Joaõ nomeou para Graõ Mestre da Ordem de Christo ao Duque de Viseo D. Diogo , que teve por successor ao In-

Infante D. Manoel depois Rei : para a de Sant-Iago ao Principe D. Affonso seu filho , e o mesmo para a de Avís. Conservou Capellaõ Mór a D. Rodri-go de Noronha , Bispo de Lamego , Regedor da Casa da Supplicação , que o fora del Rei seu pai , e nomeou depois d'elle no mesmo emprego a D. Diogo Ortiz , Bispo de Tangere , e a D. Fernando de Miranda , Bispo de Viseo. Para Prior do Crato a D. Joaõ de Menezes , primeiro Conde de Tarouca : para a Collegiada de Guimarães a D. Fernando Coutinho , Bispo de Lamego , e do Algarve , Regedor das Justças.

Os Bispos , que nomeou no seu tempo , foram para Lisboa D. Martinho da Costa , irmão do Cardeal D. Jorge da Costa : para Lamego a D. Joaõ Madureira Camello da Silva , a D. Gomes de Miranda , e a D. Fernando de Vasconcellos , Capellaõ Mór, depois Arcebispo de Lisboa : para a Guarda a D. Garcia de Menezes , filho dos terceiros Condes de Viana , e a D. Pedro Vaz Gaviaõ , ou de Menezes,

Era vulg. zes , Capellaõ Mór : para Braga a D. Jorge da Costa , o Cardeal , e depois a seu irmão do mesmo nome : para o Porto a D. Diogo de Sousa , filho de João Rodrigues de Vasconcellos , senhor de Figueiró , depois Arcebispo de Braga : para Coimbra a D. Jorge de Almeida , filho do primeiro Conde de Abrantes : de Viseo já o era D. João Gomes de Abreo , que El-Rei elegeo seu Confessor , e morreo depois do mesmo Rei : para Evora a D. Affonso de Portugal , filho do Marquez de Valença do mesmo nome : para o Algarve a D. João de Mello , eleito Arcebispo de Braga , de que não tomou posse.

No mesmo anno da morte de D. Affonso , El-Rei celebrou Cortes em Lisboa , e em quanto ellas se ajuntavaõ , publicou em Evora , aonde então estava a Corte , hum Decreto severo , que lhe inspirava a desconfiança , de que as mercês amplas de seu pai o deixáraõ Rei quasi sem Reino , e que delle herdára o titulo , da terra os caminhos , da soberania o nome.

Cas-

**Cassava**, revogava, dava por nulos Era vulg. aquelle Decreto, ou Edicto geral, todos os Alvarás até então concedidos, fossem elles de mercês, fossem de graças, fossem de remunerações, e de empregos já dados, ou promettidos. Huma Lei, que privava aos Fidalgos da jurisdicção criminal, como toda ella era favoravel ao Povo, este ficou soberbo, a grandeza abattida, o Rei poderoso, mas aborrecido. Estes são os lances criticos, em que a prudencia adverte, que nem tudo o que a Magestade póde, deve poder a Magestade. Costumes, que estão enraizados, ainda que sejam abusos, dizia o Imperador Claudio, que não se arrancam por força. As resoluções fortes tomadas de repente sobre o commum, fazem huma comoção, que aballa: o que não succede quando labora a lentidão, que chega ao fim das cousas quasi sem sensibilidade.

Até as suas mesmas promessas houve El-Rei por não feitas, e então se estranhou tanto a delicadeza de humã resposta sua, quanto hoje a celebração

Era vulg.

diciosa a fama. Certo Fidalgo esperava humma mercê, de que El-Rei lhe dera palayra sendo Principe, e sentido da sua perda, teve a resolução de lhe demandar o cumprimento della. D. João, que estava bem longe dessa tenção, pondo na lingua todo o peso da Magestade, lhe disse: Os serviços, que se fazem aos Principes moços governados pela complacencia, e não pelo juizo, não só merecem o esquecimento, mas devem ser castigados como humma perfidia. Esta resposta, e a entrada das Justiças nas terras dos Senhores, o invento das homenagens, que juraõ, e daõ aos Soberanos os Alcaides Móres, e Fidalgos, tudo agora mettido em uso por El-Rei D. João, descobríraõ bem os fundos do seu espirito. He verdade, que os Grandes se lavráraõ este freio com a desordem da sua conduta, que não soffria igualdades, e atropelava os inferiores: abuso com que sopravaõ a vaidade de reopcar a figura da vassallagem com côres de Soberania, que pareciaõ desfigurar a verdadeira.

O Rei , cheio de espiritos para não Era valg. tolerar desmanchos , foi avançando as idéas do bom governo , sem se embaraçar com o resentimento dos queixosos. Elle enviou Commissarios pelas Provincias , que examinassem a fórma da administração da justiça ; que ouvissem sem distincção as queixas dos Povos ; que de tudo se lhe dèsse parte para provêr segundo as necessidades , e que as queixas de qualquer dos particulares da infima plebe , essas seriam para elle as merecedoras da primeira attenção ; pela sua Magestade amparados , por isso mesmo que a sorte os fizera desvalidos. Avançando maximas novas , que concebia a sua dexteridade , fez escolha para espias das mesmas Provincias , não a homens mercenarios , de condição baixa , pobres miseraveis , que vivem de mexericos , nem de humilde nascimento , que querem levantar-se sobre a ruina dos outros ; mas aos Varões qualificados , prósos , independentes , virtuosos , que só quizessem a felicidade da Pátria , e não a sua : para que elles o informassem das

Era vulg. occupaões da gente, do seu merecimento, o que diziaõ do seu caracter, da forma do seu governo, dos talentos do seu espirito, tudo com relação exacta, e fiel para se conduzir por ella nas cousas, que entendesse devia conservar; avançar, ou abster-se dellas.

Destas manobras resultavaõ no Principe dous effeitos, ambos estimaveis. O primeiro era o zelo, com que elle queria se respeitasse nos seus Ministros a authoridade, que elle lhes conferia, e por esta razão foi severo nas demonstrações contra aquelles, que recusavaõ obedecer-lhes. O segundo veio a ser o conhecimento pleno de todos os homens benemeritos da Monarquia para elle escolher os dignos dos empregos sem informes particulares de afeição, de interesses; dos padrinhos multiplicarem criaturas a expensas dos prejuizos do Estado. Infelices esses mesmos Officiaes informantes, se elles, como homens, se governavaõ alguma vez pelas paixões, ou se deixavaõ corromper da ambição, da avareza, dos  
maio.



maiores respeitos: que entãõ descarregava sobre elles inexoravel a severidade do Rei illuminado. Muitas vezes não era necessario, que dèsse golpes o Sceptro, nem que cortasse a espada. Humas reprehensões animadas pela Magestade, pezadas, e excitantes do pejo do infeliz, que as ouvia, ou ellas eraõ bastantes para os Ministros evitarem as reincidencias, ou para ficarem inhabeis de apparecer no mundo. He bom exemplo hum delles; que olhando mais para o que as partes tinhaõ, do que a sua justiça valia, chegando á noticia del Rei, lhe disse carrancudo: Tende conta em vós, eu sei que em vossa casa as portas estão fechadas, e que vós trazeis as mãos abertas.

Era vulg.

Era vultg.

## CAPITULO II.

*Resulta da revogação das gratificações, principio do desagrado com o Duque de Bragança, e primeiras navegações no tempo deste reinado.*

**A**S mesmas difficuldades que encontrou o Imperador Helio Pertinaz em derrotar as desordens introduzidas nas Cohortes Pretorianas, achou El-Rei D. Joaõ para vencer os abusos propagados em Portugal. As idéas da reforma sobiraõ a alto tom a murmuração dos Fidalgos, abertamente descontentes do Rei, e do seu Ministerio, quando víraõ, que as mercês pela maior parte eraõ revogadas; quando com algumas dellas tiradas a muitos, se remuneravaõ os serviços de outros; quando ouviaõ publicar, que as de maior vulto naõ tinhaõ recahido sobre merecimentos, mas as havia grangeado a industria, ou a protecção; quando sentíraõ descarregado o golpe sobre as suas jurisdições civís, e criminaes; quan-

quando o pôder da sua vasta justiça particular ficou opprimido debaixo das forças do commum ; quando aquelles , que então lhes dobravaõ o joelho , não só subditos , mas como escravos , lhes fallavaõ direitos ; em fim , quando percebêraõ as vozes , que enunciaavaõ , como o Rei não queria vassallos , que se contrafizessem Principes , e que em Portugal só D. João II. era Soberano. 1482

Eis-aqui a origem do delagrado do Rei com o Duque de Bragança D. Fernando II. do nome , e III. na ordem dos Duques. Ella mesma he huma prova da verdade , com que Mariana encarece os excessos dos Fidalgos das Hespanhas pelo amor da sua honra. O Duque D. Fernando , por todos os titulos respeitavel , fora em vida de seu pai Duque de Guimarães , que se conservou muito tempo na sua Real Casa , e além de Duque de Bragança , era Marquez de Villa-Viçosa , Conde de Ourem , de Barcellos , de Arraiolos , de Neyva , de Penafiel , e senhor de trinta Villas. Elle era casado com D. Isabel , filha do Infante , Duque de Vi-

**Era vulg.** Viseo, D. Fernando, irmã da Rainha reinante, e fazia huma róda illustrissima de parentes pelas allianças de seus irmãos, que eraõ D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, senhor das Alçovas, e do Peral, Condestavel do Reino, e marido de D. Isabel de Noronha, que era parenta de todos os senhores deste Appellido, como filha do Arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha: D. Affonso, casado com D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Sancho de Noronha, primeiro Conde de Odemira: D. Alvaro de Portugal, senhor de Tentugal, do Cadaval, de Alvayazere, e outtas terras, Regedor das Justicas, Chanceller Mór, vulgarmente chamado o Senhor D. Alvaro, que casou com D. Filippa de Mello, filha de D. Rodrigo de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, tronco dos Duques de Cadaval.

Tinha o Duque D. Fernando irmãos D. Isabel, que não tomou estado: D. Brites, que foi mulher de D. Pedro de Menezes, I. Marquez, e III. Conde de Villa-Real: D. Guiomar, que ca-

casou com D. Henrique de Menezes, Era vulg.  
 Conde de Loulé, e D. Catharina, que  
 esteve ajustada com D. João Coutinho,  
 III. Conde de Marialva, e não teve  
 effeito o matrimonio por morrer elle  
 em Arzila. Ao nascimento Real do Du-  
 que D. Fernando, a estas alianças bri-  
 lhantes se unia a oppulência da sua  
 grande casa, que resplandecia, não só  
 nas occasiões luminosas, mas ainda  
 nas mais ordinarias com pouca diffe-  
 rença da magnificencia dos Reis. A ex-  
 tenção dos seus dominios, os grandes  
 direitos, que tinha de representação;  
 e padroados, sobre tudo o seu alto me-  
 recimento pessoal, quando lhe ganha-  
 va o affecto da Corte para tomar par-  
 te nos seus interesses; tanta aggregação  
 de cousas era ella hum estímulo bem  
 capaz para despertar o ciúme, o cui-  
 dado, o receio de hum Rei, sobre  
 altivo, pouco afeiçoado; para o fazer  
 conceber perigosas as idéas do Duque,  
 que era neto de D. Affonso, instru-  
 mento da ruina de seu Avô o Infante  
 D. Pedro, Duque de Coimbra, morto  
 com violencia.

**Era vulg.** Seriaõ estas mesmas circumstancias taõ altas, que concorriaõ na pessoa do Duque D. Fernando, as que o fizeraõ entender que elle estava na situaçaõ de se queixar da injustiça, que El-Rei fazia á Nobreza com a publicaçaõ das novas Leis; que naõ sendo taõ duras no reinado de D. Joaõ I. em materia semelhante, affugentáraõ do Reino os primeiros Fidalgos, melhores servidores, para irem fundar casas illustres em Paizes estranhos, e comoveraõ toda a constancia, e amor do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que esteve nos termos de seguir os passos dos descontentes. O Duque obrigado a obedecer como os mais, rodeado porém das razões de resentimento, se presumio que era decente ao seu caracter pedir ao Rei com viveza a revogaçaõ da Lei; a grandeza d'elle naõ servio de embaraço para o Duque ouvir a resposta secca, e severa: que aos vassallos naõ pertencia penetrar as intenções do Sóberano: que huma obediencia cega ás suas vontades lhes convinha mais, que a ousadia de lhe per-  
gun-

guntar os porques; que se elles assim Era vulg. fenaõ conduzissem, hum Soberano conservava em si o direito de lhes fazer conhecer, que os Reis tem as mãos maiores, que os outros homens.

Assim se hiaõ dispondo os animos do Rei, e dos vassallos para agitações funestas, cada qual dos partidos attrahindo gente, que houvesse de dar corpo aos negocios intestinos do Estado. Naõ eraõ estes bastantes para impedir ao espirito vasto del Rei a importante consideração da utilidade de avançar os descobrimentos, de que se tiravaõ tantos consideraveis interesses, que os embarços da vida de seu pai tiveraõ suspensos. Elle se resolveo a proseguil-os com maior poder sem desistir do empenho, até levar a luz do Evangelho aos Paizes tenebrosos do mais remoto Gentilismo, e ao centro da barbaridade escura.

Com este desígnio já elle havia mandado a Sueiro Mendes á Ilha de Arguim: a construir huma Fortaleza para freio da Negrecia, donde se fizesse o resgate do ouro com mais segurança,  
af-



ira vulg. assim do que se extrahia das minas ; como do que se cambiava com os Mouros por meio do commercio. Como a experiencia mostrava a constancia dos interesses nesta parte de Africa , El-Rei , depois de Sueiro Mendes , havia mandado a ellas a Fernando Gomes , homem igualmente rico , que pratico no negocio , que com elle contratára continuar á sua custa este descobrimento , com a condiçaõ de lhe deixar livre o contrato do marfim. Bastáraõ dous annos deste commercio de Fernaõ Gomes para El-Rei formar idéa da importancia d'elle ; de quanto elle era interessante ao Reino ; de que tinha necessidade de o sustentar com maiores forças ; de que devia fazer-se senhor da navegaçaõ daquelles mares , para que ninguem lho perturbasse , e fez sobre esta materia huma consulta com bom número de Ministros intelligentes na materia , que propunha.

Sendo certo que os homens , que fazem todo o fundo da sua applicaçaõ nos Authores da Jurisprudencia , nos Mestres da Theologia , nos Doutores do

do Moral , nada pôdem , nem sabem Era vulg.  
 dizer da nautica , da guerra , e do  
 commercio ; El-Rei , apenas fez a pro-  
 posta , sentio trepidantes aquelles espi-  
 ritos na consideração de se sustentarem  
 huma viagem tão longa ; na dos pe-  
 rigos da navegação de outros mares ;  
 que deviaõ imaginar , não de agoa ,  
 mas de fogo ; na da perfidia dos Mou-  
 ros , como se fosse o mesmo ir com-  
 merciar com elles , que prégar-lhes  
 missaõ ; na do ar inficionado , que di-  
 ziaõ se respirava naquelles Paizes , aon-  
 de suppunhaõ a peste de viveiro ; em  
 fim , na da duvida de ir buscar conve-  
 niencias contingentes a troco de des-  
 pezas certas.

Pelo contrario os Cabos experimen-  
 tados , que tinhaõ sido testemunhas dos  
 interesses daquelle commercio ; que  
 haviaõ respirado os ares de Africa ; que  
 sabiaõ ser os Mouros na entidade fysica  
 huns homens como os outros ; que  
 conheciaõ a qualidade dos mares da-  
 quellas Cóstas ; e que a distancia da  
 viagem a figuravaõ como a da passa-  
 gem do Téjo : elles representáraõ a  
 El-

**Eta vulg.** El-Rei desprefasse os perigos imaginados, quando o homem em qualquer parte andava rodeado delles ; não se embarçasse nas considerações da intemperie do Paiz , aonde todos os dias estavaõ indo , e vindo Portuguezes , e aonde vivia gente ; nem reparasse em despezas , que sem ellas precederem no commercio , não se tiravaõ lucros ; que os designios , que queria emprender , os executasse logo para não se defraudar a si , e aos vassallos das vantagens evidentes ; que mandasse navios a Guiné , e segurasse o Paiz com fortificações.

Seguiu El-Rei este parecer , e no anno em que vamos fallando , mandou de Lisboa com huma armada a Diogo da Azambuja , bem acompanhado de Missionarios , e soldados , como Ministros , que fizessem inseparaveis os negocios da Religiaõ , e do Estado. Quiz El-Rei , que estes nòvos navegantes levassẽ tambem hum instrumento novo de navegaçaõ , até entãõ ignorado de todas as Nações do Univerſo. Elle escolheo para inventores  
do

do instrumento, que chamamos Astrolabio, aos Mestres Rodrigo, e José, seus Medicos, Astronomos célebres, ordenando-lhes conferissem o seu projecto com o habil Mathematico Martin de Bohemia, que se dizia ser discipulo do famoso João de Monte Regio. Vendo estes tres homens os erros, e enganosa da estimativa, em que cahião os navegantes; depois de muitas conferencias acháráo a maneira de navegar pela altura do Sol, de que fizerao as suas taboas pela declinaçao delle. Elles inventáráo o Astrolabio; e se nós houermos de crêr, que Ptolomeo o inventára antes, isso seria o Astrolabio dos Astronomos, sem a perfeiçao, que tem hoje, e que chamáráo Planisferio, em razao de representar no seu plano toda a doutrina das Esferas celestes.

O Astrolabio porém, inventado pelos Portuguezes para o uso dos Pilotos, he de cobre sem tanto artificio como o dos Astronomos; constando sómente de tres circulos concentricos, hum que aponta, e divide os 360  
grãos

**Era vulg.** grãos para tomar as alturas ; outro que dividido em 365 partes iguaes , marca os dias do anno ; e o terceiro , que em doze distancias com igualdade assignalla os doze Signos do Zodiaco , cada qual delles dividido em trinta grãos. Formado o Astrolabio , lhe fizerão o Annel suspensorio , ou aonde elle se suspende , por cima com huma regra movel , que nós chamamos *Declina* , aonde ha duas Pinnulas , com que se recebem os raios do Sol , e por ellas se encaminha o raio visuvial até ás Estrellas. A projecção da Esféra sobre hum plano Horisontal , dizemos nós Astrolabio Horisontal , que tem huma especie de roda , e no centro della está pegado o centro do Astrolabio ; representando a roda o Zodiaco com os doze Signos , e os grãos delles por hum circulo excentrico. A projecção da Esféra sobre o plano de hum Meridiano chamamos nós Astrolabio Catholico.

Todas as mais idéas nauticas occupáraõ as applicações daquelles tres homens intelligentes. Com a sua in-

venção maravilhosa para utilidade summa do Genero Humano, toda devida á habilitade Portugueza, os nossos Pilotos entráram a engolfar-se na altura do mar, regulando pelo curso dos Astros a sua carreira. Com este meio nós fomos os primeiros de todos os homens, que avançamos os descobrimentos a terras incognitas por mares nunca d'antes navegados: terras incognitas a todos os antigos, que não ouzavam navegar senão ao longo das Cóstaes, e perdida a terra de vista, elles se tinham por perdidos: terras incognitas aos Sabios Gregos, e industriosos Romanos, que tinham ao Mediterraneo por unico mar para as suas viagens; ao Estreito de Gibraltar por baliza das suas navegações; que muitos seculos tiveram por humã temeridade haver audacia, que rompesse as columnas de Hercules, aonde interpretavam o *Non plus ultra* por humã enunciativa, de que a terra se acabava sobmergida no Oceano, ou que nelle perderiam a vida errantes os que se engolfassem em hum mar sem tino, nem termo.

Era vulg.

A armada de Diogo da Azambuja pelo seu novo governo não houve mister mais de quarenta dias de viagem para ferrar na Córta de Ouro de Guiné a enseada de S. Jorge da Mina. Caramança era o Soberano daquelle Paiz, ao qual o nosso Chéfe mandou huma Deputação para o informar da sua chegada, e lhe pedir audiencia para tratar com elle os negocios, de que o encarregára El-Rei de Portugal seu amo. Obtida ella, desembarcado o Azambuja, arvorado na praia o Estandarte Real, e celebrado nas Regiões brutas o Sacrificio tremendo do Altar, que commove os seus Principes das trévas até então intrusos: o Chéfe Portuguez marcha á Corte de Caramança, que o recebe magelloso, e acceita agradavel os seus ares civís. Havida licença para fallar, em tom féro, e insinuante lhe diz: El-Rei de Portugal meu Soberano, Principe potentissimo do ultimo Occidente, dominante dos mares, Senhor de vassallos leões, me manda propôr-te, que a Religaõ Santa, que elle professa, he a unica verdadeira;

em

em que ha salvaçãõ em huma vida futura, que espera a todos os homens, e que elle te deseja fazer participante da sua felicidade na crença dos seus mesmos Dogmas para te estimar, como irmão : depois deseja tratar contigo huma amizade, e commercio effectivos, para o que he necessario nos permittas licença de edificar nas tuas terras huma Fortaleza, que sirva de abrigo seguro aos seus vassallos, que negociarem com os teus. Era vulg.

Caramança, que nas trévas da barbaridade deixava ver luzes de politico, e prudente, respondeo : Que elle não podia deixar de estimar por huma marca de amor aos homens da sua especie mandar El-Rei de Portugal de tão longe convidallo para as felicidades, que eria depois desta vida presente : Que como lhe dizia, que para as conseguir era necessario abraçar a sua Religião, elle não podia fazer esta mudança sem consultar os seus velhos Sábios : Que para o Commercio estava prompto, mas que duvidava na fabrica da Fortaleza, não succedesse ser ella o mo-



Era vulg. tivo de alguma alteração nos seus Povos. O Azambuja ; que queria resposta mais favoravel , apertou os termos , e concluiu , que nem trato , nem negociação podia haver entre os vassallos respectivos sem preceder a construção da Fortaleza. Rendeo-se Caramanica a estas formalidades , mandou marcar o terreno para a Fortaleza , que foi chamada de S. Jorge da Mina em attenção á grande devoção , que El-Rei tinha a este Santo , e ás minas de ouro , que havia nos seus contornos. Taõ copioso foi o Commercio , que concorreo logo á nova fundação de toda a Ethiopia ; e a povoação tantos moradores , que El-Rei lhe deo o titulo de Cidade , e depois ajuntou aos seus o de *Senhor de Guiné*.

A extensão do dominio , que nos fugeitava a Fortaleza , e Cidade de S. Jorge era de quasi setenta legoas entre os Reinos poderosos de Axem , e de Cara , quatro grãos e meio ao Norte da Equinocial na Córta de Ethiopia. O Forte constava de tres baluartes , e hum cavalleiro sobre hum rio para defen-

fender hum padraſto. A Cidade ficava Era vulg  
 pouco diſtante delle em ſitio doentio;  
 mas a abundancia do commercio em  
 quantidade de algaliã, muitos eſcravos,  
 e ouro finiffimo fazia toleravel eſte in-  
 commodo. No fim de dous annos vol-  
 tou Diogo da Azambuja a dar conta da  
 ſua commiſſão a El-Rei, que vendo o  
 fructo das diligencias nos groſſos in-  
 tereffes, que já lhe vinhaõ da nova  
 conquista, e ponderando os futuros,  
 que eſperava mais avultados, uſou da  
 fina politica de ſe fingir arrependido  
 do empenho, que empregára na con-  
 quista de Guiné.

Deſviar as outras Nações deſte tra-  
 fego, e naõ o entenderem os vaſſallos  
 intereſſante era toda a idéa do Rei aſ-  
 tuto. Para iſſo fez publicar, que na-  
 vegação ſemelhante naõ ſe podia fazer,  
 ſenaõ em embarcações ligeiras, capa-  
 zes da abordagem do porto pouco fun-  
 do, e que ella eſtava cheia de perigos.  
 Para lavrar melhor o eſtratagemã, man-  
 dou que os navios velhos de maior bu-  
 que foſſem carregados de materiaes pa-  
 ra as obras, e que depois de chegarem

**Bravulg.** a S. Jorge os despedaçassem para não virem ao Reino. Idéa, com que persuadia a nacionaes, e estrangeiros, que elles se haviaõ sobmergido na volta para Portugal, para que os primeiros não podessem alcançar os seus designios, e os segundos temessem os perigos de viagem tão arriscada.

### CAPITULO III.

*Os Castelhanos intentão perturbar o nosso Commercio de Guiné, mas sem effeito, e continúa a sêllo o interior do Reino a respeito do Duque de Bragança.*

**A**INDA que os Reis de Hespanha Fernando, e Isabel andavaõ occupados em negocios de alto caracter depois da morte de seu pai El-Rei de Aragaõ: que lhes levavaõ attenções as contendas affás pesadas de Navarra até a entrada no Reino de Francisco Febo, que viera de França a Pamplona, aonde foi jurado; que a guerra de Granada suspendia a expectação das gentes,

Era o objecto mais importante do cuidado daquelles Principes, especialmente depois que os Barbaros tiverão a fortuna de derrotar ao Marquez de Cadiz, ao Mestre de Sant-Iago, de fazerem prisioneiro ao Conde de Cifuentes, e a seu irmão D. Pedro da Silva: ainda que a industria del Rei D. João havia querido persuadir á Europa, que a navegação de Guiné era tão difficilzosa, como a da Lagoa Estigia na barca de Acheronte, ou a dos Argonautas na não de Jasson: os Castelhanos, não obstante estarem tão divertidos, nem fazerem caso dos estrepitos ruidosos, que persuadiaõ intractaveis os mares de Africa, elles pozeraõ na sua tística o Duque de Medina Sidonia para o fazerem author de hunta navegação a Guiné, que contrapesasse a nossa, e nos diminuísse as ganancias.

Em nome do Duque foi pedida permissão a El-Rei Duarte de Inglaterra para nos portos do seu Reino se esquipar huma frota, a que a fama publica dava destino differente do verdadeiro. El-Rei D. João, que vigiava tanto

nos

**Era vulg.** nos movimentos das Cortes estrangeiras, como nos da propria, foi sabedor do fim, aonde se dirigia aquelle apresto, que derrotava as suas maximas de prevenção, e com o pretexto de renovar as allianças antigas entre a sua Corte, e a de Inglaterra, mandou a Londres com o caracter de Embaixadores a Ruy de Sousa, e a João de Elvas, que foubéraõ negociar effe-ctivamente com aquelle Soberano. A sua dexteridade lhe persuadio os desígnios da armada, que se aprestava em vóz do Duque; os justos titulos porque ao Rei seu Amo pertencia a conquista de Guiné; as excommunhões, que a Sé Apostolica tinha fulminado sobre os Principes, que o perturbassem nella: tudo intimado com tanta efficacia de razões, que o Rei Inglez convencido prohibio com penas severas, que se trabalhasse na armada.

Derrotados por este meio os intentos dos Castelhanos; El-Rei entrou em novas suspeitas a respeito do Duque de Bragança descontente, e dos mais Fidalgos seus alliados: scena formi-

amável, que desfigura toda a gentileza do reinado de hum Príncipe, que chamaõ Perfeito. Antes que o desprazer se manifestasse rotura, El-Rei quiz fazer observações diffimulado, e pretextou divertimentos nas terras do Marquez de Monte-Mór, Condestavel do Reino, e irmão do Duque. O Marquez, que para viver separado de seu irmão, fora mandado para ellas desterrado, e por isso estava resentido, não obstante a sua dôr recebeo a El-Rei com huma pompa brilhante. Se no fundo das intenções dos Reis he permitido entrarem discursos dos vassallos, de todas as manobras até qui usadas por D. João, e das muitas que depois metteo em uso, se dizia, que todas as finezas da sua politica a nada mais se encaminhavaõ, que a enfraquecer o partido do Duque, o dos Grandes Senhores do Reino, para desterrar os sustos panicos, com que a debilidade de homem imagina dependente a Magestade de Rei.

A condição ardente do Marquez estimulado pelo desterro, agora mais pe-

Era vulg.

**Era vulg.** pela visita , bem pôde ser , segundo dizem , que concebesse idéas altivas reprovadas pelo Duque seu irmão , e por outros do corpo da Nobreza , que elle quizeria comover , e intentasse susten-tallas com o poder da Corte de Castella , com quem tinha alliança tão estreita , e que ainda não concebêra satisfação cabal das intenções del Rei , que em fim guardava no Reino a sua rival respeitavel a Princeza D. Joanna. Como quer que seja , D. João convocou Cortes em Evora , aonde determinou , que entre outros negocios , se examinassem os titulos das mercês , que haviaõ feito os Reis seus predecessores , como fermento azedo , que tinha bem de actividade para levedar a maça da Nobreza.

Naquellas Cortes , depois de hum discurso longo , que fez o Chanceler do Civel Vasco Fernandes de Lucena , mandou El-Rei fazer a nova fórma de homenagem , para que até entãõ não havia Lei , nem Regimento. O primeiro que practicou este acto por si , e como procurador do Duque de Viseo

D.

D. Diogo, que então estava de refens *Era vulg.* em Castella, foi o Duque de Bragança. Depois d'elle seu irmão D. Alvaro pela sua pessoa, pela do Marquez de Monte-Mór, e pelo Conde de Fâro seus irmãos. Depois destas solemnidades até então estranhas á Nobreza, foi a ida del Rei ás terras do Marquez de Monte-Mór, como disse, que o recebeo de galla, levando El-Rei ainda o luto de seu pai: politica do Marquez, que foi remunerada com huma reprehensão dura, e castigado o encontro, que então teve com o Arcebispo de Braga D. João Galvão com outro exterminio além do Téjo em Castello-Branco.

Juntos estes motivos de defabrimento á reprovação das confirmações geraes, que até então se praticavaõ, e então se ordenou fossem particulares ás pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, aos Mosteiros, e Igrejas, ás Cidades, e Villas do Reino: estas graças separadas, e a entrada dos Corregedores del Rei pelas terras dos Donatarios com expresso desprazer do Duque,



**Era vulg.** que , e mais Senhores , principiáraõ a perturbar os animos , que entráraõ a ter por pezado o governo de hum Rei feliz. O Duque , que queria mostrar-lhe pelos titulos da sua casa , como os seus predecessores haviaõ merecido as gratificações recebidas dos Reis passados , para á vista dellas sustentar a sua justiça , mandou a João Affonso seu Mordomo , que do Archivo de Villa Viçosa lhe trouxesse os Originaes. Já a este tempo o Duque , sem que se nos diga com que intenções , havia dado parte do que se passava a seu respeito , de seus irmãos , e parentes aos Reis Catholicos , que até aquelle tempo não deixavaõ perceber inclinação a favor de alguma das partes , e estas Cartas do Duque com as suas respostas saõ as que tem de ser origem de catastrofes funestos.

João Affonso encarregou a seu filho a commissão do Duque , e este elegeo para socio nella a Lopo de Figueiredo , que já fora criado da Casa de Bragança. Elle achou no Archivo do Duque as suas cartas para os Reis  
Ca-

Catholicos juntas com as respostas ; e **Era vulg.** por entender cumpria á sua fidelidade descobrillas a El-Rei , ou por lhe parecer a occasião propria de ganhar fortuna , as tirou dissimulado , e as trouxe a Lisboa para instruir a El-Rei no motivo dos desgostos do Duque. Este Principe as fez copiar pelo seu Secretario Antonio de Faria , e ordenou a Joaõ Affonso , que com a mesma cautela , com que as havia tirado do Archivo , fosse a Villa Viçosa a metel-las nelle. Lopo de Figueiredo tem dado o grande passo , que podendo bem ser não encontrasse algum tropeço se o movesse occulto , a sua publicidade foi a causa de tantos precipicios , quantos se vão a vêr nesta Historia.

Contra a Corte de Castella affectou El-Rei D. Joaõ a primeira bateria, e lhe fez o fogo pela parte mais sensivel. Elle ordenou , que a Princeza D. Joanna sahisse do Convento de Santa-rém ; que apparecesse na Corte ; que se publicasse como entrava em ajustes para a casar com Francisco Febo , Rei de Navarra , que elles estavam nos ter-  
mos

**Era vulg.** mos de se concluir , e que o Rei Luís XI. de França era interessado nesta negociação. Quando os Reis Catholicos se sobprendiaõ de huma novidade taõ estranha , que rompia os laços do Tratado precedente , entrava pela sua Corte com o caracter de Embaixador D. Joaõ da Silveira , Baraõ de Alvito , para lhes representar : Como o Rei de Portugal seu Amo naõ podia convir , que seu filho o Principe D. Afonso , e a Infante D. Isabel sua futura esposa , e filha delles Reis , estivessem mais tempo com a Duqueza de Viseo D. Brites de refens na Villa de Moura , que de veraõ era muito doentia : que os Principes haviaõ vir para a Corte , ou para melhor lugar ; e que se Suas Magestades nisso naõ conviessem , se desmanchasse o ajuste dos refens , voltaße a Infante para Castella , e se recolhesse a Portugal o Duque de Viseo D. Diogo.

Nada differio por entaõ o Rei D. Fernando a huma proposta , que entendeo se encaminhava a declarar a guerra , e porque a frente , que se lhe  
fa-

fazia com a Princeza D. Joanna, elle Era vulg.  
naõ a podia contrarrestar com força  
mais vigorosa, que a de conservar  
como refens em seu poder os primei-  
ros Principes de Portugal. O Baraõ,  
que nada conseguia, se recolheo, sem  
querer acceitar as grandes mercês dos  
Reis, que ficavaõ atonitos, como ig-  
norantes dos successos, dos motivos,  
que tinha a Corte de Portugal para  
fazer na sua officios semelhantes. D.  
Joaõ pouco satisfeito da falta de re-  
solução de Castella, por suppôr aos  
Reis Senhores das suas instrucções  
mais occultas por meio da communi-  
cação do Duque de Bragança, tornou  
a mandar Ruy de Pina ao Mosteiro  
de Guadalupe, aonde estava a Corte,  
para reiterar com os Reis as mesmas  
instancias. Negociou este Ministro com  
tanta dexteridade, que conseguiu a en-  
trega mutua dos refens, que valia tan-  
to como dar por desfeito o contrato  
do casamento dos Principes; mas pa-  
ra córar a negociação, pedio com  
maior dote a Infante D. Joanna por  
ser filha segunda, como se a sinceri-  
da-

**Era vulg.** dade permittisse o cambio de huma Senhora com fundamentos provaveis de vir a ser herdeira de Hespanha por outra dotada com mais humas poucas, ou muitas moedas.

1483

Quando se mettiaõ em uso estas intrigas, a Rainha de Portugal teve hum máo successo, que foi occasião de a visitarem seu irmão o Duque de Visco, já restituído ao Reino, o Duque de Bragança, e outros muitos Senhores. Aproveitou El-Rei a conjuntura para se declarar com o de Bragança, fazello descobrir culpado, confessar o crime, e dar lhe mostras, que se satisfazia se o visse arrependido. Para isso, chamando-o de parte sem mais testemunha, que D. Fernão Gonçalves de Miranda, Bispo de Lamego seu Capellaõ Mór, lhe disse: Mui honrado Duque, quanto vou a dizer-vos he verdadeiro: eu tenho descoberto a vossa perfidia, os vossos designios contra o Estado, mesmo contra a minha pessoa, e as intelligencias occultas, que tendes com o Rei de Castella; faizei troca de acções, e uni com os meus

os

os vossos sentimentos : se as alianças , Era vulg. que tendes comigo , vos faz entender , que vos privaõ da ordem de vassallo , essas mesmas vos devem obrigar a se- res de mim inseparavel : se vos inquie- taõ as minhas ultimas Leis , he acçaõ bem propria de quem sois , sacrificar os vossos interesses á obediencia para dares della hum exemplo signifiante ao Reino : em fim , sabeí que de quan- to obraís no retiro mais secreto do vosso gabinete , de tudo estou informa- do : cuidai em corrigir-vos , que Eu naõ quizera com hum homem do vos- so nascimento usar de expedientes mais fórtes , que esta advertencia affectuosa, e sincera.

O Duque , que ou a consciencia naõ õ accusava , ou se tinha algum le- ve escrupulo o entendia reconcentrado no asylo sagrado do peito do Rei de Castella , respondeo constante : Que elle naõ merecia as suspeitas injustas , que se faziaõ da sua impreterivel fide- lidade , filha bem legitima do seu nas- cimento , e caracter : Que conhecia ser o primeiro dever da sua honra amal-

**Era vulg.** lo, servillo, e ter-lhe a reverencia devida de Rei, como seu vassallo, que era: que a correspondencia effectiva, que conservava com o Rei D. Fernando, naõ era intrigante, mas hum effeito proprio das allianças estreitas, que com elle tinha: que elle naõ se oppunha ás suas Leis, ainda que naõ negava haverem-lhe escapado algumas palavras de resentimento justo, por se vêr despojado dos estimaveis privilegios, que os Reis seus predecessores lhe haviaõ concedido em remuneraçaõ dos serviços relevantes, que sempre lhes fizera a sua Casa: que hum Principe taõ generoso, como elle, naõ devia fazer calo de palavras sentidas, quando sahiaõ de hum coração no seu serviço officioso, efficaz, e fidelissimo.

Depois que no Reino se soube esta resposta do Duque, elle a teve por leal, e verdadeira; mas o Rei, que sabia dissimular, estimando-a hum fingimento, lhe deo demonstrações de satisfeito. Como os poderosos sempre tem inimigos grandes, naõ faltou quem dicesse, que o Duque tivera a admoes-  
ta-

taçaõ del Rei por falta de valor; por Era vulg.  
 medo, que concebia delle; por se re-  
 cear del Rei de Hespanha, e que disso  
 capacitára ao Duque de Viseo, e a  
 seus irmãos nas conferencias, que ti-  
 véraõ no Vimieiro. Tambem publicou  
 a calúmnia, que estes Senhores ajus-  
 táraõ entre si resistirem á entrada dos  
 Corregedores, quando era certo, que  
 estas, e outras demonstrações fórtes,  
 sendo dellas manutendor o Marquez de  
 Monte-Mór, todos os outros Princi-  
 pes, e Fidalgos as impugnáraõ; re-  
 solvendo, que na situaçaõ mais criti-  
 ca, elles de sorte alguma haviaõ de-  
 fobedecer a El-Rei, antes na conster-  
 naçaõ ultima tomariaõ o partido de se  
 desnaturalisar, como em muitas occa-  
 siões tinhaõ praticado Portuguezes do  
 seu caracter. As primeiras vozes falsas  
 fizéraõ impressaõ no animo del Rei,  
 que por evitar entaõ as contingencias  
 do successo, assegurou ao Senhor D.  
 Alvaro, que elle suspendia a entrada  
 dos Corregedores nas terras dos Dona-  
 tarios.

Esta politica durou pouco em El-  
 D ii Rei,



**Era vulg.** - Rei, que não tardou em usar de outra bem perigosa, qual foi a de ordenar se observasse naquella materia á risca, quanto havia determinado. Todo o mundo entendeu logo, que esta ordem se encaminhava a buscar hum pretexto, que servisse aos seus desígnios; a tecer na face das gentes huma desculpa ao seu projecto, que era castigar como rebelliaõ a falta de observancia á mesma ordem. Nasceu esta resolução severa de se haver persuadido a El-Rei, especialmente os dous irmãos Gaspar, e Pedro Jusarte, que entaõ foraõ premiados com muitas mercês, e o ultimo obteve o Senhorio de Arrayolos: como na Casa do Duque em Villa Viçosa estivéra disfarçado o Castelhana Tristaõ de Villa Real, que da parte do seu Rei viéra negociar com elle as instancias, que devia fazer ao de Portugal para conseguir que lhe entregasse a pessoa de D. Joanna com o fim delle Duque a tratar em sua Casa como Princeza; mas fazendo-a viver Religiosa; e para que consentisse, que os Castelhanos promiscuamente

te com os Portuguezes podessem com- Era vulg.  
 merciar em Guiné : porque não con-  
 vindo El-Rei nestas propostas, D. Fer-  
 nando tinha motivos justos para lhe  
 declarar a guerra , e os vassallos des-  
 contentes occasião de mettêrem os Cas-  
 telhanos nas suas terras , e elles depois  
 passarem para Hespanha a segurar as  
 pessoas.

## CAPITULO IV.

*Negociações de Castella na Corte de Por-  
 tugal , e outros successos , com o da  
 prisão do Duque de Bragança.*

**Q**UANDO o Duque de Bragança , o  
 seus irmãos D. Alvaro , e o Conde  
 de Fâro divertiaõ ao Marquez de  
 Monte-Mór ; tambem ser irmão , as  
 perturbações , que a sua paixão cega  
 intentava atizar na Pátria ; o Rei de  
 Castella não podia dissimular , que a  
 Princeza D. Joanna sua competidora  
 houvesse sahido do Convento ; que sen-  
 do Religiosa , tivesse pensamentos de  
 casar ; que não a fizessem recolher a  
 cl-

**Em vulg.** elle; e que a estar fóra, não fosse em poder do Duque, ou de algum de seus irmãos, como se havia ajustado no Tratado ultimo. Esta pretensão de D. Fernando fazia confirmar a El-Rei na certeza de ter havido a negociação occulta, que o Duque fora tratar á Vidigueira com o disfarçado Tristaõ de Villa Real, e que se dizia elle levára para Castella mettida em huma bolla de cêra. Tudo El-Rei attribuia aos humores aballados do Duque, que para instrumentos de avançar os designios, se quèria servir da pessoa da Princeza D. Joanna: motivo superabundante para elle em nada differir ás pretensões do Rei Catholico nesta parte.

Em quanto estes futuros se preveniaõ, El-Rei em lances taõ criticos, quando cuidava em descartar-se do Duque a todo o custo, fosse em attenção á segurança da sua pessoa, fosse para vingar neste neto do Duque D. Affonso a morte injuriosa de seu Avô, o Infante Duque de Coimbra D. Pedro, fosse por presumir tinha justiça para não deixar de usar de severidade in-

inflexivel contra taõ alta pessoa : elle Era vulg. recebeo em Santarém , donde havia chegado de visitar em Aveiro sua irmã a Infante Santa D. Joanna , a noticia , de que estava em Avís o Prior do Prado , Confessor do Rei Catholico , depois Arcebispo de Granada , que vinha com o caracter de seu Embaixador. Sem demóra veio El-Rei a Avís para saber , que negccio trazia a Portugal o Prior D. Fernando de Talavera , que em discurso breve lhe propôz como a paz entaõ firmada na entrega , e posse dos altos Refens , que a seguravaõ , naõ deviaõ ter mais garante , que a palavra Real dos dous Soberanos : que por esta razaõ os Príncipes retidos em Moura com a Duquesa de Viseo , era tempo de voltarem , o Principe D. Affonso para a Corte de Portugal , a Infante D. Isabel para a de Castella : que o Duque de Viseo D. Diogo já estava neste Reino , e seu irmão D. Manoel logo viria para elle , tanto que a Infante sabisse.

Na mesma occasiaõ se desfez o casamento destes dous Príncipes ; mas  
pro-

**Era vulg.** procedeo-se a novo ajuste do mesmo D Affonso com a Infante D. Joanna, filha segunda dos Reis Catholicos por mais dez contos de réis do que havia trazer D. Isabel : com condiçã porém, que se ella estivesse por casar, quando o Principe tivesse idade de o fazer, que entã em lugar de D. Joanna, contrahiria com ella o matrimonio. Celebrados estes ajustes, para receberem o Principe em Moura, e o trazerem á Corte, nomeou El-Rei ao Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, ao Chanceller Mór Joãõ Teixeira, ao seu Confessor Fr. Antonio, da Ordem de S. Francisco, que com o Embaixador de Castella foraõ para Moura, e El-Rei veio esperar o Principe a Evora. Dizem, que a esta Cidade lhe viera trazer Pedro Jusarte a instrucçã, que levára a Castella o disfarçado Villal-Real ; que lhe revelára muitos segredos importantes ; que desde logo ficára resoluta a prisãõ do Duque, que nada menos elle receava, ainda que a restituicãõ dos refens o privava do apoio mais firme para a sua tranquillidade.

Com

Com bem pouco apparatus estava o Duque na Villa de Portel, quando passáraõ por ella para Moura os Ministros nomeados. Elle lhes mostrou complacencia extrema da vinda do Principe, e lhes pedio o aconselhassem se tocava aos seus deveres ir elle mesmo a Moura servillo, e acompanhallo á Corte, se entendiaõ que nisso agradaria a El-Rei. Todos assentáraõ, que esta acçaõ era propria da sua grandeza: mas fazendo depois reflexaõ no genio do Principe, lhe mandáraõ do caminho hum expresso com aviso desta determinaçãõ do Duque; pedindo-lhe instrucçaõ do modo, com que se haviaõ conduzir. El-Rei com huma apparencia vistosa se deo por muito satisfeito do obsequio, que em seu serviço queria fazer o Duque, conduzindo o Principe, e hospedando-o nas suas terras: tudo com vozes taõ doces, e suaves, que ninguem podia entender se occultava o aspide nas flores desta carta. O Duque foi o primeiro, que se encheo com ella do prazer summo, que fez evidente na magnificencia da jornada de Moura até

Era vulg.:

**Era vulg.** até Evora , donde logo sahio El-Rei com gente armada para o prender no mesmo acto de receber o Principe , e o não fez á vista da confiança , com que o Duque , desprezando muitos avisos , para que não entrasse em Evora , se mettia sem perturbação na Cidade.

A tranquillidade do animo do Duque ainda deixou passar em festejos o dia seguinte á entrada do Principe , que era vespera do Corpo de Deos ; e o agrado , que se via no semblante do Rei , fez que o Duque não dêsse credito a huma carta de seu irmão o Marquez de Monte-Mór , que lhe pedia sahisse de Evora , e se pozesse em seguro. Dentro na Cidade , aonde se tinhaõ dado as ordens para elle ser preso na sua entrada , quando se fizesse certo final , o segredo andava entre muitas pessoas , e algumas o participáraõ ao Duque. Se nelle haviaõ crimes , a consciencia o accusava taõ pouco da sua gravidade , que ninguem lhe percebeo perturbação pelo infortunio , que o esperava : taõ firme a sua constancia , que no conceito das gentes , ella era huma prova  
ter-

terminante da sua innocencia; ella fazia notar de injustiça a sua accusação; ella estimulou a Nobreza a interessar-se a seu favor ao mesmo tempo, que com modos ternos, e compassivos, com representações heroicas, e sublimes.

Era vulg.

O rumor crescia tanto na Corte, que era o objecto de todas as conversações, já derrotado em negocio tão grave, quanto nelle o segredo de Estado queria fazer de mysterioso. Todos pareciaõ consternados, menos o Duque, que vencia o rumor com a corage, e só com a sua companhia entrou no Paço dia do Corpo de Deos a 29 de Maio para se despedir del Rei, e pedir licença para se recolher ás suas terras. Elle estava em despacho com os Desembargadores; recebeo ao Duque com agrado; mandou vir cadeira, em que se assentou, e na sua presença despachou alguns negocios. A Infante Duquesa de Viseo, sogra del Rei, e do Duque, tinha vindo a Evora conduzindo os Principes, e seu filho D. Diogo havia ido acompanhar até á frontei-



ca' vulg. teira a Infante D. Isabel , que se recolhia a Castella. Acabado o despacho, El-Rei ficou só com o Duque , e este não quiz perder a occasião de se justificar para desfazer o ruido , que entendia nascer da perversidade dos seus emulos.

Com os affectos expressivos , que o coração mandava á lingua , o Duque disse ao Soberano a consternação do seu espirito ao perceber os éccos da calumnia , que em huma pessoa do seu caracter desfigurava a candura do zelo , e a ingenuidade do affecto , com que elle se empregava no Real serviço: que tantas vozes perdidas bastavaõ para o deshonnar na face do mundo , que o teria em conta de vassallo infiel , de parente trahidor , quando a Casa de Bragança da Época do seu estabelecimento até entãõ , em nada cuidava tanto , como em se mostrar aos seus Reis parenta officiosa , vassalla fidelissima : que instantemente lhe pedia não dèsse ouvidos aos officios abominaveis dos seus emulos , antes contra elles requeria huma justiça taõ rigorosa,

fa, quanto era alta a pessoa, que el- Era vulg.  
 les atacavaõ, e grave a materia, em  
 que a offendiaõ. A esta proposta res-  
 pondeo El-Rei de hum tom firme: Eu  
 quero bem fazer justiça; eu vo-lo pro-  
 metto: e sobindo com o Duque a hu-  
 ma torre do Paço, elle mesmo o pren-  
 deo nella, e o entregou a Ayres da  
 Silva, e a Antaõ de Faria para o guar-  
 darem com cautela vigilante. O pri-  
 meiro destes Fidalgos, para o consô-  
 lar, lhe disse, que daquella demonst-  
 traçaõ del Rei proveria a elle Duque  
 maior honra, e naõ devia por isso  
 entristecer-se, ao que o Duque respon-  
 deo: Que os homens, como elle, naõ  
 se prendiaõ para se soltarem.

Preso o Duque por El-Rei na mes-  
 ma Casa Real, que lhe déra o ser, a  
 honra, a grandeza, foi logo chamada  
 a Conselho a gente de maior authori-  
 dade, que se achava na Corte. Ao  
 mesmo tempo o Povo, que ouvio di-  
 zer estava o Duque prezo por trahidor,  
 correo em bandos ao terreiro do Pa-  
 ço; pedindo justiça contra elle. Entre  
 tanto no Conselho formava El-Rei o  
 pro-

**Era vulg.** processo do Duque, allegando as culpas, que contra elle tinha, e provando-as, como se diz, com a cópia das cartas extrahidas do seu Archivo; e com as instrucções, que podêraõ haver os seus accusadores. Determinou-se por entaõ, que a pessoa do Duque se guardasse com segurança; que de tudo se dêsse parte a El-Rei de Castella, e que se mandasse tomar posse das Villas, e Castellos da Casa de Bragança. He caso insolito, digno de reflexaõ, que trinta Praças guarnecidas, de que o Duque era senhor, sem apparecer á vista dellas a pessoa del Rei, bastou ser ouvida a voz do seu preceito para naõ haver entre os seus Alcaides Mórres hum só, que fizesse a menor resistencia; mais attentos aquelles Chêfes, e moradores á fidelidade devida ao seu Rei, que á observancia dos juramentos dados ao Duque, de quem as haviaõ recebido.

O Marquez de Monte-Mór, que estava nas Alcaçovas, com a noticia da prisaõ fogio para Castella, e da terra de Campos mandou á Marqueza, sua mu-

mulher , fosse para Sevilha. O innocente Era vulg.  
 Conde de Fâro , vendo hum irmão  
 preso , outro fogido , como homem  
 temeroso se retirou para Andaluzia ,  
 como honrado afflicto em poucos dias  
 perdeu a vida. Ao quarto irmão o Se-  
 nhor D. Alvaro permittio El-Rei , que  
 sahisse de Portugal , promettendo de  
 lhe mandar as suas rendas a qualquer  
 parte , aonde se estabelecesse , menos  
 ás Cortes de Roma , e Castella , que  
 lhe pôz interdictas. Elle partio com o  
 destino de peregrinar a Jerusalem; mas  
 sendo taõ grandes as honras , com que  
 os Reis Catholicos o recebêraõ , ellas  
 o fizeraõ esquecer a obediencia força-  
 da , e mandando ir para Castella a sua  
 mulher , e filhos , aquelles Soberanos  
 em desconto dos seus bens por esta  
 causa confiscados , o fizeraõ. Presidente  
 do Conselho Real de Castella , seu  
 Contador Mór , senhor do Estado de  
 Gelves , Alcaide Mór de Sevilha , e  
 de Andujar.

A Infante Duqueza D. Isabel avisa-  
 da da prizaõ de seu marido , no mesmo  
 instante mandou para Castella a seus  
 fi-

Era vulg.

filhos D. Filippe , D. Jayme , D. Deniz , e deixou na sua companhia a Senhora D. Margarida , que falleceo poucos annos depois. Os Reis Catholicos tratáraõ aos tres Principes com a grandeza correspondente ao seu Real caracter ; e quando levavaõ mudos todo o catastrofe do Duque , em acções de magnificencia extraordinaria com seus filhos , e irmãos desapprovavaõ quanto se praticava em Portugal com a cabeça da sua familia , que com brevidade esperavaõ ouvir dizer fora cortada. Os Fidalgos se dividíraõ em sentimentos. Os poucos inimigos do Duque descobríã hum affectaçaõ de melancolia magnanima , que se queixava do Rei lhes naõ permittir , que o seu valor fosse quem castigasse no Duque os crimes atrozes , que comettêra contra o Real decóro. Outros poucos contemplativos davaõ graças a Deos com ais maviolosos , por haver permittido se descobrisse a perfidia , que a laborar mais tempo occulta , carretaria ao Rei, e á Pátria calamidades tristes.

Pelo contrario o número maior ,

ou quasi todo o corpo da Nobreza , Era vulg. que não podia crêr na galla brilhante do Duque a nodoa feia da infidelidade ; elle se arroja aos pés do Rei , e lhe pede , que mande tomar entrega de todos os Fórtes , Villas , e Castellos , de que elles eraõ senhores , todos os bens da Coroa , que possuiaõ , e que além deste penhor , offereciaõ as cabeças , tudo para segurança da lealdade do Duque dalli em diante , a que toda a Nobreza ficava responsavel ; que em attençaõ a ella , usasse de hum lance forte , esforçado da sua clemencia innata , digno delle , proprio de Rei ; que mandasse soltar ; que deixasse viver o Duque. A dissimulaçaõ em público recebeo com circunspectaõ o requerimento , em particular foi notado de audaz ; mas a mesma circunspectaõ se necessitou a deixallo indeciso. Ainda se ignorava como na Corte de Castella seria recebido este successo ; devia-se ganhar tempo para assegurar as terras do Duque , que com qualquer resistencia perturbariaõ muito ; e pedia a prudencia , que se affectasse

**Era vulg.** hum espirito de tranquillidade, que fizesse não desespérer a conclusão de hum ajuste.

Entretanto o ardor del Rei, que se queria prevenir aos movimentos já concebidos contra D. Diogo, Duque de Viseo, seu cunhado, que logo temos de vêr outro despojo lamentavel, não tanto das forças da justiça, quanto dos impulsos da cólera; elle o mandou vir ao quarto da Rainha sua irmã para o arguir, e lhe perdoar. Tendo-o El-Rei presente como co-réo nos crimes do Duque de Bragança, e do Marquez de Monte-Mór, seu irmão, com o semblante revestido de magestade lhe lembrou: que elle era filho do Infante D. Fernando seu tio, irmão da Rainha sua mulher; mas que estas relações não o desobrigavaõ de conhecer os perigos, em que o involveria a sua falta de fidelidade, e obediencia: que elle tomava por testemunha a Rainha presente para em tempo algum se não queixar, de que deixára de o advertir: que em attenção a esta irmã, e á memoria daquelle pai lhe perdoava

va as faltas passadas, não se fiando em Era vulg. razão alguma, com que se quizesse desculpar, se commettesse as possiveis, e futuras. A Rainha respondeo a esta mercê del Rei com expressões tocantes de agradecida; o Duque com hum silencio respeitoso, que nem confessava culpa, nem accitava o perdaõ.

Conservava El-Rei a politica de indifferença, em quanto se informava do que succedia em Castella, do que se passava na entrega das Praças do Duque, para tomar pelas côres dos semblantes as medidas, ou de o punir, ou de o soltar. O silencio, que foi observando nos Reis Catholicos, o teve por huma prova de convicção de serem verdadeiras as Cartas achadas no Cartorio do Duque; que assim ata a desgraça as pontas dos indicios, quando quer perseguir hum infeliz. As Praças se entregáraõ como diffemos; e vendo-se El-Rei desaffombrado dos sustos de Castella, sem resistencia alguma em Portugal, elle determina que com o sangue do Duque de Bragança se apague no seu interior o incendio



**Era vulg.** dos receios de que lhe arranquem da mão o Sceptro tão firme. Então foram chamados a Évora muitos Ministros de justiça, e na testa delles Ruy da Gran por primeiro Juiz. João de Elvas foi nomeado Procurador del Rei, e do Duque Diogo Pinheiro, depois Bispo do Funchal, e Affonso de Barros. Em quanto se formava o Libello contra o Duque, e se provava com os depoimentos de Pedro Jusarte, Lopo de Figueiredo, Affonso Vaz, João Velho, Lopo da Gama, Diogo Lourenço, Jeronymo Fernandes, e Fernão de Lemos, que se entendêraõ testemunhas desinteressadas incapazes de faltar á verdade: o Povo, ou melhor informado, ou compadecido do Duque, clamava contra os Reis de Castella por se mostrarem insensíveis ao espectáculo eminente de se vêr derramar ás mãos de hum verdugo o mesmo sangue Real, que circulava nas suas veias reaes, e poderosas.

Foi o Juiz á prizaõ do Duque examinallo, e apresentar-lhe o Libello, fazendo-lhe saber: que elle estava con-

yen-

vencido de perturbador do Governo do Era vulg.  
seu Soberano , e que da sua pessoa fal-  
lava sem respeito , e com injúria : que  
das palavras elle passava ás acções , en-  
tretendo com o Rei de Castella intel-  
ligencias perfidas , e perniciosas : que  
esquecido das razões de parente , e da  
obrigação de vassallo , quanto o seu  
Principe lhe mostrava em confiança ,  
elle o communicava nas partes , don-  
de lhe podia vir o maior damno : que  
naõ ignorando de vêr manifestar ao  
Rei as intrigas perversas do Condesta-  
vel Marquez de Monte Mor seu irmão ,  
elle as cobria de muitos véos , como  
se fossem os mysterios mais adoraveis :  
que da difficuldade da entrega dos Re-  
fens da ultima paz era elle o Promo-  
tor taõ efficaz , quanto na retenção  
dos Principes contemplava de interes-  
sante aos seus designios : que só elle  
tinha sido a causa da perturbação , que  
os Castelhanos tinhaõ causado ao Rei  
na navegação de Guiné : que elle pre-  
venia os Estados do Reino para se op-  
porem nas decisões das Cortes aos sen-  
timentos justos do Soberano ; e que sen-

**Era.vulg.** sendo tão duro com os seus proprios vassallos, depois de os tratar com injustiça, lhes fechava todas as portas, para que os seus clamores não entrassem á presença dos Juizes legitimos, que podiaõ remediallos.

O Duque com a mesma constancia com que ouvio estes cargos, disse a Ruy de Pina, que estava presente: Ide dizer a El-Rei meu Senhor, que na situação, e no tempo em que está o Duque de Bragança, replica a quanto acaba de ouvir com as palavras de David: Senhor não entreis com o vosso servo em Juizo, porque na vossa presença vivente algum será justificado: que lhe persuadissem, como a sua causa não devia ser julgada por Desembargadores, mas por Principes, e Duques, que fossem como elle. A nada destes requerimentos se differio. O Duque foi sentenciado como os outros homens, e na presença de seu Senhor não encontrou justificação este vivente, quando se entrou com elle em juizo. Foi o Duque sentenciado á morte. Tanto esperava elle por este

Acor-

Acordaõ, que sendo chamado para as- Era vulg.  
sistir á repergunta das testemunhas,  
mandou a Ruy de Pina fosse dizer a  
El-Rei : Que elle acabára de se con-  
fessar, e Commungar ; que estava com  
o seu Confessor o Padre Paulo tratan-  
do cousas do espirito, e da eternida-  
de ; que essas para que o chamavaõ  
eraõ temporaes, do mundo, do seu  
Reino, aonde só elle era Juiz ; que  
as julgasse como bem lhe parecesse,  
e que para isso a sua pessoa naõ era  
necessaria.

A sala, aonde se havia dar a senten-  
ça, mandou El-Rei guarnecella de pan-  
nos de raz, que representavaõ a justi-  
ça mandada fazer pelo clemente Im-  
perador Trajano no revoltoso Dece-  
balo, Rei dos Dacios. Dous dias in-  
teiros gastáraõ os Ministros em profe-  
rir os seus pareceres decisivos ; que  
tanto tempo necessitáraõ as conscien-  
cias para depôr os remorsos, que ne-  
cessariamente havia fazer nellas hum  
negocio taõ carregado no pezo pro-  
prio, como no das suas consequencias.  
Em fim, presente o Rei, na fôrma das  
Leis

**Era vulg.** Leis Patrias , e Romanas , acordáraõ unanimes os votos : Que o Duque de Bragança D. Fernando , II. do nome morresse mórte natural , sendo degollado na Praça de Evora publicamente, e que perdesse todos os seus bens , assim os patrimoniaes , como os da Coroa , para o Fisco Real. Naõ pode entaõ El-Rei occultar a ternura , a sensibilidade de homem ; negar-se aos officios da natureza ; deixar de arguir a Dignidade Real , que pelas suas razões de Estado o forçava a fazer á Justiça hum sacrificio involuntario da sua clemencia : sacrificio taõ duro , que o obrigava a consentir se abandonasse ao juizo dos homens o merecimento de hum Principe seu cunhado , e que a sua cabeça fosse entregue ás mãos de hum verdugo.

Naõ estava a sentença firmada , quando El-Rei se revestio destas exterioridades apparentes , que quiz fazer criveis em huma como plena effusaõ do coração , que persuadia aos Juizes as dúvidas , que tinha , se as próvas dos indicios seríaõ cathegoricas ; se

o processo bem formado ; se o Duque Era vulg. digno de morte : que elles deviaõ pezar os seus votos mais , e melhor nas balanças do Santuario ; fazer huma attenção mais séria no merecimento da causa ; reparar attentos , que nella se interessava quanto na sua Real Pessoa havia de grande , de reputavel , de magestoso. Como os Ministros estavam bem instruidos , que estas vozes del-Rei se desconformavam muito do fundo das suas intenções , todos se calláraõ , tivéraõ o Acordaõ por muito bem lançado , como provava o seu silencio ; menos Diogo Pinheiro , que respondeo intrépido : Senhor , he contra a disposiçaõ de Direito , contra a equidade assistir a Real Pessoa de Vossa Alteza aos termos deste negocio ; quando V. Alteza he olhado como parte contra o Duque. Se este desembaraço de Diogo Pinheiro attrahira tanto a attençaõ Régia , como levou depois o louvor público , a Historia do Rei D. Joaõ II. naõ se tistaria agora com esta noçoa , nem talvez que depois com outra mais feia.

Era vulg.

Finalmente o Duque , sem se lhe dizer para que , foi conduzido á Praça de Evora , e o mettêraõ nas casas de Gonçalo Vaz dos barãos , assim chamado por ser elle o unico , que na Cidade vendia cordas. Aqui soube o Duque o a que hia , quando vio o seu Confessor o Padre Paulo , que o esperava para o confortar no acto de se lhe lêr a sentença , que nessa mesma manhã do dia 20 de Junho se havia executar : Prevenção saudavel para os homens da plebe ; mas desnecessario conforto para se intimar a morte a hum Duque de Bragança , rodeado por hum lado de Christandade , pelo outro de heroísmo. Depois delle ser conduzido da prizaõ do Paço para casa de Gonçalo Vaz dos barãos com semblante alegre , montado em huma mula levando Ruy Telles de ancas abraçado com elle , e cercado de gente armada , não lhe restava que temer em largar a meia vida , que lhe ficára. A chegada do Duque á Praça era o signal para se entrar a trabalhar no cadafalso junto ás paredes da Igreja de San-

**Santo Antão**, e em huma varanda até á janella das casas de Gonçalo Vaz, por onde havia sahir o Duque. Intimou-se-lhe a sentença. Elle estava preparado para morrer. Tornou a repetir os mesmos actos; dispôz o que respeitava á sua Augusta Familia, e sem já mais se lhe perceber declaração, de que morria culpado, fez na ultima hora saber a El-Rei :

Que elle não cuidava em justificar-se na sua presença, mas em empregar os instantes nos esforços da resignação, com que recebia humilde a morte, bem merecida pelos seus grandes peccados, e desordens da vida passada, de que era reponsavel só a Deos; Que elle em si mesmo estava sentindo os golpes da mão suave, que o tocava; que a adorava occulta, e não podia deixar de agradecer a S. Alteza o tempo, que lhe havia dado para receber desta mão aberta a liberalidade, que enche de bençãos a todo o animal: que nada o confundia, senão padecer hum genero de morte honrada, tão desconforme em tudo á ignominiosa,

que

Era vulg.



Era vulg.

que padecia o Redemptor sendo Deos; e por isso na desigualdade nada o consolava, senão a submissão profunda ás permissões divinas, e aos decretos humanos: que como elle morria, a cólera se soffocasse, sem produzir outros effeitos na sua familia, que tanto lhe tocava; que muito lhe merecia, para que a chamma não ateasse mais incendio que aquelle, que hia a esconder-se nas cinzas do seu sepulcro: Que a mesma graça lhe pedia para seus irmãos, e que tapasse os ouvidos ás suggestões dos seus inimigos, lisongeiros d'ellos, que sobião ás alturas para arrojarem dellas os Gigantes, e ficarem os fulminantes dos opprobrios occupando com ludibrio as eminencias: Que elle morria gostoso na certeza, de que se Sua Alteza aprofundasse as informações respectivas ao merecimento daquelles perseguidores, acharia huma innocencia irreprehensivel, que lhes inclinasse huma justiça bem differente, da que com elle se praticava: Que elles eraõ taes, que se esquecerião do genero da sua morte,

te, sendo irmão, quando vissem, que Era vulg.  
a fidelidade de vassallos era nelles conhecida: Que só esta consideração da desgraça não merecida dos seus o magoava; que em quanto ao mais, o Duque de Bragança não o transportava ir morrer em hum cadafalço, porque El-Rei queria, quando elle pelo servir, por vontade propria, tantas vezes arriscára a mesma vida nos combates.

## CAPITULO V.

*Da morte do Duque de Bragança, D. Fernando II., e successos depois della.*

**D**AVAÕ as dèz horas da manhã do dia 20 de Junho do anno, que trato, quando o Duque D. Fernando appareceo como réo sobre o cadafalço na praça de Evora, que estava bordada de tropas para impedirem, que alguém intentasse livrallo das mãos da Justiça, animados pelo clamor da sua innocencia, pela estranheza das vozes, que di-

**Era vulg.** Convento de S. Domingos. Os mesmos politicos, que escondião as lagrimas, e disfarçavaõ a dôr, não acabavaõ de louvar o zelo dos Conegos, que antepunhaõ o exercicio da sua caridade a todos os outros respeitos. El-Rei não fallou tres dias, e descobrio no luto rigoroso, que sentia homem a justiça, que em seu primo, e cunhado o Duque de Bragança acabava de fazer Rei.

Este foi o fim tragico do memoravel Duque D. Fernando II., que não teve em Portugal mais inimigos, que aquelles que o eraõ do Estado; por amigos a todos os servidores fieis do seu Soberano: em todas as suas acções taõ próbo, que se fez amar dos iguaes, respeitar dos inferiores, venerar dos bons, temer dos criminosos. As suas qualidades unidas ao nascimento lhe attrahiraõ os corações. Fosse[m] ellas, ou a reputação de grande Capitaõ, de valente soldado, adquirida nas expedições de Africa; fosse[m] os grandes cargos, que occupava, ou a alliança dos Principes de alto caracter, com quem se pren-

prendia : elle não violentou o genio Era vulg  
 para viver conforme ao do Rei , que  
 governava , entendendo que no seu rei-  
 nado bastava ser quem era para se lhe  
 continuarem os agrados do precedente.  
 Enganou-se , e em si sentio , que no  
 primeiro foi exaltado a huma estima-  
 ção summa , no segundo abattido a hum  
 summo vilipendio. A gravidade o fez pa-  
 recer sedicioso , a circunspecção lhe  
 deo o nome de trahidor , ser tão apa-  
 rentado , e tão grande , neto do pri-  
 meiro Duque D. Affonso , inimigo do  
 Infante D. Pedro , lhe mereceo odio  
 de graça , que o fez morrer por justi-  
 ça.

Soou pelo mundo o ecco deste ca-  
 tastrofe , e até hoje tem sido raros os  
 politicos de complacencia , que appro-  
 vassem este esforço do poder. Daquel-  
 la Época vem a nós correndo o rui-  
 do imparcial , de que a morte do Du-  
 que de Bragança foi hum parto do odio,  
 da vingança , do rancor do Rei de  
 Portugal : que os crimes , que contra  
 elle se publicárao , todos foraõ sup-  
 postos , e inventados , sem provas

**Era vulg.** constantes, nem indícios vehementes: que foraõ suspeitosas as cópias extrahidas das cartas do Duque, naõ se eduzindo dellas mais que humas consequencias ligeiras, indignas de se tomarem para assumpto da morte de hum Principe taõ grande: Que as testemunhas, que eu deixo nomeadas, ellas eraõ as benemeritas de passarem pelas mãos dos carrascos pelo seu soborno, pelos seus crimes, pelos seus escandalos: circumstancias abominaveis para semelhantes pessoas serem confrontadas com hum Duque de Bragança: que no seu processo, nem as Leis, nem os costumes do Reino se observáraõ, e por isso da accusação á execucao foraõ os dias taõ poucos, quando huma causa desta natureza requeria discussaõ longa: que andando á luz do dia o odio, que El-Rei mostrava a tudo o que tinha nome de Bragança, como era possivel esconder, que a morte do seu Duque fora hum effeito daquelle odio?

Quanto eu acabo de dizer he tirado da bocca de Ruy de Pina, de Resende, de Damiaõ de Goes, de Dio-

go de Mello Pereira, de Mariana, de Fr. Jeronymo Roman, de Antonio de Lebrija, de Jeronymo de Zurita, e de hum quantidade de Authores sem serem Portuguezes, nem Hespanhoes. Eu só me admiro, que em hum conjuraçã tal, que envolvia os interesses de Portugal, e Castella; que a fomentava hum Rei como D. Fernando, e hum Duque como o de Bragança, só este fosse o conjurado; não houvessem socios; co-réos, interessados no mesmo crime; que morresse o Duque, e se acabasse a conjuraçã; não se fallasse mais nella, nem houvessem outras consequencias além da desconfiança del Rei com todos, de todos com elle; de passar o resto da vida aborrecido hum Principe tão amavel, e de chegar ao fim della, não sem suspeitas de ser a morte fabricada; de tudo o que he consolaçã humana tão desamparado, que não tinha filhos, nem parentes, lastimosamente morto o unico herdeiro da quèda de hum cavallo no meio dos prazeres da sua voda, que lhe trazia a successã dos Reinos de Hespa-

**Esta vulg.** nha: golpês pelados, com que a mão de Deos quiz purificar os seus defeitos para lhe dar o premio das suas grandes virtudes, que soube exercitar arrependido.

Já D. Manoel, irmão do Duque de Viseo D. Diogo, tinha vindo de Castella, aonde estivera em refens, e sendo vivos com prioridade de nascimento vários herdeiros da Coroa, as disposições, que com elle praticava El-Rei, pareciaõ huns pressagios da successão, que a Providencia lhe destinára. Elle lhe pôz logo casa de Principe, e nomeou por ayo a Diogo da Silva de Menezes, depois Conde de Portalegre: deo-lhe huma educação sublime, criou-o na sua mesma cama como filho, e destinou para sua Devisa a Esfera, como se já o mettesse na posse dos descobrimentos do Universo, de que tinha de ser author.

Poucos dias depois da morte do Duque, El-Rei partio de Evora para Abrantes, aonde foi notificado da parte do Papa Xisto IV. para apparecer em Roma em pessoa, ou na de seus pro-

procuradores , a fim de responder ás *Era vulg.*  
accusações , que o Clero , e as Igrejas  
do Reino fizeraõ contra elle. Funda-  
va-se esta queixa na privação dos privi-  
legios , e isenções Ecclesiasticas , que os  
Canones concediaõ aos queixosos. Es-  
te procedimento inquietou os espiritos,  
que ignoravaõ houvesse El-Rei dado cau-  
sa para elle , e se entendia effeito de  
alguma empreza extraordinaria. Co-  
mo El-Rei aborrecia ao Cardeal da  
Costa , por entender faltava ao respei-  
to devido á sua Soberania , elle foi ti-  
do pelo agente desta naõ ouvida novi-  
dade , com que o Papa sobprendido  
queria sobmetter a pessão do Rei á ju-  
risdição do seu Tribunal. Como o Car-  
deal Arcebispo de Lisboa , temeroso  
de ir ao fundo do Téjo , depois que  
vio lançar nelle a pedra , em que já  
fallamos , havia buscado o azylo de  
Roma , aonde era taõ estimado do Pa-  
pa , como em Portugal menos atten-  
dido do Rei. Este Principe , naõ con-  
tente de se desculpar pelo mesmo Nun-  
cio , que trouxe o Breve , nomeou por  
Embaixadores , que desabusassem o Ché-  
fe



**Em vulg.** fe da Igreja, ao Coudel Mór Fernal da Silveira, e ao Doutor João de Elvas.

O Cardeal informado do destino desta Embaixada, que se dirigia a derrotar-lhe o crédito bem estabelecido em Roma, e a estimação, que devia ao Papa, tanto trabalhou pela revogação do emprazamento, que a conseguiu, e com ella a suspensão da partida dos Ministros nomeados. Estes, e outros negocios, que occorrêraõ em Abrantes, não divertíraõ El-Rei da resolução de praticar com a estatua do Marquez de Monte-Mór, Condestavel de Portugal, o mesmo que mandára fazer em Evora á pessoa do Duque de Bragança seu irmão. Elle se havia retirado a Castella, e podendo a retirada fazello esquecido, para a injúria da memoria foi lembrado. Com todas as ceremonias do costume em actos semelhantes, quando na realidade se executao, appareceo em hum cadafalfo a estatua do Marquez armado como Condestavel. Fora-o despojando das insignias, degradando das honras,

e hum verdugo cortou a cabeça postica, que no oco levava hum vaso para mostrar a invenção de sahir delle sangue depois do golpe, e representar o do Marquez. Se o que descarregou o cutelo o não ferio, elle em Castella sentio o da affronta, que sem derramar o sangue, perdeu a vida. Era vulg.

Tanta severidade no Principe, a que não estava costumados os Portuguezes, derramou hum terror universal, não havendo alguém, que deixasse de se temer suspeito. Todos os homens desconfiava, e El-Rei desconfiava de todos. A confiscação dos bens de D. Alvaro contra a palavra, que se lhe dera, ainda que elle ficára em Hespanha, foi outro assumpto da murmuração, e se affentava que o odio contra a Casa de Bragança não se extinguia. As visitas de Provincia em Provincia para observar as Praças do Duque, e o animo dos homens, se alguns do Povo, que se tinha por vexados se eslimava, as outras gentes não a soffria. Em Aveiro se demorou mais a Corte para tratar o caso-

men-

Era vulg. mento da Infante Santa Joanna com D. Diogo, Duque de Viseo; mas esta Senhora, que havia desprezado as tres Coroas mais poderosas da Europa, impressaõ alguma lhe podia fazer o ser Duqueza.

Conselheiros abominaveis principiáraõ a dispôr em Santarém o animo del Rei para fazer, que este Principe infeliz, irmão da Rainha, fosse objecto de outra lástima semelhante á do Duque de Bragança, ainda mais escandalosa. A mesma qualidade de suggestores induziráõ este Principe de alto caracter a aborrecer a El-Rei para ser elle o instrumento, que deaggravasse a todos os que se imaginavaõ offendidos. Como se não ajustou o casamento do Duque com a Infante D. Joanna, teve pratica outro com D. Leonor, filha natural del Rei e Castella, que não duvidava dar-lhe em dote huma grossa quantia de dinheiro pela bem fundada esperança, de que algum dia veria esta filha assentada no Throno de Portugal. A idéa desta aliança, que traziaõ ao Duque hum  
apoio

apoio tão consideravel , qual era o Era vulg.  
 del Rei D. Fernando , facilitou aos  
 espiritos revoltosos tratar com o Du-  
 que se fizesse cabeça do seu partido  
 para vingarem na vida do Rei a mór-  
 te do Duque de Bragança , e as mais  
 severidades da sua condição austera.

De quanto se tratava foram com-  
 plices , e sabedores , o Bispo de Evora  
 D. Garcia de Menezes ; seu irmão D.  
 Fernando , que não gostou de ouvir  
 tratar o abominavel parricidio ; Fer-  
 naõ da Silveira , Escrivão da Purida-  
 de ; D. Guterre Coutinho , filho do  
 Marechal ; D. Alvaro de Attaide , ir-  
 mão do Conde de Atouguia ; seu fi-  
 lho D. Pedro de Attaide ; D. Lopo de  
 Albuquerque , Conde de Penamacor ,  
 e seu irmão Pedro de Albuquerque ,  
 Alcaide Mór do Sabugal. O Duque  
 ambicioso de reinar , arrebatado do  
 fervor da idade , condescendeo ao pro-  
 jecto infame de desoccupar o Throno  
 do Rei actual , e do direito do Prin-  
 cipe successor com a vida de ambos :  
 O Throno , que a Providencia lhe ti-  
 nha destinado , se elle antes de tem-  
 po ,

Era vulg. po , e por modo taõ indigno naõ o pretendêra. O segredo vil repartido entre tantos , chegou á noticia de Diogo Tinoco , que alimentando a sua baixaza com os fructos do procedimento de sua irmã Margarida Tinoca, amiga do Bispo de Evora , nestas aguas envoltas pescou a sua fortuna, soube-se fazer rico , e fez-se célebre , como succede nestes casos.

Achava-se a Corte em Setuval , quando o Bispo revelou o segredo á amiga , ella ao irmão , este a Antaõ de Faria para o communicar a El-Rei ; mas sem as circumstancias individuaes da conjuraçaõ , e conjurados. Succedeo entaõ , que D. Guterre Coutinho , instrumento principal do crime execravel , ferido do horror , que os casos desta natureza costumãõ imprimir nos espiritos , já duvidoso , hesitante , e como arrependido , communicou tudo a seu irmão D. Vasco Coutinho. Facilitou-se D. Guterre a esta communicaçãõ por saber, que D. Vasco era hum dos queixosos del Rei ; que por isso estava resolutõ a sair do Reino

pa-

para servir a Principe, que lhe pagas- Era vulg.  
 se melhor; que como irmao adorna-  
 do de bellas qualidades lhe seria fiel  
 em tao grande desigño, e que a isso  
 o obrigaria a esperanza de ser mais  
 bem recompensado pelo Duque de  
 Viseo designado Rei. A politica honra-  
 da de D. Vasco, que queria instruir-  
 se em tudo, nao teve mais razao pa-  
 ra duvidar, que fingir nao bastarem  
 elles ambos para levarem ao fim hum  
 tal projecto, e que era necessario at-  
 trahir amigos.

D. Guterre mais confortado se  
 abriu todo com D. Vasco. Elle lhe  
 declarou quem era o Chefe da con-  
 juracao, quaes os conjurados, com  
 todos os modos, e circumstancias pre-  
 vistas para sabirem della. O illustre D.  
 Vasco, mais illustre por obrar o que  
 devêra, quando mais offendido se  
 considerava do seu Rei, por meio de  
 Antao de Faria solicitou fallar-lhe, pa-  
 ra mostrar ao mundo ser hum vassallo,  
 que sabia preferir a conservacao da  
 vida do seu Principe, e a tranquillida-  
 de do Estado á da vida, e interesses  
 de

**Era vulg.** de seu mesmo irmão, da sua propria fortuna, e resentimento. Elle pessoalmente declarou a El-Rei quaes eram os seus inimigos, que intentavam matallo á ponta do ferro barbaro, levarem o Principe D. Affonso para Cezimbra á discrição do Duque de Viseo, que o faria Rei se quizesse, ou lhe daria o destino, que lhe parecesse, e que Sua Alteza para evitar hum caso tão fatal se prevenisse.

Como El-Rei depois da morte do Duque de Bragança tinha augmentado a sua guarda com huma tropa de ginetes, de que fez Capitaõ a Fernão Martins Mascarenhas, sem fazer novidade, cuidou em andar acautelado, e ordenou a Fernão Martins, que nunca o perdesse de vista. Em tres occasiões intentaram os trahidores sacrilegos executar na pessoa Real os seus intentos. A primeira descendo huma escada fingio D. Pedro de Ataide, que tropeçava para dar lugar a D. Guterre, que vinha pouco distante del Rei, a metter-lhe a espada; ao estrondo da queda voltou o Principe colerico, e perguntou

toú com enfado, que movimento era *Era vulg.*  
o seu. Deículpou-se D. Pedro com o  
casual tropeço; mas El-Rei lhe tornou  
com o mesmo império: tende conta  
em vós, vede não cahais. Ao mesmo  
passo observou, que D. Guterre hia  
pegando na espada; mas o semblante  
feróz do Rei, que por então não quiz  
fulminar mais, de tal sorte atemorizou  
o trahidor, que suspendeo a resolução,  
não succedesse mostrar sem effeito, que  
o era.

Passeando no campo a cavallo per-  
cebeo El-Rei movimentos semelhan-  
tes. Com dissimulação encoistou elle a  
garupa ás paredes da Igreja da Anun-  
ciada, certo em que covardes infames  
não o haviaõ atacar pela vanguarda,  
para assim dar tempo a Fernão Mar-  
tins de chegar com os ginetes. O ter-  
ceiro encontro havia ser no mar, quan-  
do voltasse de Alcacere do Sal para Set-  
tuval; mas avisado por D. Vasco, fez  
a jornada por terra, e entrou em Set-  
tuval a 22 de Agosto. A entrada feliz  
del Rei foi o motivo, que obrigou o  
Duque de Viseo a recolher-se a Pal-  
me-



Era vulg: mela, com o pretexto de ir ver a Du-  
queza sua mãe, donde dizem escrevê-  
ra logo aos conjurados estranhando-lhes  
a pouca resolução, que deixára per-  
der tres occasiões opportunas: que a  
môrte del Rei não permittia dilacões,  
porque se chegasse a saber as suas in-  
tenções, seria inexoravel no perdaõ:  
que em taes lances a temeridade era  
valor, que ensinava a atropelar a or-  
dem vulgar, com que os successos de  
outra natureza seprehendiaõ; e que  
para se animarem a hum arrojo heroi-  
co, bastava a consideracão, de que  
todo o mundo os louvaria por ving-  
adores de hum tyranno, libertadores da  
Pátria, e promotores do bem públi-  
co.

El-Rei, que se occupava dos mes-  
mos sentimentos; que soubera tinha  
marchado D. Alvaro de Ataide a San-  
tarem para se encarregar da pessoa da  
Princeza D. Joanna, logo que fosse in-  
formado do parricidio, para com esta  
prenda se empenhar o Rei de Castel-  
la, que entretido na guerra gloriosa de  
Granada, em nada menos se occupa-

va , que nas revoltas de Portugal ; lo- Era vulg.  
go no dia seguinte ao da sua chegada,  
que era o de 23 de Agosto , mandou  
chamar o Duque a Palmela, que veio  
afflicto , como que presagiando o ca-  
tastrofe , que o esperava. O Duque ,  
ainda que consternado , era muito po-  
litico para deixar de obedecer a esta  
ordem , e naõ obstante trazer gravada  
em si a face do crime , entrou na an-  
tecamara del Rei com o rosto taõ se-  
reno , como se elle fosse o mais inno-  
cente , o mais fiel , o mais officioso  
dos seus vassallos. A porta do Gabinet  
tinha El-Rei prevenidos a D. Pedro  
de Eça , Alcaide Mór de Moura , a  
Diogo da Azambuja , e a Diogo Men-  
des do Rio para testemunhas da au-  
diencia , que tinha de dar ao Duque.

Naõ gastou El-Rei com elle mui-  
tos cumprimentos. Como ficáraõ sós,  
e a porta estava fechada , o Soberano  
sem mais lembranças , que as que costu-  
ma ter qualquer homem , que deixa  
correr a cólera sem freio , lhe pergun-  
tou : primo , vós que farieis a quem  
soubesses , que intentava tirar-vos a vi-  
da ?

**Era vulg.** da ? Discorrêsse , ou não o Duque no intervallo breve , que a sua dependia de reposta prompta , que o fizesse entender innocente , elle disse com firmeza sem demora : Senhor , eu lhe tirára a sua primeiro , se podesse. Vós mesmo vos haveis julgado , replicou El-Rei , e tirando de hum punhal , pela propria mão matou ao Duque seu primo irmão , e cunhado. Causa justa deo elle a El-Rei para a sua indignação ; mas o Rei , que o tinha seguro no seu quarto para prendello , e processallo conforme a justiça ; todos os séculos não tem podido até agora apagar a nodoa delle obrar Rei indignado , ser Juiz , e Executor na causa propria. E se houver de sobir mais alta a consideração , hum Principe moço , póde ser que mal preparado para morrer , sem se lhe dar tempo de expiação , de reconciliação com Deos , matallo sem preparo , na duvida de se perder ; que direito sem impiedade o permittio já mais aos Juizes Catholicos ?

O cadaver esteve occulto em quanto

to se fechavaõ as portas da Villa, se Era vulg.  
 postavaõ guardas dobradas, sahiaõ ba-  
 tedores ao campo, se publicavaõ pre-  
 gões horrorosos, que deolaravaõ a con-  
 juracão, com penas severas aos que  
 escondessem, ou dessem passagem aos  
 conjurados. Na madrugada foi o corpo  
 levado em humas andas cobertas de ne-  
 gro á Igreja, aonde esteve até a tarde  
 exposto á vista do povo. A todo o in-  
 stante crescia a desordem; os morado-  
 res da Villa, e do campo pegáraõ nas  
 armas sem advertirem o para que; mas  
 individuados os motivos do successo,  
 a fidelidade Portugueza clamava por  
 justiça contra os co-réos do crime do  
 Duque morto. El-Rei mandou logo fa-  
 zer hum actõ pelo Juiz Nuno Gonçal-  
 ves, e por Gil Fernandes, Escrivaõ  
 da sua Camara, em que elle fez a ac-  
 caõ digna de hum Principe justo, e  
 severo, submettendo-se á formalidade  
 da Lei, sujeitando-se a ser o primeiro  
 que fosse perguntado a respeito dos fa-  
 ctos, e artigos allegados, e depois del-  
 le D. Vasco Coutinho, e Diogo Tino-  
 co, que justificáraõ a morte do Duque.

Est. vulg.

Immediatamente mandou El-Rei trazer á sua presença a D. Manoel, que estava enfermo, e veio occupado do temor, que o semblante do dia funesto introduzira nos mais robustos. Depois de lhe mostrar muito agrado, El-Rei lhe disse: Que elle matára ao Duque seu irmão, porque este atentára ingrato contra a sua vida: que ficando vagos para a Coroa todos os seus bens, desde já lhe fazia delles mercê, e doação perpetua, como a filho, que muito amava: que se succedesse morrer o Principe sem successão, o nomeava por herdeiro destes Reinos; e que nas desgraças, que lhe succedia, elle attribuia a castigo dos peccados proprios o que era de culpas alheias. Ditas estas, que o tempo mostrou parecerem profecias, D. Manoel, e o seu ayo Diogo da Silva, que estava presente, beijárao a mão a El-Rei com lagrimas mutuas, que nascidas de taes origens, são expressões bem improprias dos affectos no semblante da Magestade. Ao mesmo Principe mudou El-Rei o Titulo, que havia ter de Duque de Viseo no  
de

de Duque de Beja, senhor de Viseo, *Era vulg.* ajustando com elle a troca das Villas de Serpa, e Moura, que queria para si, e lhe deo em sua vida a propriedade da Ilha da Madeira.

Depois de tomadas estas precauções, mandou El-Rei ao Doutor Nuno Gonçalves do seu Dezembargo, e ao Escrivão da sua Camara, Gil Fernandes fossem a Palmela notificar á Infante D. Brites a morte de seu filho; lhe fizessem saber a causa della; os justos motivos que tivera para não usar com elle formalidades; a resposta, que na sua mesma mão dera hum punhal, como executor da sentença, que contra si proferira o Duque, e as mercês que acabava de fazer a seu filho D. Manoel. Recomendou-lhes, que da sua parte a confortassem muito, lhe lembrassem o merecimento da paciencia; expressões insinuantes, a que a Infante respondeu com os olhos, para não desconformar a lingua das configurações do tempo. Para se evitar algum tumulto nas terras do Duque, sem perda de tempo foi gente por ordem del

**Errat. vulg.** Rei encarregar-se dellas , e todas se entregáraõ , excepto o Sabugal , aonde estava a mulher de Pedro de Albuquerque , que a rendeo a D. Pedro de Noronha depois de saber da prizaõ de seu marido.

## CAPITULO VI.

*Como o mundo teve a morte do Duque por hum acto de crueldade do Rei, e dos mais castigos , que se derão aos outros conjurados.*

**O**S successos estranhos pelas suas qualidades , e circumstancias sempre se fizeraõ reparaveis ás Nações civilisadas , que se governaõ pelas Leis , e Equidade. Ainda os éccos da injusta morte do Duque de Bragança retombavaõ nos ambitos do universo , quando soon com pequeno intervallo de tempo o novo estrondo da do Duque de Viseo ás mesmas mãos do Rei , seu primo irmaõ , e canhado , e a dos Fidalgos mais principaes do Reino , sem terem contra si mais próva , que a de duas  
tes-

testemunhas , que eraõ D. Vasco Coutinho , cavalheiro antes pouco affortunado , e Diogo Tinoco , homem taõ vil , que consentia na prostituiçaõ infame de sua irmã com o Bispo de Evora. Ainda que El-Rei , depois de lhe passar a cólera , que he eclypse escuro do Throno , havia tomado todo o genero de precauções para salvar a sua reputaçã na Tragedia , que representava verdugo hum Soberano : ainda que elle tinha feito esgotar todas as forças da eloquencia adulatoria para justificar o seu procedimento : ainda que a perfidia se havia pintado com todas as côres de horrorosa , para naõ parecerem á sua vista deformes nos castigos as nodoas da atrocidade ; as linguas se soltáraõ , e foraõ na Europa raros os sentimentos , que naõ notassem a D. Joaõ de Tyranno ; poucos no Reino , que naõ lhe imprimissem a marca de Rei aborrecivel.

Para fallarem livres os espiritos dos independentes , que naõ eraõ vassallos , elles naõ se embaraçavaõ em romper os véos da politica , que que-  
riaõ



**Era vulg.** riaõ cobrir de justiça a acção do Rei com os fundamentos, de que a hum Soberano tudo he permittido, quando se trata da segurança da pessoa, e da tranquillidade do Estado. Que se o de Portugal mandasse instruir em fôrma o processo do Duque, e fazello executar em público, se expunha ás consequências de huma revolta, que não deixariaõ de mover os partidarios de hum Principe taõ grande. Impressãõ alguma fez nos mesmos espiritos a declaração Real, que se estabelecia em muita parte no poder, que o seu caracter de Rei lhe dava sobre as pessoas, e as vidas dos seus vassallos. Não se calláraõ por ouvirem dizer, que nos casos de trahiçaõ, quando se intentava tirar a vida ao Principe, e este intento se provava; des de logo lhe era permittido apartar-se das regras ordinarias da justiça para acautelar o damno de contingencias não previstas. Não emudecêraõ por se lhes persuadir, que o Rei D. Joaõ nada obrára reprehensivel; nada sem conselho; e que na situaçaõ dos negocios de Portugal, el-

elle se conduzira como devêra para evitar na execuçaõ os perigos grandes, a que se expunha, que lhe seriaõ inevitaveis. Era vulg.

Discurso algum destes, e outros muitos semelhantes impedio áquelles espiritos levantarem altas as vozes, e clamar na face da terra: Que o Rei de Portugal sacrificára indignamente á sua crueldade hum Principe alto, o mais conjuncto ao seu sangue, sem o deixar morrer como Christaõ; e tendo-o fechado em hum quarto do seu mesmo Palacio ao menos dar-lhe tempo para se confessar; acçaõ, que só era propria em hum barbaro: que tudo quanto elle havia feito, e de ordem sua se tinha obrado, se oppunha formalmente ás determinações de Direito, e regras ordinarias da Justiça, não precedendo ao castigo do culpado a citaçaõ, e accusaçaõ pessoal, não se lhe dando tempo para justificar o crime, ou mostrallo nelle convencido, nem se lhe concedendo para isso os dias necessarios: que em caso tal não bastavaõ os ditos de duas testemunhas

pa-

**Era vulg.** para por elles se condemnar á morte hum Principe, muito mais attendendo ao caracter de ambas; D. Vasco, sendo hum cavalleiro desvalido, que queria deixar o Reino, porque o Rei lhe não despachava os serviços passados, e que se fazia suspeito, de que pelo presente iria a segurar o despacho; Diogo Tinoco por não ser figura capaz de se confrontar com hum Duque filho do Infante, e irmão da Rainha de Portugal, quando elle consentia, que sua irmã se emparelhasse com as prostitutas públicas: que o depoimento do Rei não devia receber-se, como producção, que era de quem se fez testemunha, se mostrou Parte, sentenciou Juiz, e foi Executor.

Redobrou-se o clamor com os raios, que o Papa fulminou sobre o Rei. Elle se queixava de que este Principe, não contente com profanar o Paço, que salpicára com o seu mesmo Sangue Real, lançára mão ao thuribulo para violar o Templo no concurso, que dera para a morte de hum Ministro da Igreja, que tinha impresso o

ca-

caracter do Episcopado. Mas quando Era vulg. o mundo assim notava os casos insólitos succedidos em Portugal, o seu Rei em nada cuidava tanto, como no castigo dos criminosos. O Bispo de Evora, que estava no quarto da Rainha, foi tirado d'elle pelo Capitão dos Ginetes Fernão Martins Mascarenhas, e levado para o fundo de hum cisterna de Palmela, aonde Garcia de Resende, hum Official da Casa do mesmo Rei, todo abandonado aos seus sentimentos, não duvidou confessar, que morrêra no fim de tres dias, e se dizia, que de veneno.

El-Rei assistio na Relação, a que foram chamados D. Fernando Menezes, e D. Guterre Coutinho. O primeiro, que se entendia innocente, e era esforcado, recitou ao Rei hum discurso vivo, e patetico; mas tão denodado, e pouco respeitoso, que o foi pagar com a cabeça em hum cadafalso na Praça de Setuval. D. Guterre quiz fallar com submissão; mas o Rei o mandou tirar da sua presença sem o ouvir, por ter promettido

**Era vulg.** a seu irmão D. Vasco de lhe comutar a pena de morte em prisão perpetua, que se lhe deo no Castello de Avis, aonde a palavra, que lhe poupou a vida a ferro, pouco depois lha mandou tirar com veneno. Fernal da Silveira deveo ao cego amor de hum criado, que o servira, tello muito tempo occulto em sua casa, sem temer, nem se cativar das grandes promessas, e espantosas ameaças, que se mandárao publicar contra, e a favor de quem o entregasse, e encobrisse. Naõ valco a Fernal da Silveira o refugio de França, aonde El-Rei o mandou matar pelo Conde de Palhaes, Cavalleiro Catalaõ, que o Rei de França mandou sentenciar á morte, sem que as instancias do de Portugal conseguissem mais da equidade daquelle Soberano, que mudar a primeira pena na de rigorosa prizaõ perpetua.

D. Alvaro de Attaide, que segundo se dizia tinha ido a Santarem por ordem dos conjurados para se encarregar da pessoa da Princeza D. Joanna,  
com

com a noticia do que se passava, sou- Era vulg  
be valer-se melhor que todos dos gran-  
des talentos, de que era dotado, e  
naõ obstante se qualificar innocente a  
beneficio do tempo, eludio todas as  
diligencias, passando para Castella,  
aonde pedio a protecção dos Reis Ca-  
tholicos, que desaprovavaõ estes ca-  
tastrofes de Portugal. Elles o'tiveraõ  
na sua Monarquia com tanta seguran-  
ça, que naõ houve para a sua pessoa  
hum Conde de Palhaes; mas hum Rei  
D. Manoel, que o chamou ao Reino,  
o declarou sem culpa, restituindo-lhe  
a honra, e a fazenda. Pedro de Al-  
buquerque foi prezo em Lisboa, e  
levado á Casa da Suplicação, aonde fez  
a El-Rei huma falla eloquente, e res-  
peitosa, em que implorava a sua cle-  
mencia, e lhe representava os seus  
muitos serviços nos encontros mais pe-  
rigosos da guerra; mas todas as dili-  
gencias foraõ inuteis, e lhe cortáraõ  
a cabeça. A sua mulher D. Catharina  
da Costa, irmã do Cardeal deste apel-  
lido, fez El-Rei merce dos bens, que  
se lhe confiscáraõ, em attenção a lhe  
en-

ra vulg. entregar a Praça do Sabugal , que fora de seu marido.

O Conde de Penamacor foi o unico , que recolhendo-se nesta Villa do seu Titulo , resistio ás ordens do Rei. Elle se pôz em estado de defenſa , quando este Principe marchava ao Sabugal contra sua cunhada. Como El-Rei voltou do caminho para Santarem com a noticia , de que D. Catharina da Costa tinha entregue a Villa a D. Pedro de Noronha ; o Conde com Salvo-conducto Real lhe veio fallar no lugar das Cortiçadas. Não conseguindo nada del Rei nesta conferencia , tomou o expediente de se retirar com sua mulher , e filhos para Castella , aonde não cessou de ser hum clarim surdo , das que elle chamava atrocidades no seu Principe. Por este modo se dissipou a temida conjuraçãõ , que affligindo a muitos , a parte della mais sensivel cahio pesada sobre a reputaçãõ del Rei , que quando a gratidaõ o queria louvar de benefico , o temor lhe imprimia nos actos da vingança o caracter de indomavel.

Em

Em Castello-Branco , quando El-Rei voltava do Sabugal , deo audiencia ao Bispo de Cordova , e a Gaspar de Fabra , Embaixadores de Castella , que da parte dos Reis Catholicos vinhaõ pedir a restituicaõ dos filhos do Duque de Bragança ao Reino. Elle lhes respondeo decisivamente disseem aos Reis seus Amos , que havendo de ser Rainha de Portugal huma de suas filhas ajustada a casar com o Principe D. Affonso , que a ambos havia ser prejudicial a restituicaõ , que se lhe requeria. Vindo logo a Monte-Mór , premiou a fidelidade de D. Vasco Coutinho com o senhoria , e Titulo de Conde de Bórba , que os seus descendentes trocáraõ depois com a Casa de Bragança pela Villa do Redondo. O zelo de Diogo Tinoco foi remunerado com grossas quantias de dinheiro , e o provimento de muitos beneficios , que lhe duráraõ pouco pela morte naõ pensada , que foi para os contemplativos outro mysterio novo.

Os Embaixadores de Castella , que logo depois da resposta del Rei se re-  
ti-



*ira vulg.* tirárao, elles a communicárao aos seus Soberanos. D. Fernando, não se mostrou só sentido, mas se deixou vêr estimulado. Com tudo, ou fosse por não se querer embarçar em novas guerras com prejuizo da conquista de Granada, ou por não romper o ajuste do casamento de sua filha com o Principe de Portugal; tomou o expediente de não fallar mais palavra nestes negocios, em quanto vivesse o Rei D. Joáo. De nada importárao os esforços deste Principe para arruinar na Casa de Bragança o alto objecto do seu odio. O Geo a preservou no meio das maiores adversidades para dar o seu sangue a todos os Reis, esmalte a todas as Coroaes, á Coroa, e Reis a Portugal. Não tardará hum D. Manoel benigno, que chame á Pátria os desterrados, lhes restitua honra, e fazenda, e declare a hum delles, que era o Duque D. Jayme, filho do mesmo infeliz D. Fernando II. por seu Successor á Coroa, no caso d'elle morrer sem geração, como veio a succeder aos descendentes do Duque hum seculo depois.

Bem

Bem pôde ser, que com o fim de *Era vulg.* destruir no conceito das gentes as idéas do odio concebido ao nome de Bragança, ou ás pessoas, que erão da sua Casa, El-Rei entã nomeasse Bispo de Evora ao unico parente della, que havia no Reino, D. Affonso de Portugal, filho natural do Marquez de Valença, que fora primogenito do Duque D. Fernando I. Todos se enganãraõ com esta nomeação, entendendo vinha chegando o tempo do Rei depôr as suas suspeitas para reconhecer o merecimento, e a fidelidade dos Senhores de Bragança. Este Prelado illustre he o tronco da grande casa dos Condes do Vimioso, Marquezes de Valença, como pai de D. Francisco de Portugal, que foi o primeiro Conde, Senhor de Aguiar, e Camareiro Mór do Principe. O Bispo do Funchal, Primáz das Indias D. Martinho de Portugal, tambem foi filho do Bispo de Evora, e Varaõ memoravel entre os do seu tempo.

Seria providencia de Deos ordinaria a peste, que se seguiu ás revoltas  
re-

**Era vulg.** referidas, e o povo credulo attribuia a flagello da indignação Divina. O certo he, que elle não se suspendeo senão á efficacia de preces fervorosas, e penitencias públicas, especialmente na Provincia do Alem-Téjo, aonde o contagio era tão mortal, que se temeo a despovoação dos lugares, que elle atacou. Ainda que magnanimo o espirito del Rei, este aggregado de infelicidades não lhe permittiaõ executar as suas vastas idéas, que sentia prezas em hum cadeia de infortunios. Acalmou a tormenta, em que se deixou vêr Palinuro destro, e entrou logo a mostrar-se politico eminente. A delicadeza deste caracter, quando o Rei de Inglaterra perguntou ao Senhor Descalas, que vira de raro em Portugal, lhe deo assumpto para responder: Que a cousa mais singular, que vira naquelle Reino, era hum homem, que mandava a todos, e que ninguem o mandava a elle.

Tal era a fina politica del Rei D. João II., que então fez florecer a Agricultura, e as Artes, as Fabricas, e o  
Com-

Commercio ; mandando vir Professo- Eta vulg.  
res de humas dos paizes estranhos , e  
os experimentados no outro á Persia ,  
á Arabia , ao Egypto , que foraõ as  
primeiras fontes , donde depois manáraõ  
para o Reino innundações de generos ,  
e riquezas. Estando em Béja , refor-  
mou o Escudo das Armas Reaes , ti-  
rando-lhe a Cruz verde de Avis , e  
pondo-o na fórma , em que hoje o ve-  
mos. Acrescentou aos seus Titulos o  
de Senhor de Guiné : mandou lavrar as  
suas primeiras moedas de ouro , hu-  
mas , que fez chamar Justos , outras  
Espadins , alludindo o nome da primei-  
ra á sua Imagem assentada , como in-  
culcando segurança , e por orla as pa-  
lavras de David : *Justus ut palma flo-  
rebit* , e o da segunda a huma espada  
nua com a ponta para o alto em ac-  
ção de não temer , como o persuadia  
a letra do mesmo Rei Profeta na sua  
circunferencia : *Dominus protector vi-  
tæ meæ , a quo trepidabo*.

As moedas chamadas vintens , e  
meios vintens , os reaes , e reaes e  
meio tambem foraõ fabrica inventada

**Era vulg.** por este Rei; mas como os Successores estudão muito em não ser escravos das vontades dos seus Predecessores, estes, e outros muitos usos do tempo del Rei D. João espirárao com a sua vida. As novas moedas, e Leis novas respectivas ás cobrança dos Direitos, se enriquecêrao mais ao Rei, diminuírao muito as utilidades dos vassallos no commercio com os Estrangeiros: Dizia-se, que era necessário remediar, e com isso se conseguiu o remedio dos abusos dos Recebedores, e Ministros, tão indulgentes, e trataveis, que se affirmava serem elles a causa com o seu facil accesso de não haver em todas as margens do Oceano pórtos mais frequentados de náos, que as do rio de Lisboa.

Em Setuval, para onde a Corte se mudára de Béja, recebeu El-Rei a noticia da morte do Papa Xisto IV., e eleição de Innocencio VIII. Para lhe render obediencia mandou por Embaixadores a Roma o Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, o Doutor Vasco Fernandes de Lucena, e por Secretario

rio da Embaixada a Ruy de Pina , que Era vulg.  
 ao mesmo tempo hiaõ encarregados de  
 solicitar a publicação da Cruzada para  
 a continuação da guerra de Africa , e  
 outros muitos indultos para a econo-  
 mia espiritual do Reino. Como nós  
 havíamos feito hum grande serviço á  
 República de Veneza , amparando as  
 equipagens de quatro galés suas , que  
 os Francezes lhe tomáraõ no Cabo de  
 S. Vicente , e tratando-as com todas  
 as delicadezas da hospitalidade. Os 1485  
 nossos Embaixadores , como particula-  
 res , foraõ vêr aquella Cidade ; mas  
 sabendo a República qual era o seu ca-  
 racter , os distinguio com as maiores  
 honras , fez em seu obsequio festas ma-  
 gnificas , e os obsequiou com ricos  
 presentes. Pelo mesmo tempo a repu-  
 tação del Rei estimulou a Carlos VIII.  
 Rei de França , para formar com elle  
 hum Tratado de amizade , em que  
 mutuamente consentiaõ , que os seus  
 vassallos respectivos podessem livremente  
 entrar , sair , estabelecer-se , e  
 commerciar nos pórtos dos seus Do-  
 minios.

Era vulg.

He memoravel este anno pela vinda a Lisboa do Genovez Christovão Colomb, homem taõ conhecido pelo seu estudo na Cosmografia, como pela sublimidade do seu espirito, ainda que no nascimento humilde. Illustrado pelos seus talentos, e pelas noticias, que pode adquirir de hum Piloto Portuguez, entrou por Lisboa representando as idéas de hum Novo Mundo despegado das tres partes conhecidas do Globo da Terra; offerecendo-se para seu descobridor. Não desprezou El-Rei a noticia, antes ordenou aos Mestres José, e Rodrigo, seus Cosmografos, conferissem com Colomb, e observassem os fundamentos do seu não pensado arbitrio. Depois de ouvirem a que elles entendêraõ pouca exactidaõ dos seus discursos, assentáraõ que as idéas de Colomb eraõ quimericas, e as insinuáraõ a El-Rei por impracticaveis. O mesmo sentio no Conselho de Estado, que El-Rei convocou sobre esta materia, o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, que se declarou abertamente contra todas as proposições do arbitrista.

D.

D. Pedro de Menezes, Conde de Villa Real, contrariou o voto deste Prelado. Elle persuadio o estado do Reino, como nunca florecente para avançar a gloria em novas conquistas : que se as idéas de Colomb eraõ inadmissiveis, que os projectos do grande Infante D. Henrique se deviaõ seguir : que os Estados mais poderosos decahiaõ faltando-lhes a navegaçaõ, e o commercio : que bem se via a exaltaçaõ de Portugal pelos interesses immensos, que produzia o trato de S. Jorge da Mina : que Portugal se conservava em paz profunda, e não devia estar ocioso, perdendo em Africa, e pelo mundo as vantagens de exaltar a Fé, de promover a gloria do Rei, o credito da Naçaõ, os interesses do commercio, a reputaçaõ das armas. Este discurso, em que D. Pedro preferia a todos os outros intentos a navegaçaõ de Guiné, e a continuaçaõ da guerra de Africa, desconcertava as medidas de Colomb : elle tomou o partido de retirar-se, e em quanto se offerecia em Castella aos Reis Catholicos

pa-



**Era vulg.** para metter hum Mundo debaixo do seu Imperio , mandou por seu irmaõ Bartholomeo Colomb fazer a mesma offerta a Henrique VII. Rei de Inglaterra.

1486 . A noticia da Cruzada concedida pelo Papa para a continuacão da guerra de Africa , o estrondo das armas , que neste anno se preparavaõ em Portugal para ella , chegou a Azamor , Cidade da Mauritania Tingitana na Provincia de Ducala. Os seus moradores receando , que sobre elles descarregasse o golpe , preveníraõ os designios del Rei por meio de Emissarios , que lhe vieraõ render obediencia , trazer-lhe as chaves da Praça , e reconhecello por Senhor com o tributo annual de dez mil Saveins. Naõ era occasiã deste susto dos Barbaros só o armamento de Portugal ; mas os progressos felices dos Reis Catholicos , que tinhaõ quasi submettido o Reino de Granada. Por estes tempos sitiavaõ elles a importante Cidade de Malaga , que estando nos termos de se render , faltou a polvora no campo Catholico. Os Reis nesta consternação enviáraõ com toda a diligencia

ligencia a Santarem pedir a D. Joaõ, *Est. veloz.* que sem demora os soccorresse com este genero. Elle lho mandou gratuitamente em tanta quantidade, acompanhado da offerta de todas as suas forças, que renovados com vigor os ataques, os Mouros em poucos dias renderão a Praça.

## CAPITULO VII.

*Trata-se das navegações mandadas fazer pela Costa de Africa, e outros successos pelos annos seguintes.*

**Q**UANDO os Reis Catholicos de Hespanha Fernando, e Isabel se aproveitavaõ das offertas de Christovaõ Colomb, que nós despresamos sem consideração, e que os fizeraõ senhores das Indias Occidentaes: El-Rei D. Joaõ, deseioso de alcançar noticia das Grandes Indias do Oriente, em que já se fallava sem se ter por impia a questaõ dos Antipodas, mandou por terra a Pedro da Covilhan, e a Affonso de Payva, homens intelligentes, e robustos,

**Era vulg.** tos, para penetrarem todos os terrenos incognitos até avistarem as margens do Indo, e Ganges. Chegáráõ ambos os Aventureiros á Ilha de Rhodes, Alexandria, e Cayro, aonde se apartáraõ, o Payva para a Ethiopia, o Covilhan para a India. Teve este a fortuna de ser o primeiro Europeo, que pisou as terras da Asia; e voltando ao Cayro, porque achou morto o companheiro, continuou a perigrinação. Depois de examinar grande parte dos Reinos Orientaes; elle vio o do Preste Joaõ, aonde o tratáraõ depois muitos Portuguezes, que nelle o víráõ estabelecido com temor de emprender a perigosa retirada.

Ao mesmo tempo, que El-Rei despedio ao Payva, e Covilhan, fez equipar duas frótas, huma para Guiné, outra para a India. A primeira foi entregue ao Commandamento de Diogo Caõ, a segunda a Joaõ Affonso de Aveiro, homens de espirito capaz para desempenharem as idéas do seu Principe. Se estes, e outros Capitães nos abríráõ os primeiros passos para a nave-

ve-

vêgação da India, como veremos, os Era vulg.  
 muitos que deo por terra Pedro da  
 Covilhan, nos trouxêraõ os vestígios  
 para sabermos pôr os pés com mais  
 firmeza. Elle havia passado do mar  
 Vermelho a Adem, a Calicut, a Goa,  
 a Çofala, e quando soube no Cayro  
 por dous Judeos, que El-Rei manda-  
 va a Ormuz, a morte de Affonso de  
 Payva, pelos mesmos Judeos escreveo  
 elle a El-Rei, dando-lhe parte, como  
 havia reconhecido a India, navegado  
 da Costa de Ethiopia a Çofala; que  
 todo este Continente corria até ao Pro-  
 montorio das Tormentas em Africa;  
 que passado elle, os seus navios en-  
 contrariaõ hum rico Commercio em  
 Quiloa, em Melinde, e lhe ficaria fa-  
 cil o trajeto para todas as Cóstas da  
 Afa.

Deste modo se hiaõ dispondo os  
 successos humanos para o cumprimen-  
 to das promessas Divinas feitas ao Rei  
 D. Affonso Henriques no Campo de  
 Ourique, aonde a Providencia decla-  
 rou a escolha, que tinha feito dos  
 Portuguezes para levarem o Nome do  
 Re-

**Em vulg.** Redemptor ás Nações estranhas. Ella conduzia pelos mares a Diogo Caõ , e a Joaõ Affonso de Aveiro. Este descobrio o Reino de Beninos mares de Guiné , donde veio a Portugal a primeira pimenta , que teve logo grande estimaçaõ na Europa. O seu Principe quiz abraçar a nossa Religiaõ , cultivar o nosso Commercio , e com estes designios mandou a Portugal por Embaixador a hum dos seus Capitães , que foi tratado , e remettido a seu Amo com honras distinctas , e presentes estimaveis. A condiçaõ dos de Beni , á sua pouca fé , nos embaraçou para entaõ avançarmos os projectos , e nesta viagem falleceo o Commandante Joaõ Affonso.

Com progressos mais felices descobrio Diogo Caõ o Reino de Congo situado na Ethiopia Occidental , confinante ao Nórte com Loango , e Anfiga , ao Meio Dia com Angola , e Malemba , ao Poente com o mar Ethiopico , e ao Levante com o Reino de Cacongo , e humas altas serras em que ha abundancia de prata , crystal , e sa-  
li-

**litre.** Na foz do consideravel rio Zaire **Era vulg.** lançou ferro Diogo Caõ, e encontrou os Ethiopios taõ humanos, que viêraõ a bordo das suas náos com demonstrações da maior complacencia. Os gestos civis, mas acompanhados da lingua incognita, nos facilitáraõ mandar quatro Officiaes para ficarem, como em penhor, ao Rei de Congo por outros quatro dos seus vassallos, que o Commandante trouxe a Portugal. Instruidos em Lisboa na lingua Portugueza, soubemos dellês, que o seu Rei era Caramança; que o seu Reino se chamava Congo; que elles desejavaõ communicaçã com os Portuguezes para lhe polirem a barbaridade: sentimentos, que causáraõ a El-Rei hum prazer extremo pela esperança de trazer ao gremio da Igreja tantas gentes desgarradas, e remotas.

O mesmo Diogo Caõ foi em segunda viagem reconduzir os quatro Africanos ao Reino de Congo, e restituir-se os seus Officiaes, avançando os progressos, que logo veremos. En-  
tre-

**Era vulg.** tretanto recebia El-Rei Embaixadores dos Reis de Tombut , e Mandinga , Estados situados na Negricia , que vinhaõ ajustar com elle alliança : prohibia o uso das sedas , e dos brocados para evitar o luxo , que sempre foi hum dos inimigos capitaes das Monarquias : ordenava , que o uso antigo de se examinarem na Chancellaria os Rescriptos , Breves , e Letras Apostolicas vindas de Roma , fosse abolido ; porque teve aquelle procedimento nos negocios , que naõ prejudicavaõ ás regalias do Estado , por desobediencia , e rotura da authoridade espirital , que de sua natureza , e por determinação Divina era Soberana , independente , tanto sem superior na terra , como o Rei na sua authoridade Temporal : ultimamente , provava dous monstros , hum de perfidia , outro de fidelidade , que naquelles tempos se fizeraõ célebres.

Era o primeiro hum tal Joaõ de Agualda , que tinha sido criado de D. Pedro Alvares de Souto-Mayor , Conde de Caminha. Este homem infame  
pa-

para fazer fortuna , declarou a El-Rei Era vulg. que D. Alvaro de Souto-Mayor , filho do Conde , que estivera em Castella , se achava em Portugal com intentos de o matar. El-Rei , que depois da morte dos Duques de Bragança , e Viseo , tudo o affustava : mandou segurar o Joaõ de Aqualda , prender a D. Alvaro , mettello a tormento , tirar exactas indagações ; achando tudo falso , e informado do fim a que o Aqualda encaminhava o testemunho , mandou que este fosse feito em quartos , e D. Alvaro solto.

Foi o segundo o illustre Fernaldo Rodrigues Pereira , que tendo servido sempre com o mesmo zelo a Casa de Bragança na differença das suas fortunas , o Duque D. Jayme , que estava no seu refugio de Castella , mandou a este homem excellente viesse disfarçado a Villa Viçosa trazer hum Carta á Duqueza sua mãe. Não lhe valêraõ os rodeios da marcha , nem a figura contrafeita para deixar de ser conhecido , e levado a El-Rei. Temeo elle a cólera Real , que sabia não estar extin-



**Era vulg.** tincta contra o nome de Bragança ; e porque não succedesse a revelação do segredo de seu Amo causar-lhe maiores damnos , comeo , tragou , engolio a carta. Como nada se lhe achou , e bastava o disfarce para se fazer suspeito , intentou-se corromper a sua fidelidade , primeiro com promessas sobreeminentes ao caracter de Fernão Rodrigues , logo com tormentos superiores á constancia de homem. A hum, e outro combate resistio elle mais que homem commum , mais que Fernão Rodrigues Pereira , porque os esforços nada vulgares da munificencia , do terror de hum Rei , em ambas as qualidades sublime , soube elle vencer intrépido , e generoso.

1487

Entrou novo anno , em successos feliz , que adquirirão a El-Rei reputação. Em quanto Diogo Caõ navegava para o Reino de Congo ; os Jurisconsultos , e Ministros de Portugal notavam de excessiva a condescendencia do Rei em impedir , que os negocios de Roma , antes de executados , passassem primeiro pela Chancellaria , como contra-

trária aos usos, e privilegios da Na- Era vulg.  
 ção : em quanto o seu desinteresse ,  
 para fazer a Setuval hum Emporio de  
 commercio , lhe remettia todos os tri-  
 butos , gabellas , e direitos , enobre-  
 cendo-a com aqueductos , e obras pú-  
 blicas. D. Diogo Gonçalves de Almei-  
 da partio para Africa com huma arma-  
 da de trinta náos contra Barraxe , e  
 Almandarim , dous Mouros poderosos,  
 que se haviaõ revoltado contra o Rei  
 de Féz , com tal satisfação deste Prin-  
 cipe , por imaginar os seus interesses  
 confundidos com os de Portugal , que  
 não duvidou crêr , que o Rei fazia es-  
 ta expedição unicamente a seu favor.

D. Diogo de Almeida , que depois  
 foi Prior do Crato , e D. João de Atai-  
 de , filho do Conde da Atouguia , que  
 era o segundo Commandamento , fo-  
 raõ lançar ferro junto a Anafe , aonde  
 postáraõ a gente em terra , antes que  
 o Paiz tocasse a rebate. Formada a  
 idéa de se persuadir ao Rei de Féz ,  
 que esta expedição se dirigia a casti-  
 gar os seus inimigos , elles foraõ dan-  
 do nos Aduares rebeldes com tanto es-  
 for-

**Era vulg.** forço, que depois de degolarem 900 ; de ferirem innumeraveis , de cativarem 400 , carregando a armada de despojos , e cavallois , se fizeraõ na volta de Portugal. O Rei de Féz ficou taõ satisfeito com a ruina dos seus vassallos, que mandou agradecella a El-Rei por huma Embaixada solemne acompanhada de presentes ricos , e de cumprimentos officiosos.

Cresceo o prazer do Rei Mouro com a prisaõ de Barraxe , que rendeo o nosso valor. Este Barbaro destemido , que governava Tetuaõ , veio com hum corpo consideravel de tropas talar a nossa campanha de Tangere , entãõ commandada pelo bravo D. Joãõ de Menezes ; que depois foi Conde de Tarouca. Ao estrondo das suas hostilidades sahio D. Joaõ da Praça , e o atacou com tanto vigor , que depois de lhe derrotar o exercito , de degolar hum tio , de lhe tomar toda a preza , de o ferir com cinco grandes custiladas , o trouxe cativo para Tangere. O Rei de Féz , e mais inimigos de Alé-Barraxe solicitavaõ de D. Joãõ  
lhe

lhe tirasse a cabeça dos hombros para **Era vulgar** livrar Barbaria do seu escandalo. Elle deo parte a El-Rei, que pelo contrario lhe ordenou o estimasse como a hum Official General ; que esquecesse para com elle a qualidade de inimigo ; mandando-lhe dizer , que elle enviava de Lisboa hum dos melhores Cirurgiões para a sua cura , e hum Ministro da Fazenda para o sustentar á sua custa. Depois conveio no seu resgate pelo cambio de alguns Christãos , e por 150000 cruzados , com palavra de não tomar mais as armas contra El-Rei : condição , que hum tão bravo soldado , e grande Capitão depois não cumprio como barbaro.

Diogo Caõ com viagem feliz foi duzentas legoas avante da embocadura do Zaire , aonde a primeira vez abor-dára. Deixando naquella altura duas columnas com as Armas Reaes , e Inscricções Portuguezas , e Latinas , que marcavaõ os descobridores , voltou ao Reino de Congo. Caramança o recebeu com prazer grande , que passou a extremo , quando os seus quatro vaf-

**Era vulg.** fallos o informáraõ do trato polido , que tiveraõ em Portugal , e das honras , que recebêraõ do seu Rei. No acto , em que Diogo Caõ lhe offereceo os presentes , que levava , os gestos do alvoroço pareceriaõ puerilidades a naõ estar conhecida a origem. A pureza da Religiaõ , e o poder do Rei foraõ os dous pontos do primeiro discurso , que Diogo Caõ recitou a Camarança. Elle os intimou com tanta força , que o Principe nada desejava tanto , como instruir-se já nos novos Dogmas , e ter contratada alliança com taõ grande Rei. Na audiencia de despedida lhe entregou para El-Rei presentes das riquezas da terra ; cartas , em que lhe pedia a volta de Diogo Caõ com Missionarios para baptisarem os seus póvos ; e permissaõ aos vassallos , que com elle quizessem vir a Portugal.

Com hum dos quatro Ethiopes , que haviaõ estado no Reino , se embarcáraõ muitos da sua Naçaõ , que em Lisboa foraõ regenerados nas aguas do baptismo com assistencia del Rei , dos  
Fi-

Fidalgos, e Damas da Corte. Gonçalo de Sousa os reconduzio á Patria, e levava o caracter de Embaixador ao Rei de Congo, Ministros Apostolicos para plantarem naquellas Regiões a arvore da Fé, os paramentos necessarios para os Officios Divinos, e materiaes para fundar Igrejas. Com a chegada destes operarios principiou o Ceo a regar a sua futura vinha com innundações de graça, que logo tocou a hum tio do Rei, Governador dos portos maritimos, para pedir o baptismo, que lhe foi conferido, e ao mais moço dos seus filhos. Elle se desculpou com o Rei pelo preferir nesta felicidade, fundando-se no temor dos seus muitos annos, e no da delicada idade de seu filho, ambas perigosas para esperanças longas. Cresceo o alvoroço com a chegada á Corte dos Missionarios, que foraõ recebidos por Caramança, fazendo-lhes mercê de trinta legoas de terra para a sua subsistencia, e dando-lhes o prazer de mandar reduzir a pó os Idolos do Gentilismo ao pé dos Altares do Deos Verdadeiro.

**Era vulg.**

Gonçalo de Sousa do lugar do de-  
sembarque foi conduzido á Cidade de  
Ambassa, que era a Capital, pela es-  
colta de 200 homens, acompanhado  
dos mesmos Missionarios, no meio de  
acclamações públicas daquelles povos,  
já preparados pelo seu Principe para  
receberem a nova Religião. Á vista  
dos paramentos Sacerdotaes, e do Es-  
tandarte da Santa Cruz, que El-Rei  
mandava ao de Congo, todos se pos-  
tráraõ por terra, e rompêraõ em cla-  
mores de alegria. Tratou-se da cere-  
monia do Baptismo do Rei, e resol-  
vêraõ que para maior decencia se fa-  
bricasse huma Igreja, aonde o Sacra-  
mento se lhe conferisse, e que se con-  
cluio em breve tempo. Nella foi bap-  
tizado o Rei com o nome de Joaõ, a  
Rainha com o de Leonor, seu filho  
primogenito com o de Affonso, que  
eraõ os dos Reis, e Principe de Por-  
tugal. Panso Aquitimo, filho segun-  
do, não quiz deixar as trevas da ido-  
latria.

Depois da partida de Gonçalo de  
Sousa, e da morte de alguns dos Mis-  
sio-

fionarios, que eſtranháraõ a intempe- Era vulg.  
 rie do Paiz, diminuiu muito o fervor  
 do Rei, e dos póvos, que coſtuma-  
 dos a huma vida brutal, ſe lhes fazia  
 intoleravel o uſo de huma ſó mulher;  
 perdoar aos inimigos; renunciar os  
 prazeres; mortificar a carne, e geral-  
 mente as maximas fantas do Evange-  
 lho. O Principe Affonſo era a columna  
 da nova Religiaõ; Panſo o perſeguidor;  
 e Caramança ſeu pai já Apoſtata, de-  
 terminou dar a primogenitura a Panſo,  
 e privar della a Affonſo. A morte, que  
 lhe ſobreveio, mudou a face dos ne-  
 gocios, ſem que o Principe ſe pertur-  
 baſſe com a rebelliaõ de Panſo, que  
 na téſta de 200000 homens lhe diſpu-  
 tou o Throno. O pequeno partido dos  
 Chriſtãos o ſeguiu, e na ſua frente  
 vinte Portuguezes, que animáraõ o  
 Principe para não eſmaiar pelas ſuas  
 poucas forças, nem temer as muitas  
 de ſeu irmaõ, quando elle defendia a  
 cauſa do verdadeiro Deos, que não  
 contava número para dar victorias aos  
 ſeus ſervos.

A confiança, que tinha Affonſo na  
ſua



**Era vulg.** sua Fé viva principiou a derramar o terror entre os Barbaros, quando o víraõ fahir a campo contra o partido de Panfo. Atacou-se a batalha, em que os rebeldes ficáraõ derrotados, e o irmaõ prisioneiro, que depois lhe perguntava quem eraõ os soldados gentis, que com forças mais que humanas lhe haviaõ ganhado taõ completa victoria. O Tenente General deste Principe devia ter a mesma visaõ; porque entendendo, que Affonso lhe castigára a rebeldia com a mórte, lhe pediu o naõ fizesse morrer sem o contar no número dos seus Christãos para se salvar: requerimento, que lhe mereceo a protecçaõ, e graça do Principe. O exemplo deste novo Rei fez avançar os creditos da Religiaõ no Reino de Congo, e moveo o Rei de Benguéla, que por si, e em nome de outros Soberanos, seus visinhos, mandou Embaixadores a Portugal para negociarem com El-Rei allianças respectivas aos interesses, e progressos da mesma Religiaõ.

Tantos felices successos, e as noti-

ticias que déraõ a El-Rei os Ethiopes, Era vulg.  
 que estiveraõ em Portugal da Cõsta de  
 Africa até ao Cabo das Tormentas, o  
 enchêraõ de esperanças, de que os seus  
 navios haviaõ domar a ferocidade das  
 suas ondas. Para este fim mandou elle  
 esquipar duas náos, e humra barca car-  
 regada de todos os provimentos ne-  
 cessarios, nomeando por Commandan-  
 te a Bartholomeo Dias, Capitaõ re-  
 commendavel, com regimento, que  
 fosse correndo a Cõsta avante da que  
 já descobrira Diogo Caõ, até achar  
 noticias do Promontorio, que era o  
 termo da sua esperança. Com traba-  
 lhos, que só eraõ toleraveis á constan-  
 cia Portugueza, foi Bartholomeo Dias  
 á vista das praias de Africa informan-  
 do-se das suas gentes, e costumes, da  
 sua Religiaõ, e trato, quando pela  
 proa dos navios lhe faz frente o Pro-  
 montorio horrivel, que elle entaõ dis-  
 se Tormentoso, e El-Rei lhe chamou  
 depois de Boa Esperança, pela grande  
 que dava de conseguir a navegaçaõ es-  
 paçosa dos mares Orientaes até á sus-  
 pirada India. Fica este Cabo na Ca-  
 fra-

**Era vulg.** fraria , e parte mais Meridional de Africa entre os dous Promontorios mais pequenos de Santa Luzia , e das Agulhas , donde retrocedeo Bartholomeo Dias sem o dobrar por falta de viveres , e da gente que perdêra , gastando nella expedição dezaete mezes até entrar em Lisboa.





## L I V R O   X X X I .

### *Da Historia Moderna de Portugal.*

#### C A P I T U L O   I .

*Continuaõ os successos do Reinado de D.  
João II. , successos da Africa , e  
outros negocios.*

**A**S qualidades heróicas del Rei D. João , os seus progressos vantajosos , a sua excellente economia lhe tinhaõ adquirido huma reputaçãõ sublime entre os Principes da Europa. Ella era taõ grande , que o Rei dos Romanos Maximiliano seu primo o escolheo por Medianeiro do ajuste de paz entre elle , e o Rei de França. Porque aquelle Principe foi prezo em Flandres, D. João se aprestava a soccorrello , quando o Imperador seu Pai o fez pôr em liberdade ; mas se a D. João faltou a occasiãõ de dar este grande paí-

Era vulg.  
1488

**Era vulg.** passo, o mundo conheceo, que para elle lhe sobejou o esforço. No meio da paz mais profunda com Castella mandou reparar todas as Praças da fronteira, respondendo attento ás representações dos Reis Catholicos sem desistir das obras. Sobre os Judeos expulsos por aquelles Reis dos seus Estados, que depois de abraçarem o Christianismo apostatavaõ, mandou fazer execuções rigorosas, passallos pelo fogo, e lançar muitos do Reino, aonde a sua perversidade corrompia os costumes. Em fim, Nação Deicida, que com qualquer máo exemplo facilmente tornava ao vomito.

Por este tempo estava degradado em Arzila o Conde de Borba D. Vasco Coutinho, que com setenta de cavallo teve a curiosidade de correr a terra. O Alcaide de Alcacer-Quivir, que soube da fortida, o veio esperar na retirada com 500 lanças. Quando menos o esperava teve o Conde este desigual encontro, e naõ havendo meio entre entregar, ou combatter, escolheu o ultimo partido por melhor. Com

ardor , que se não concebe , setenta Era vulg.  
homens se lançáraõ sobre quinhentos ,  
foraõ degollando nelles , captiváraõ o  
Alcaide , e se recolhêraõ a Arzila sem  
perda , e sem soçobro. Tanto estimou  
El-Rei esta gentileza , que deo ao  
Conde o governo da Praça , e o Alcai-  
de attonito da pouca gente , que o  
vencêra , disse : Deos hoje esteve  
Christaõ , algum dia estará Mouro.

A nova inquietação do Conde de  
Penamacor , e a prizaõ em Africa de  
D. Antonio de Menezes , filho do  
Conde de Villa Real , de Martim Vaz  
da Cunha , Senhor de Tavora , de Si-  
maõ de Sousa , filho do Commendador  
Mór de Christo , e de Christovaõ de  
Mello , Alcaide Mór de Evora , que  
cabiãraõ no poder dos Mouros , foraõ  
dous negocios , que affligiãraõ o Rei.  
O Conde de Penamacor , que depois  
da morte do Duque de Viseo se lhe  
fazia intoleravel estar ocioso em Se-  
vilha , sem dar ao seu Rei demonstra-  
ções de aggravado , passou a Inglater-  
ra a fazer todos os máos officios con-  
tra elle junto á pessoa do Rei Hen-  
ri-

**Era vulg.** rique VII., que movido dos interesses propostos pelo Conde nas nossas conquistas, não duvidava romper as alianças antigas com Portugal. Não aproveitou a El-Rei D. João a diligencia do valente Alvaro de Caminha, que foi mandado a Inglaterra matar o Conde; mas Henrique melhor informado, o mandou prender na Torre de Londres, donde depois pode escapar, vir a Barcelona, e ultimamente a acabar no antigo desterro de Sevilha.

Os outros Fidalgos em Africa, que sahirão de Ceuta, não contentes com haver batido os Mouros, sem se carregarem de hum grande preza: elles os atacáraõ em grande número na retirada, que não podéraõ conseguir sem perda de gente, e da liberdade dos que deixo referidos. Para ella se lhes restituir, foi necessario relaxar aos barbaros os refens, que Alé Barraxo havia deixado pelo seu resgate. O Capitão dos Ginetes foi a Arzila com hum troço da Armada despicar esta injúria, unido com o seu Commandante o Conde de Borba, e com D. João de

de Menezes, Governador de Tangere. *Esta vulgar*  
 Estes Fidalgos passárao a ponte de Al-  
 cacer-Quivir, aonde já mais haviaõ  
 chegado as nossas armas; e naõ se at-  
 trevendo os Mouros a fazer-lhes resis-  
 tencia, despojáraõ a terra, e se reco-  
 lhêraõ com riquezas innumeraveis, e  
 muitos captivos.

A nossa reputaçãõ, os interesses  
 das nossas navegações, a actividade  
 com que El-Rei reparava as Praças  
 do Reino, como fica dito, eraõ hu-  
 mas taes manobras, que naõ podiaõ  
 deixar de ter cuidadoso ao Rei de Hes-  
 panha. Descobrio D. João ao Conse-  
 lho de Estado, que as suas dexterida-  
 des eraõ estratagemas para assustar  
 aquelle Principe, e o demandar pela  
 palavra firmada no Tratado de Moura,  
 em que prometteo, que estando por  
 casar a Infante D. Isabel, quando o  
 Principe tivesse quatorze annos, que  
 ella, e naõ a Infante D. Joanna seria  
 a sua esposa. Que o Principe comple-  
 tára aquella idade: que elle lhe que-  
 ria o casamento de D. Isabel; que ella  
 estava por casar; que ao mesmo tem-  
 po



**Era vulg.** po a pretendiaõ os Reis dos Romanos, de França, e de Napoles; e que elle queria mostrar a D. Fernando naõ lhe consentiria fazer algum destes ajustes com socego. Como o conselho approvou a idéa, El-Rei mandou a Castella ao seu Moço da Camara Ruy de Sandede, que depois foi D. Rodrigo, e homem grande, e encontrou no Rei D. Fernando acolhimento taõ agradavel, que bastáraõ aos seus officios para ficar concluido o mallogrado casamento do Principe com D. Isabel.

Entre os Negros Jalofos dos rios Cenaga, e Cambéa soava a fama da magnanimidade del Rei D. Joaõ. Haviaõ elles detronado ao seu estimavel, e bem instruido Principe Bémohi, que vendo-se sem refugio, se embarcou em huma das nossas caravellas, e veio a Setuval pedir a protecção del Rei, que o aquartelou em Palmella, e o fez tratar Soberano. A sua primeira negociação foi habilitar-se fervoroso para se lhe conferir o baptismo, em que teve por Padrinho a El-Rei, o nome de Joaõ, e a solemnidade de festas brillan-

**Ihantes.** Já filho obediente da Igreja, Era vulg. mandou render a sua submissão ao Papa; cedeo a vassallagem dos seus Estados em El-Rei, e prometteo levar os Portuguezes pela Lybia interior além do Monte Atlas até ao rio Negro para os fazer senhores do seu commercio. Immediatamente se aprestou o soccorro para Bémohi em vinte caravellas bem artilhadas ás ordens de Pedro Vaz da Cunha, que levava ordens, e materiaes para fundar hum Igreja, e Fortaleza na embocadura do rio Cenaga.

Chegou o barbaro commandante com o Principe infeliz ao lugar do seu regimento, e quando se esperavaõ das forças de hum armamento taõ consideravel muitos avances á Religiaõ, e ao Estado, assegura-se, que Pedro Vaz, sem outro motivo, que o do susto de morrer pela intemperança do Paiz, matou na camara da sua caravela a Bémohi para naõ ter nelle demora; voltou proas a Portugal, e entrou pela barra de Tavira, aonde El-Rei estava, para se desculpar com elle da sua

**Era vulg.** sua façanha abominavel. Attenção alguma mereceo elle á Magestade bem informada, que ou por comprehender a culpa a muitos, ou por não vulgarisar mais a sua deformidade com o castigo, teve por melhor deixalla em opiniões por impunida. Se se pôde confrontar o valor del Rei com a fraqueza de Pedro Vaz, elle a fez mais feia com o encontro brioso do touro indomito em huma rua de Alcochete, fogado do corro. Todos os que acompanhavaõ aos Reis se pozeraõ em salvo; mas elle fazendo frente á Rainha, traçando a capa, e tirando da espada, o esperou immovel, e intrepido. Passou o bruto de largo, como se o instincto lhe ensinára a respeitar a Magestade.

1489

Na marcha para o Algarve, e demóra que El-Rei teve em Béja, determinou condecorar a D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, com o Titulo de Marquez. Como foi o unico desta qualidade, que elle deo, o fez com grande pompa, e circumstancias taõ distinctas, que além da assistencia

cia dos Principes, grande concurso de senhores, e Damas, nomeou quatro Conselheiros de Estado para acompanharem o novo Marquez, e levar cada qual huma das suas devizas, que eraõ o Escudo das armas, a Espada, o Barrete, e o Anel em huma salva. Acabada a marcha, a que precediaõ muitos instrumentos bellicos, e musicos; o Rei, Principes, e Grandes nos seus lugares respectivos; o Chanceller Mór Joaõ Teixeira recitou huma oração eloquente sobre as virtudes do Rei, do Principe, do Marquez, que persuadio benemerito da honra, que hia a receber das mãos Reaes, ou elle fosse olhado pelo lado do seu merecimento sublime, ou pelo da sua alta qualidade, ambos dignos da Real, e geral attençaõ. Recitada a Oração, o Marquez ajoelhou aos pés do Rei, que tomando as devizas da mão dos Conselheiros, o ornou com ellas, e com a Espada cortou as pontas do Estandarte para ficar bandeira quadrada, como a usavaõ os Principes. O Marquez beijou a mão a El-Rei, e ao

Era vulg.

**Era vulg.** Principe , que neste dia lhe fizeram a honra de o admittir á sua mesa em melhor lugar que o Infante , Duque de Béja , D. Manoel.

Veio El-Rei ao Algarve para da Cidade de Tavira dar calor á fundação da Villa , e Fortaleza da Graciosa , que por Gaspar Jusarte mandava fazer em Africa pelo rio de Larache a cima chamado Lucendo , em huma pequena Ilha , que formaõ as suas aguas. O engano , que houve antes , assim na navegação do rio , como no lugar para a fundação , incommodidade , e intemperie do sitio , fez arrepender da idéa depois de se sustentar hum arriscado empenho. Quando se trabalhava com maior ardor na fabrica , que havia ser hum freio das Cidades de Mequinez , Alcacer-Quivir , e Féz ; o Muley-Xeque para a impedir appareceo nas margens do rio na frente de 400000 cavallos , e de hum numero sem conto de infantaria. Bastava vêr este apparato para decahirem os animos , senão fossem Portuguezes ; mas elles se preparáraõ para fazer huma defen-

senza vigorosa, com maiores esforços Era vulg.  
do valor, que apparencia, e realidades  
do perigo.

El-Rei, que cada dia recebia avi-  
fos do que passava, mandou soccorrer  
os sitiados por D. Joaõ de Sousa,  
aquelle destemido Fidalgo, que lou-  
vando o mesmo Rei o seu esforço,  
porque o Conde de Borba disse, que  
as suas valentias eraõ acertos, El-Rei  
lhe responde: Verdade he, Conde,  
que saõ acertos; mas nunca os acerta,  
senaõ D. Joaõ. A molestia perigosa,  
que lhe sobreveio depois de estar na  
Graciosa, o fez voltar para o Reino  
sem dar exercicio á sua corage; e for-  
çado pelo Capitão dos Ginetes Fernaõ  
Martins Mascarenhas, por D. Diogo  
de Almeida, e por D. Martinho de  
Castello-Branco, depois Conde de Vil-  
la-Nova, que El-Rei mandou obser-  
var o estado da Praça para resolverem  
se se havia defender, ou arrasar. D.  
Diogo de Almeida ficou encarregado  
do governo della pela ausencia de D.  
Joaõ de Sousa, e na Fóz do rio com  
a Armada o Capitão Mór Ayres da

Era vulg. Silva. O poder dos Mouros , que se augmentava cada dia , a attacou por todas as partes. A guarnição , quasi toda de Fidalgos , fez huma defensiva superior ás forças humanas com destroço continuado dos Barbaros.

Como elles recebiaõ o maior incommodo do fogo da armada , e a Praça tinha nella o melhor soccorro ; cuidáraõ em huma parte do rio , que dava váo na vassante da maré , fazer huma estacada com cestões de terra , e pedra solta , que lhe impedisse chegar á Villa , e ao Fóite , como na realidade succedeo. Com esta noticia , que trazia a do perigo , em que ficavaõ tantos Fidalgos illustres , o ardor del Rei se inflamou para ir em pessoa soccorrer a Praça a expensas de huma batalha. O conselho o impedia com razões de convicção , que ignorava D. João de Abranches , filho do bravo D. Alvaro Vaz de Almada , quando El-Rei lhe perguntou o que faria naquelle aperto. Elle lhe respondeo : que occasião de tanta honra era digna de hum Rei do seu carácter ; que a sua presen-

sença redobraría o espirito das tropas ; Era vulg. que pela resistencia , que fariaõ os sitiados contra poder taõ formidavel na sua ausencia , medisse elle os milagres de valor , que obrariaõ se o tivessem á vista ; que naõ se devia gastar tempo em huma jornada , que facilitando o rendimento de Féz , Mequinez , e Alcacer-Quivir , naõ tinha menos consequencias , que a conquista de toda a Mauritania com a melhor parte de Africa.

Este parecer do valeroso Abranches , que acabava de chegar de Lisboa a Tavira para acompanhar a El-Rei no soccorro , foi o com que elle se conformou. Naõ foi necessario mover-se a sua Real pessoa para conseguir pela reputaçãõ hum triumpho naõ menos glorioso , que se o ganhasse com as armas. Soube Muley-Xeque a resoluçãõ del Rei ; que o Reino se despoava , e vinha a Tavira para o acompanhar a Africa. Bastou esta voz vaga para o Barbaro perder os espiritos , e propôr humã trégoa , que a situaçãõ dos negocios fez entender se devia abra-



**Era vulg.** abraçar. Já o Capitão Mór Ayres da Silva tinha accetado a suspensão de armas em quanto se dava parte a El-Rei, que além dos poderes dados a este Chéfe da armada, mandou que com elle fossem concluir os ajustes a Ruy de Sousa, a D. Affonso de Monroy, Mestre de Alcantara, e a Diogo da Silva de Menezes, Ayo do Duque D. Manoel, depois Conde de Portalegre. Ajustou-se, que El-Rei tiraria tudo da Villa da Graciosa, entregando-a no mesmo estado, em que elle a tinha tomado; que a Fortaleza seria demolida, sahindo a guarnição com as honras militares de mecha accesa, tambor batido, e bandeiras despregadas.

Parece que o grande zelo dos vassallos nesta occasião critica inclinára El-Rei a mostrar-se com elles mais humano. Entre outros lances, são dignos da Historia os que succedêrão com Duarte do Casal, que tendo-o servido com valor, e estando pobre, lhe disse: Duarte do Casal, se tivesses mãos para obrar, tende lingua para me pedir: com Ruy de Abreu, Alcaide Mór

**Mór de Elvas**, que instando-o por hu- Era vulg.  
 ma mercê com: semblante de aggrava-  
 do, lhe tornou alegre: Dou-vos hum  
 conselho como amigo, Ruy de Abreu,  
 quando pedires mercês, não lembreis  
 aggravos: com Fernaõ Serraõ, que  
 vendendo duas quintas para comprar  
 gallas, lhe perguntou: Fernaõ Serraõ,  
 quantas quintas fazem hum gibaõ: com  
 Pedro Pantoja, que prestando-lhe seis  
 centos mil reis em Tavira, e poucos  
 dias depois mandando-lhe dar sete cen-  
 tos, que elle não quiz acceitar, lhe  
 disse: Hora tomai oito centos, e a cada  
 repplica irei accrescentando cem: e  
 com outros muitos dos seus vassallos  
 em occasiões differentes, taõ déstro,  
 e engenhoso em Apophthegmas célebres,  
 e judiciosos, que nas suas idades o fa-  
 ziaõ respeitavel, e nós por elles o ve-  
 neramos nas nossas.

## CAPITULO II.

*Do casamento , e morte desgraçada do  
Principe D. Affonso, unico filho del  
Rei, e de outros successos de-  
pois della.*

1490 **N**ÓS dissemos, que chegando o Prin-  
cipe D. Affonso á idade de quatorze  
annos, e estando por casar a Infante D.  
Isabel, filha mais velha do Rei Catho-  
lico D. Fernando, na forma do Tra-  
tado de Moura, mandou El-Rei a Ruy  
de Sande fazer ao Rei a proposta do  
casamento, que se acceitou sem duvi-  
da, naõ obstante as pretensões dos  
Reis dos Romanos, de França, e de  
Napoles. Neste anno determinou El-  
Rei D. Joaõ concluir as vodas, e pa-  
ra se arbitrarem os meios da necessa-  
ria despesa, convocou Cortes em Evo-  
ra no mez de Janeiro, e vieraõ a ser  
celebradas no de Março. Presente o  
Rei fez nellas huma falla pathetica o  
Corregedor da Corte, Ayres de Al-  
mada, em que propôz aos Póvos a  
al-

alta reputação a que os havia elevado Era vulg.  
 a sua delicada economia : o socego  
 do Estado , depois que elle expôz a sua  
 pessoa a muitos perigos para o com-  
 prar a troco da sua mesma segurança :  
 a gloria das armas , e da Nação em  
 tantos encontros , conquistas , e na-  
 vegações felices : a necessidade de dar  
 estado ao Principe , e as consequen-  
 cias vantajosas da alliança com a In-  
 fante D. Isabel , que trazia a Portugal  
 huma paz perpetua com Hespanha ; e  
 o quanto nesta occasião esperava El-  
 Rei encontrar officiosos os seus vassal-  
 los , contribuindo com o que lhes fos-  
 se possível para os gastos de huma oc-  
 casião tão brilhante.

Elles , que não ignoravaõ estarem  
 os thesouros diminuidos com as des-  
 pezas da guerra de Africa ; que o apres-  
 to de tantas náos de viagem , e de  
 guerra consumiaõ montes de ouro ;  
 que com ancia desejavaõ o casamento  
 do Principe com a Infante , e estavaõ  
 dispostos para lhe dar efficaz concur-  
 so : sem replica , antes gostosos , offe-  
 recêraõ hum donativo de cem mil  
 cru-

**Era vulgar** cruzados ; 'somma consideravel naquelles tempos. Os Reis Catholicos estavaõ entaõ em Sevilha , para onde El-Rei despedio com o caracter de Embaixadores Extraordinarios ao Conde Mór, Fernaõ da Silveira , Regedor da Casa da supplicaçaõ , ao Doutor Joaõ Teixeira , Chanceller Mór , e por Secretario a Ruy de Sande , que fora o primeiro enviado a este negocio. A Corte de Castella recebeo estes Ministros com a alegria , que já era geral em ambos os Reinos pela esperança de gozarem a doçura da paz : Reis , e vassallos concurrentes no mesmo prazer , que nascia das bem formadas idéas de prosperidades futuras. Como Fernaõ da Silveira levava os plenos poderes do Principe , em seu nome se recebeo com a Infante D. Isabel na presença do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça , dos Reis seus pais, Principes , e Grandeza : cerimonia , a que se seguíraõ festas , em que taõ grandes Monarcas fizeraõ ostentaçaõ da sua magnificencia.

Em quanto se tratava este grande  
ne-

negocio, informado El-Rei, de que Era vulg.  
em Lisboa havia huma casa de jogo  
escandalosa, lhe mandou pôr o fogo,  
e arrazalla. Parece que quiz remune-  
rar o Ceo este serviço, permittindo  
se soubesse a trahição infame de hum  
Lopo Sanches, que cégo do seu in-  
teresse, tinha ajustado com o perjuro  
Alé-Barraxe dar-lhe entrada na Cidade  
de Ceuta. Com este aviso partio do  
Algarve para Gibraltar em huma es-  
quadra de 50 vélas D. Fernando de  
Menezes, filho do Marquez de Villa-  
Real, para esperar de Ceuta a instruc-  
ção de Fernão de Pina, que mandára  
diante. Este Fidalgo era irmão do  
Commandante de Ceuta D. Antonio de  
Menezes, que por Fernão de Pina o  
avisou viesse ao porto de noite para  
não ser sentido dos inimigos. Unidos  
os irmãos, determinárao castigar a  
Barraxe com golpe sensível na Cidade  
de Targa, sobre a Córta do Mediter-  
raneo, que levárao sem resistencia,  
entregando os Mouros as liberdades  
por não arriscarem as vidas. Aqui res-  
gatárao trinta escravos Christãos, dé-  
rao

**Era vulg.** raõ fogo a vinte e cinco navios , que tinhaõ no porto , e carregáraõ a armada dos muitos generos , de que estavaõ bem providos os armazens.

Succeffo taõ feliz animou os dous Fidalgos para persuadirem a D. Martinho de Tavora , Governador de Alcaccer-Ceguer , e a Manoel Peçanha , que o era de Tangere , quizessem acompanhallos á empreza da conquista de Comice , que era temeraria só intentada pela sua situaçaõ em hum rochedo escarpado , e eminente , bem fortificada , e defendida por huma guarniçaõ numerosa. Todas as difficuldades atropelou a nossa corage , que em hum assalto , todo horror , a troco da vida de setenta dos nossos , rendemos com grande carnage dos Barbaros a invencivel Comice. O preço dos despojos igualou o valor da victoria , que na estimaçaõ del Rei foi taõ singular , como as honras , que delle recebeo em Evora D. Fernando de Menezes. O gosto destas duas victorias , a alegria do casamento do Principe tudo foi perturbado por occasiaõ da morte em

Avei-

Aveiro da Infante D. Joanna, que se Era vulg.  
 a teve preciosa nos olhos de Deos,  
 como morte de Santa, nos de D. João  
 moveo as lágrimas, porque era de irmã.  
 O luto por tão justificada causa sup-  
 primio o prazer, que preparava gal-  
 las; mas elle teve de ser breve: que  
 nem o estrondo dos prodigios da San-  
 ta dava lugar a lástimas, nem o al-  
 voroço das vodas consentia prantos.

Quería El-Rei, que viesse voando  
 a noticia a Evora do dia, em que os  
 Principes se recebiaõ. Para isso man-  
 dou pôr cavallos de posta de Sevilha  
 até á Torre dos Coelheiros, distancia  
 de tres legoas cada carreira, que em  
 dia, e menos de meio se completáraõ.  
 Cresceo o alvoroço, principiáraõ as  
 festas públicas, com grande gosto re-  
 cebeo El-Rei por vários Fidalgos Cas-  
 telhanos cartas do Rei, e Rainha Ca-  
 tholica, apressáraõ-se os aprestos, e  
 se cuidou em abbreviar a passagem.  
 Da sua parte os Reis de Hespanha a  
 nada perdoavaõ para indicarem o seu  
 júbilo, e para abbreviarem a vinda da  
 Princeza, que foi encarregada ao Car-  
 deal



**Era vulg.** deal de Castella , e aos maiores Senhores da Corte para a conduzirem ao rio Caya sobre a fronteira , aonde se havia fazer a entrega. Bem longe dos pensamentos , de que se hia a encontrar com a futura esposa , que o Ceo lhe tinha destinado , D. Manoel , Duque de Béja , foi em quem cahio a sorte da nomeação para conductor da Princeza do Caya até Evora.

Acompanháraõ ao Duque os Bispos de Evora , e de Coimbra , os Condes de Cantanhede , e Monsanto , grande número de Fidalgos , e Cavalleiros. No dia 22 de Novembro sahio a Princeza de Badajoz , e o Duque entrou pela raia de Castella para a receber da mão do Cardeal. Sobre o Caya fez o Chanceller Vasco Fernandes de Luce-na hum falla florida , terna , magestosa , e eloquente á Princeza em nome del Rei , do Principe , e do Reino , que a reconheciaõ por Filha , Esposa , e Senhora , e acabada ella se despediraõ as comitivas brilhantes para os seus lugares respectivos. El-Rei , e o Principe incognitos , mas pomposos , marchá-

cháraõ a Estremoz , aonde as vistas Era vulg.  
mutuas fizéraõ inexplicaveis os praze-  
res reciprocos , e completo o júbilo  
na renovação das vontades , que quiz  
El-Rei fizessem os Principes na presen-  
ça do Arcebispo de Braga. No dia se-  
guinte partiraõ ambos adiante para Evo-  
ra , depois a Princeza com a sua co-  
mitiva , que se alojou no Convento  
do Espinheiro de Monges Jeronymos ,  
meia legoa distante da Cidade , até se  
preparar a entrada pública , que nella  
haviaõ fazer.

Para ella foi destinado o dia de  
Domingo 27 de Novembro , com a  
pompa , e grandeza , que até entã se  
vira nestes actos em Hespanha. El-Rei  
foi com a sua Corte ao Espinheiro pa-  
ra conduzir a Princeza , que veio a  
cavallo com as Damas. O ruido dos  
instrumentos , a pompa dos Fidalgos ,  
o grande número de guardas , que bor-  
davaõ o caminho , representavaõ lumi-  
noso o apparato. Chegados á porta de  
Avís , o Duque de Béja D. Manoel ,  
e o Senhor D. Jorge , filho natural del  
Rei , póstos a pé cada hum de sua  
par-

**Era vulg.** parte , leváraõ a Princeza , como palafrens. Muito illuminado era o Duque D. Manoel , primeiro Principe de Portugal , e segundo herdeiro do Reino , para naõ pensar , quando se vio nesta figura sem distincão dos outros Grandes , que elle hia hum copia pintada pelo desagrado de seu irmão o Duque de Viseo , que nelle se desfigurava. A Providencia porém , que prescruta as intenções , naõ tardará em remunerar o abatimento , fazendo Rei, e Esposo do mesmo objecto o Duque , que a pé o vai servindo , e levando de redea.

Hum Orador famoso de Sicilia recitou á entrada da pórtã hum discurso respeitoso em nome da Camara da Cidade , e depois d'elle continuou a marcha com apparato soberbo direito á Sé , aonde os Principes beijáraõ a Reliquia do Santo Lenho , e se recolhêraõ ao Paço. Seguíraõ-se banquetes esplendidos na Corte , festejos os mais brilhantes , corridas vistosas de touros , e justas magnificas , em que a dexteridade , e grandeza del Rei se fi-

zéraõ admirar. Além delle, eraõ os Era vulg.  
 Manutendores do campo o Duque D.  
 Manoel; Valenzuela, Prior de São  
 Joaõ de Castella; que estava desterra-  
 do em Portugal; D. Diogo de Almel-  
 da, depois Prior do Crato; Ayres da  
 Silva; Camareiro Mór; o Francez  
 Monsieur Vaupargas; D. Joaõ de Me-  
 nezes; Alvaro da Cunha, Estribeiro  
 Mór; Ruy Barreto; D. Joaõ Manoel;  
 Pedro Homem; Garcia Affonso de  
 Mello; Lourenço de Brito; Joaõ Lo-  
 pes de Sequeira; Antonio de Brito;  
 D. Fernando de Menezes, depois Mar-  
 quez de Villa Real; o Hespanhol Pe-  
 dro Ayres; D. Henrique Henriques,  
 Senhor das Alcaçovas; D. Joaõ de  
 Almeida, Conde de Abrantes; Fernaõ  
 Martins Mascarenhas, Capitão dos  
 Ginetes; D. Rodrigo de Menezes,  
 Guarda Mór do Principe; D. Marti-  
 nho de Castello Branco, depois Con-  
 de de Villa Nova; Jorge da Silveira;  
 D. Diogo Pereira, Conde da Feira;  
 D. Rodrigo de Monsanto; D. Diogo  
 Lobo, Baraõ de Alvito; D. Pedro  
 de Sousa, depois Conde do Prado;

**Era vulg.** D. Francisco da Silveira, Coudel Mór; D. Diogo da Silveira; Pedro de Abreo; Nuno Fernandes de Attaide; Garcia de Sousa; João Ramires de Arelhano, Hespanhol; e Diogo de Mendouça.

Seis mezes duráram os festejos, ainda que interpolados por causa de vários acontecimentos. Graffava então a peste em Lisboa, e pelo grande concurso de gente, que vinha a Evora de todas as partes do Reino, entráram a lavrar as doenças, foi grande o cuidado na Corte. Cresceo elle com a molestia, que sobreveio a El-Rei; e se entendeu mortal, causada de veneno, que se disse haviaão deitado na Fonte-Cuberta, que era em huma herdade junto a Evora, aonde elle bebêra. Tomou mais corpo esta desconfiança com as mortes, que padecêram inchados, e por dissolução do ventre, depois que bebêram na mesma occasião da dita fonte, o Copeiro Mór Fernal de Lima, Estevoão de Sequeira, e Affonso Fidalgo. O certo he, que El-Rei, ainda que então melhorou, pouco depois

Ihe

lhe repetio a mesma queixa , que o Era vulg. acompanhou o resto da vida, e dizendo-se depois , que de veneno se lhe originára a morte , affentou-se , que os descontentes lha principiáraõ a traçar do tempo do successo referido na Fonte-Cuberta.

Foi El-Rei convalecer a Viana , hum Villa distante cinco legoas de Evora , donde voltou pouco depois a esta Cidade por occasiaõ da chegada de D. Francisco Coutinho , Conde de Marialva , que com hum equipagem brilhante vinha renovar as festas. Este Fidalgo , depois da morte del Rei D. Afonso V. se havia retirado para as suas terras sentido da grande perda , que tivera na falta do Principe , que tanto o honrára , e até agora não havia seguido a Corte. Nesta occasiaõ para dar provas da sua fidelidade , veio a Evora renovar os mesmos divertimentos das Justas , danças , e entretenimentos igualmente estimaveis pela delicadeza das idéas , e despezas avultadas , que nelas fez o Conde.

Neste anno se mudáraõ as Freiras

**Era vulg.** da Ordem Militar de Sant-Iago de Santos o Velho , aonde eraõ os Paços além da Boa-Vista , para o lugar que hoje dizemos Santos o Novo , e entãõ era Santa Maria do Paraíso , entre os dous Mosteiros de Santa Clara , e o da Madre de Deos. A commendadeira , que entãõ era a estimavel Matrona Violante Nogueira , e as mais Senhoras foraõ a pé em procissão , levadas pelo Cabido , Cléro , e Communi-  
dades de Lisboa , e no novo Convento collocáraõ as Reliquias dos Santos Martyres , que de tempos antigos guarda-  
vaõ no Velho. No mesmo tempo de que estou fallando , succedêraõ a El-Rei casos dignos de memoria. Indo elle ao Espinheiro , Convento de S. Jeronymo em Evora , disse a muitos Fidalgos , que o seguiaõ , fossẽm comer , que eraõ horas. Reparando , que de todos ainda quatro o acompanhavaõ , voltou a elles com enfado : Naõ vos disse , que fossẽs comer ? Respondeo por si ; e ~~pelos~~ <sup>pelos</sup> companheiros João Goo : Sim senhor , os que tinhaõ que comer , foraõ ; nós que o naõ temos ,  
fi-

ficámos. El-Rei lhes tornou prompto : Era vulg. Eu prometto de vo-lo dar , e logo. Assim o fez , despachando todos quatro sem demora.

Ao Vigário de Thomar , que em huma causa deo sentença contra El-Rei, elle lho agradeceo de palavra , e remunerou com 200 cruzados. Ao Doutor Nuno Gonçalves , que havendo de votar em outra , o não quiz fazer em quanto elle estivesse presente na Relação , por ser parte , El-Rei sahio dizendo : que a elle lhe parecia o mesmo , que a Nuno Gonçalves , para o respeito lhe não impedir a julgar segundo a sua consciencia. A hum réo , que se lhe queixou , de que em quanto teve que dar , os Ministros lhe prolongáram a vida preso , e que agora que nada tinha , o queriam enforcar , respondeu El-Rei , os Desembargadores são os que merecem a morte ; mas como não devo matar a tantos , se elles vivem , vivei vós. A outro réo em Relação perguntou a causa , por que o sentenciavam á morte. Disse elle , que hum moço seu amigo lhe namorára huma  
ir-



Era vulg. irmã; que a ambos avisára lhe não fizessem affronta; que elles despresáraõ a advertencia, e que vindo do campo, e encontrando-os escondidos no matto, fora a elles, e os matára. Pois tu não sabias, replicou El-Rei, que por esse crime te haviaõ enforcar? Sim senhor, respondeo o réo, mas a minha honra offendida quiz antes por-me neste perigo, que fazer que eu consentisse em tal injúria. Entaõ concluiu El-Rei: pois tu, que bem o dizes, e assim o entendestes, eu te perdoo, e vai-te.

Disse hum homem mal de outro na sua presenca, e que a sua conducta era tal, que só mancebas tinha vinte. El-Rei como que não ouvira lhe perguntou: quantas mancebas? Vinte, Senhor, respondeo o maldizente, e o provarei. Tirai-vos diante de mim, lhe tornou El-Rei, que homem de vinte mancebas não tem nenhuma. Vio elle hum Touro furioso correr a hum homem; que este o esperava brioso; que a capa feita, e espada em maõ se deitára a elle, e o matára com tremendas cuti-

la-

ladas. Chamou-o El-Rei gostoso de vêr, *Est. vulg. 1* que hum homem vulgar fizera huma acção mais consumada, que a que lhe succedêra em Alcochete. Tanto instou com elle para saber quem era, que o miseravel lhe disse: Senhor, sou hum infeliz, que em Lamego matei hum homem, e ando na Corte, porque ninguem me conhece. Elle se notava de considerado, quando vio a pressa, com que El-Rei mandava chamar o Corregedor; mas desaffogou o espirito com a sua chegada, ouvindo-o receber esta ordem: Ide logo Corregedor livrar-me este homem criminoso, que tenho nisto prazer: e depois de livre o acomodou por seu criado.

Pedio-lhe certo homem hum Officio, e dizendo-lhe El-Rei, que estava dado, o pretendente lhe beijou a mão. Se o Officio está dado, porque me bejsais a mão? perguntou o Principe. Pela mercê que Vossa Alteza me fez de me poupar com o desengano o que havia gastar nos requerimentos; respondeo a parte. Tornou-lhe El-Rei: Pois eu vos dou o Officio, e compensa-

**Era vulg.** farei a pessoa, que o tinha, com outra mercê. Manoel de Mello, irmão do Conde de Olivença era hum Fidalgo de grande valor, que sendo Capitão de Tangere teve muitos encontros com Alé-Barraxe, sempre victorioso delle em número muito desigual de gente. Depois de estar Manoel de Mello em Portugal, Barraxe continuava as suas cavallarias com espirito incançavel. Deo-se parte a El-Rei da inquietação deste Barbaro, que não fazendo caso da palavra, que deo de não pegar mais em armas contra os Portuguezes, quando obteve a liberdade, elle o fazia tanto pelo contrario, que não dava socego ás guarnições das nossas Praças. Estando presentes muitos Fidaigos, disse El-Rei a todos: guarde-se Barraxe não mande eu tirar o caparação a Manoel de Mello. Com estes, e outros semelhantes modos fortes, e insinuantes este Principe alentava os espiritos, e com os louvores fazia crescer a virtude.

## CAPITULO III.

Era vulg.

*Da mudança da Corte de Evora para Santarém ; aonde succede a lastimosa morte do Principe D. Affonso , e outros successos deste tempo.*

**D**E Viana , como dissemos , se tinha El-Rei recolhido a Evora , aonde passou a Quaresma deste anno ; mas entendendo-se , que só hum bom ar restabeleceria a sua preciosa saude , elle determinou passar com a Corte a Santarém. Com todo o genero de divertimentos se fez esta jornada por Monte Mór , Almeirim , e mais lugares das margens agradaveis do Téjo até chegar áquella Villa. Os Principes hum dia antes del Rei , no de 14 de Junho foraõ recebidos nella com grandeza extraordinaria em mar , e terra. O mesmo se praticou com as pessoas dos Reis , que aqui recebêraõ dos Embaixadores Estrangeiros os cumprimentos , que lhes mandavaõ fazer os seus Soberanos pela occasiaõ do casamento dos

**Era vulg.** dos Principes. Em prazeres excessivos se passáraõ as festas do S. Joaõ , e como no mundo ordinariamente as Cytharas se convertem em lutos , tantas alegrias extraordinarias pareciaõ preludios de pezares extremosos. Incompreensiveis aos homens os juizos de Deos , quando parecia neste Reinado que tudo concorria para a felicidade commum , e hum contentamento profundo trazia extactico o gosto , tudo muda em hum instante , hum momento tudo acaba.

Aconselháraõ os Medicos a El-Rei, que naquelle Veraõ usasse os banhos do Téjo. No dia 12 de Julho mandou elle avisar o Principe viesse acompanhallo , e divertir-se nas margens do rio. Elle se escusou por ter chegado da caça fatigado , e lhe fez pedir o quizeffe dispensar. O amor de filho unico , que sempre traz o Pai affustado , presumindo alguma molestia no Principe , foi o Rei a visitallo ; mas vendo-o a huma janella divertido com a Princeza , cortejou-os , e marchou para o rio. Reparando o Principe nelli

te cuidado de seu Pai , quiz corresponder-lhe ; montou em hum soberbo ginete , e seguiu-o. Por entender o calor ainda agitado pelo movimento da caça , não quiz neste dia nadar como costumava , e com D. Joaõ de Menezes , o que depois morreo em Azamor , se ficou entretendo na praia. Instou-o o Principe para darem huma carreira , no que D. Joaõ não queria convir , ou por ser já noite , ou porque o dia era Terça feira , agouro fatal para os Fidalgos do seu apelido.

O Principe se apeou para sobir em huma mula ; mas ao montar se lhe quebrou hum loro , e o destino o conduzio a voltar para o Paço no mesmo cavallo. Tantas foraõ as suas instancias para correr de mãos dadas com D. Joaõ , que este não teve mais remedio , que condescender. Hiaõ elles no meio da carreira , que hum homem inconsiderado attraveffa correndo ; assusta-se o cavallo , em que hia o Principe ; levanta-se com elle , e cahe de cóstas com golpe tão violento , que lo-

Era vulg. logo o deixou com todas as apparencias de morto. Não houve mais accordo, que o de recolherem o desgraçado Principe na choupana de hum pobre pescador, aonde viéraõ os Reis, a Princeza, a Corte toda ferindo os ares com gemidos, affogados os olhos em lágrimas, truncadas as vozes pelos soluços. Esgotáraõ-se os remedios, que ensina a Arte; recorreo-se aos Divinos com preces fervorosas do Clérigo., penitencias incriveis do povo, votos ardentes dos Fidalgos; todas as classes com hum só coração, e huma só alma clamavaõ em huma só voz ao Deos das misericordias se lembrasse, de que estas eraõ nelle muito antigas; que o castigar se lhe fazia como violento. Não quiz o Ceo differir ás nossas súplicas, não obráraõ os remedios naturaes, e no dia seguinte pela huma hora da noite, sem dar accordo, na idade de dezaasete annos, e vinte dias, morreo o Principe D. Affonso, unico filho legitimo del Rei D. Joaõ II.

Bis-aqui hum espelho diafano para  
os

os ambiciosos das honras, os amantes *Era vulg.* da vaidade, os homens todos compõem as imagens do seu interior. Vêr hum Principe minino, pouco antes, entre os apparatus da grandeza, assumpto de Epinícios faustos; agora, acabando na choupana vil de hum pescador, objecto lastimoso de Epicédios funebres, he huma demonstração evidente do que o mundo vale. Nesta perda irreparavel disse depois El-Rei seu Pai, que se consolava, quando advertia, que o Principe pela brandura, e affabilidade do genio, não era capaz de ser Rei de Portuguezes. Diz hum Historiador do seu tempo, que nesta expressão mostrava elle o grande amor, que tinha aos seus Póvos; como se os de Portugal, no conceito da Rainha Catholica D. Isabel, e das Nações mais civís da Europa, sendo todos filhos, não necessitassem antes de hum Rei Pai, que de hum Pai Rei.

Celebradas as exequias em Santarém, o Marquez de Villa Real, com grande sequito de Senhores, e concurso numerozo de toda a sorte de gentes



**Era vulg.** tes , conduzio o cadaver do Principe para o Convento da Batalha , aonde foi sepultado junto ao Monumento do Rei D. Affonso V. seu Avô. O luto nas pessoas Reaes foi o mais rigoroso , que até então se tinha visto : a Princeza com o cabello cortado , e vestida da almalaga mais grosseira , El-Rei , e a Rainha do humilde panno negro da terra , e a esta imitação os Fidalgos , Damas , e Povo : luto , que indicava , não só a perda de tal Principe , mas a dôr de que o Reino , que depois de tres seculos e meio sempre passara dos Pais para os filhos , ou dos irmãos para os irmãos , sem interrupção da linha viril , agora hia buscar a collateral na pessoa do Duque D. Manoel , se acaso os esforços do poder não intentassem , na pessoa de D. Jorge , collocar no Throno outro bastardo. A Duquesa de Bragança D. Isabel , irmã da Rainha , deixou nesta occasião o seu retiro , e appareceo na Corte coberta de segundo dô , como esquecida do primeiro luto , e se demorou nella quinze dias.

Nef-

Neste espaço não deixaria de ouvir Esta valga as vozes populares, que interpretes dos juizos de Deos em todos os successos dos Estados, com elles confrontavaõ os discursos. Raros se deixavaõ vêr como Idolatras do Fado, que attribuissem esta morte ao acaso: todos a criaõ esforço da Providencia, que com a morte do filho castigava no Pai a injustiça da do Duque de Bragança, a atrocidade da do Duque de Viseo, a perseguição inexoravel contra os Fidalgos bannidos, contra os Principes de Bragança desterrados, e cada qual, huns no fundo dos cerebros, outros nas pontas das linguas, antecipavaõ a El-Rei o dia do Juizo. Elle, que supprimia em si a dôr taõ fresca, e excessiva, depois que a Duqueza de Bragança deixou misturadas as lágrimas com as da Rainha sua irmã; escolheo o retiro de huma casa particular, aonde se escondesse aos cumprimentos de pezames, que vindo de todas as partes, não ficava alguma na indivisibilidade da alma, que não lha ferissem.

Determinou El-Rei no Agosto seguinte-

**Eta vulg.** guinte ir em pessoa ao Mosteiro da Batalha celebrar as Exequias do Principe. Não consentio, que o acompanhasssem a Rainha, e Princeza por lhes não renovar a dôr; mas foi seguido da officiosa Duqueza de Bragança, da Infante D. Filippa, irmã da Duqueza de Viseo D. Brites, de muitas Senhoras, e Fidalgos do Reino. Imagens bem diferentes das de Evora o anno passado, descobrio El-Rei ao longe no Convento, quando vio tremolar das suas torres muitas bandeiras negras, eclypses tristes daquellas luzidas glórias, que provocaraõ o pranto universal da Corte. Durou a tempestade das lágrimas todo o tempo dos Officios, e ellas com o pezo das suas vozes foraõ as interpretes do discurso lastimoso, que entaõ recitou entre soluços intercadentes o Padre Fr. Joaõ Farto da Ordem de S. Francisco.

Tendo El-Rei posto casa separada a seu filho natural D. Jorge, e encarregando-o ao Conde de Abrantes para não parecer diante da Rainha, e lhe avivar as memorias do Principe, elle pou-

pouco depois mudou das idéas , que fo- Era vulg.  
 raõ occasião de discordias entre os  
 Reaes Confortes. Entrou El-Rei a re-  
 flectir no Successor , que havia dar á  
 Coroa , e fosse que o seu desprazer pa-  
 ra com a Casa dos Duques de Viseo  
 ainda se conservava vivo , ou porque na  
 pessoa de seu filho D. Jorge achava qua-  
 lidades , que o faziaõ digno do Sceptro,  
 elle o quiz preferir a D. Manoel , Du-  
 que de Béja. Rodeado destas imagina-  
 ções , foi correndo o véo aos myste-  
 rios , que se fizeraõ intoleraveis á Rai-  
 nha , e á Nobreza , justamente aban-  
 donados a favor do Duque. Todos te-  
 miaõ alterações no Estado pela oppo-  
 sição dos sentimentos , muito mais  
 quando se contemplava no genio do  
 Soberano a difficuldade de o fazer mu-  
 dar da primeira inclinação huma vez  
 concebida.

Os Reis Catholicos , que estavaõ  
 sitiando Granada , quando recebêraõ a  
 noticia infesta da morte do Principe,  
 mandáraõ logo a este Reino ao Bispo  
 de Cordova , e ao Prior de Guadalu-  
 pe para lhe assistirem ás Exequias , e

Era vulg.

consolarem os Reis. Chegou tambem D. Henrique Henriques, Conde de Alva de Lisle, Tio del Rei D. Fernando, que vinha encarregado de conduzir a Princeza a Hespanha na companhia dos outros Embaixadores. Esta sabida de Santarém no meio do apparato mais funebre, que tinha visto Portugal, cotejado com a mais sublime pompa na entrada de Evora, fez que o écco dos soluços ferisse os horisontes. Em silencio profundo chegou a Corte á Abrantes, e El-Rei acompanhou a Princeza duas legoas além da Ponte do Sor, o Arcebispo de Braga até Olivença, aonde a esperava o Mestre de S. Tiago com muitos Fidalgos Castelhanos. A maior parte dos Portuguezes retrocedo de Olivença, excepto os que seguirão a D. João de Menezes, que fora Governador da Casa do Principe, e que por ordem del Rei a acompanhou, e servio até chegar á presença dos Reis seus Pais, que a recebêrão com ternura, pela occasião, lastimosa.

Veio a Corte para Lisboa, aonde se ouviaõ entre suspiros as vozes surdas,

das , que nomeavaõ successor a D. Ma- Era vulg.  
noel , menos attentas por D. Jorge.  
Nos ouvidos del Rei naõ fazia boa har-  
monia hum applauso taõ geral , nem  
D. Manoel gostava de o entender taõ  
público. O primeiro se affligia pelas  
difficuldades , que havia encontrar na  
approvaçaõ de seu filho ; o segundo  
com o temor , de que as vozes popu-  
lares o fizessem objecto da indignaçãõ  
do Pai , que lhe poderia ser fatal , se  
consternava. El-Rei , ainda que sob-  
mergido na tristeza profunda , que lhe  
causava a memoria da mórte do Prin-  
cipe ; elle a dobrava no desagrado pa-  
ra com a Rainha , que entendia toda  
inclinada ao partido de seu irmaõ o  
Duque de Béja. A noticia de que em  
Roma se solicitava a legitimaçaõ de D.  
Jorge a instancias de seu Pai , naõ só  
affligio a Rainha , e o Duque , mas  
encontrou a opposiçaõ aberta dos Reis  
Catholicos. Os seus Officios efficazes  
junto ao Papa , fortificados com as  
representações da Rainha de Portu-  
gaal , derrotáraõ o empenho del Rei,  
que houve de mudar os intentos.

Era vùlg.

Elle pretendeo do Papa para D. Jorge os Mestrados das Ordens de S. Thiego, e Avis, que o Principe D. Affonso havia possuido, como lhe foi accordado pelo Santo Padre. Immediatamente chegaraõ as letras, ordenou El-Rei o acto da posse na Igreja de S. Domingos, aonde pelos Commendadores, e cavalleiros lhe foi dada obediencia. Fez-se esta cerimonia na presença del Rei, de hum grande número de Prelados, e de toda a Corte, precedendo-lhe, e seguindo-se festas luzidas, que o Rei quiz honrar para admirar o Reino no repente, com que a melancolia summa passou para huma alegria extrema. Para reger a pessoa, e casa de hum Principe tão moço, que acabava de revestir de dous empregos, em que necessitava saber-se conduzir, nomeou a D. Diogo de Almeida, Fidalgo de muitas qualidades, do agrado del Rei, e que pouco depois foi Prior do Crato, por falecimento de D. Vasco de Attaide.

Se estes foraõ os esforços, que a natureza inspirou a El-Rei a favor de seu

feu filho, as luzes da sua providencia  
 eraõ muito claras, para que deixassem  
 de penetrar nos futuros as contingen-  
 cias respectivas ao mesmo filho. Elle  
 contemplava, ao futuro successor D.  
 Manoel irmão do Duque de Viseo mor-  
 to ás suas mãos, alliado do Duque de  
 Bragança, que mandára matar pelo  
 Executor da Alta Justiça, irmão da  
 Rainha reinante desgostada, da Duque-  
 za de Bragança sentida, e filho da de  
 Viseo melancolica: pensamentos tris-  
 tes, que lhe suggeriaõ as grandes des-  
 graças, a que D. Jorge ficava exposto,  
 se o Duque D. Manoel sobisse ao Thro-  
 no, porque o faria alvo da indignação  
 de todos. Depois do filho, o Rei con-  
 siderava, que do furor do mesmo Prin-  
 cipe, e Senhoras queixosas seriaõ ou-  
 tras tantas victimas todas as pessoas,  
 que directa, ou indirectamente con-  
 corrêraõ, suggeriraõ, approvaraõ a  
 morte dos Duques, e todos estes lan-  
 ces taõ criticos á sua politica illumi-  
 nada requería, que fossem acautela-  
 dos.

Da sua parte, aquelles Senhores não  
 cui-



**Em vulg.** cuidavaõ menos em prevenir-se , e o Duque , que meditava os extremos del Rei para com seu filho , naõ menos affustado dos presentes , que El-Rei prevenindo os futuros , tomou o expediente de sahir da Corte , e retirar-se para Béja. Com este voluntario extermínio quiz elle evitar , que a sua presença naõ augmentasse a inquietação del Rei , e observar de longe os movimentos. Mas em quanto estas cousas succediaõ em Portugal , os Reis Catholicos de Hespanha , cobertos de glória , tinhaõ continuado a guerra feliz de Granada , com rendimento das Praças mais importantes , como eraõ Malaga , Guadix , Baza , Almeria , e outras. Os Póvos , por onde passavaõ os dous soberanos sahiaõ aos caminhos a vellos com alvoroço , como a dous milagres da fortuna guardados nos seios da Providencia. E porque o fim desta guerra tem de fazer reflexos em Portugal , que daqui em diante se ha de vêr enlaçado com allianças repetidas em Hespanha , nós daremos della huma breve noticia no Capitulo seguinte

pa-

Para-irmos atar o fio da nossa História. Era vulg.

## CAPITULO IV.

*Conquista gloriosa do Reino de Granada, favoravel á successão de D. Manoel, Duque de Beja, com a noticia de ditos, e acções célebres del Rei D. João II.*

**J**Á intolerável aos animos heróicos dos Reis Fernando, e Isabel de Hespanha o soffrimento dos Mouros por mais tempo no seu continente: resolverão acabar com elles de hum golpe, e metter na sua obediência a cabeça contumaz do Reino teimoso, e aguerrido. Para este fim déraõ occasião os Mouros revoltosos de Granada, que se rebelláraõ contra Chiquito, que os Reis Catholicos haviaõ feito seu confederado. Com este motivo mandáraõ elles hum recado aos Chéfes de partido, que se logo naõ depunhaõ as armas, e lhe entregassem a Cidade, houvessem a guerra por declarada. Conheceo o  
Rei

**Era vulg.** Rei Chiquito, que as palavras dos Monarcas Catholicos soavaõ a seu favor; mas penetrou que as intenções eraõ dellas mui differentes. O susto concebido concordou os dous partidos barbaros; e por todo o territorio de Granada os Cacizes convidavaõ as gentes para hum guerra santa.

No fim do anno passado entrou El-Rei D. Fernando pela veiga de Granada, e deixando-a destruida, encarregada a fronteira á vigilancia do Marquez de Vilhena, veio com o Principe D. Ioão seu filho invernar a Sevilha, e aprestar-se para na Primavera formar o sitio da Capital. Com 100000 cavallos, e 400000 infantes, hum grande parte da Nobreza de Hespanha, no dia 23 de Abril se postou El-Rei á vista de Granada. Encarregou-se ao Marquez fallar a campanha, aonde queimou mais de vinte Aldéas, que podiaõ fornecer mantimentos á Cidade. Hum theatro de horror fez o Vilhena ao territorio agradavel de Granada, que sempre foi estimado pelo paraiso de Hespanha. Veio ao campo a valerosa Rainha  
com

**C**om seus filhos , e mandou cercar o Era vulg.  
**e**xercito com linhas de circunvalação ,  
**e** contravalação feitas com tal arte ,  
 que parecia hum Povo , e desde então  
 o foi com o nome , que ainda con-  
 serva de Santa Fé. Este sitio foi dos  
 mais gloriosos , que se vio da Época  
 dos Mouros em Hespanha até então.  
 Elle durou oito mezes , e treze dias.  
 O valor dos Hespanhoes obrou façan-  
 has , que pareciaõ temeridades ; que  
 lhes adquiriaõ reputação brilhante ;  
 que reduziraõ os Mouros á ultima ex-  
 tremidade.

Sentiaõ os valentes largar a sua ter-  
 ra , que possuiraõ tantos seculos : te-  
 miaõ os covardes o perigo , que lhes  
 decepava os animos ; e porque no nú-  
 mero destes entrava o Rei Chiquito ,  
 que sentindo depois com lágrimas a  
 perda da sua Corte , ovio da propria  
 mão a reprehensão dura : Bem he que  
 chore minino , quem não a soube de-  
 fender homem : elle fez hum discurso  
 longo aos moradores , todo dictado pe-  
 lo espirito do terror , que sem demo-  
 ra se communicou da cabeça aos mem-  
 bros.

**Era vulg.** bros. Tomada a resolução da entrega, se fez avizo da sua parte aos Catholicos Soberanos, para que no dia seguinte, que era o de Reis, seis de Janeiro de 1492, viessem em pessoa receber da sua mão as chaves da Cidade: dia fausto, memoravel, em que acabámos de arvorar os trofeos ganhados sobre os Mouros na guerra diuturna de 805 annos, sustentada por tantos Reis gloriosos, felizmente concluida no dia consagrado á memoria de tres Reis Santos.

**1492** Contribuiu Portugal para os applausos desta victoria com tudo, quanto cabe na grandeza para enunciar huma alegria extrema. Ella seria relativa mais aos avances da Religião, que aos interesses do Estado; mais privativa do commum, que particular do Rei. Via este aos de Hespanha sem inimigos nella, que daqui em diante lhe divertissem as forças; que elles abertamente estavam declarados a favor da successão do Duque D. Manoel para o Reino; que eraõ os protectores dos Principes perseguidos da casa de Bragança seus

parentes ; que os laços da amizade se Era vulg.  
 podiaõ ter por quebrados com a rotu-  
 ra dos do matrimonio causada pela mór-  
 te extemporanea do Principe D. Af-  
 fonso : tudo idéas tristes , que já con-  
 cebiaõ para D. Manoel as preferencias  
 á Coroa com prejuizo dos interesses de  
 D. Jorge.

Quiz El-Rei cuidar de longe nas  
 providencias de fazer forte o Reino em  
 tropas de cavallaria , e publicou huma  
 Lei rigorosa , em que mandava , que  
 pessoa alguma de qualquér qualidade  
 podesse montar em cavallos , e mulas  
 sem ser apta para tomar as armas. Pa-  
 ra animar a Ordenação com o exem-  
 plo , elle foi o primeiro , que dahi em  
 diante não apparecia , senão em cadeira  
 de mãos. Ella se dirigia a renovar sem  
 violencia as coudelarias , em que há-  
 via muito tempo se deixava de cuidar ,  
 para deste modo haver no Reino abun-  
 dancia de cavallos. Todo o Cléro se  
 queixou sentido de humia Lei , que so-  
 bre lhe derogar os seus privilegios , o  
 punha na consternação de andar sempre  
 a pé com perigo da vida de muitos ,

3a vulg. e da salvação de não poucos pela falta da administração dos Sacramentos nas distancias. Declarou El-Rei, que a Lei não se entendia com o Cléro; mas mandou ordem pelas Comarcas a todos os ferradores, que não ferraessem cavallos, e mulas, que não fossem criados nas coudelarias, e das pessoas habeis, que a Lei declarava.

As idéas vastas, em que se occupava o Principe magnanimo, não lhe impediaõ fazer muitas merçês, e repetir graciosos ditos. Quando a Rainha de Castella lhe mandou representar o gosto, que tinha de ver Lisboa, sem mais companhia, que a de vinte criados montados em mulas, respondeu: Que o mesmo desejava elle fazer em Sevilha com cincoenta cavallos á destra diante de si. D. Pedro de Eça, Alcaide Mór de Moura, estando para morrer, lhe mandou entregar as chaves do Castello por Antão de Faria. Ordenou-lhe El-Rei as tornasse a levar, e dicesse a D. Pedro, que aos filhos de hum cavalleiro como elle, não se privavaõ das honras, que tivera seu pai.

A hum Fidalgo, que lhe pedio a Alcadaria Mór de Castello de Vide, que vagára por fallecimento de Vasco Martins de Mello, disse: A mercê, que vos posso fazer, he guardar-vos segredo no requerimento, por se vos não estranhar o pedires-me os despachos de hum pai de cinco filhos, que todos me servem com a lança na mão. Quando alguns Fidalgos reparáraõ em elle ter provido o emprego de Mordomo Mór em D. João de Menezes, que não sabia viciá a politica com a adulação, respondeo: Fiz Mordomo Mór a D. João, porque nunca me falla a vontade, senão a verdade.

Para honrar ao grande D. Francisco de Almeida, depois primeiro Viso-Rei da India, que acabára de chegar da guerra de Granada, aonde obrou acções dignas do seu valor, tendo-o convidado para ir á caça, e vindo quando El-Rei comia, lhe perguntou se tinha jantado. D. Francisco lhe tornou, que era muito cedo, e que reservára fazello quando voltasse. Então lhe disse El-Rei: Pois assentai-vos abi,



**Era vulg.** e comei comigo: o que elle fez á vista dos Grandes, que á mesa assistiaõ em pé. Faz-se digno de reflexaõ o caso de Diogo Gil Magro, muito seu favorecido, que em Evora fez huma injúria grave a Alvaro Mendes do Esporaõ, e se pôz em cobro no Castello de Arrayolos. Joaõ Mendes, e Diogo Mendes de Vasconcellos sentíraõ tanto a affronta de seu pai, que acompanhados dos seus amigos, huma noite forçáraõ as portas do Castello, entráraõ, e fizeraõ em postas a Diogo Gil. Como El-Rei sentio muito esta mórte, certo Fidalgo se adiantou em lhe pedir os bens dos aggressores, que deviaõ perder na forma das Leis, e que elle os merecia por ser irmão do mórto. Depois del Rei lhe responder, que obraria melhor em dar aos réos as fazendas de Pedro Jusarte, Alcaide Mór do Castello, e de Diogo Gil, do que a elle; a de Pedro Jusarte, porque taõ mal guardou o Castello; a de Diogo Gil, porque taõ mal se soube guardar a si: ordenou, que nesta causa se pozesse perpetuo silencio; lembrando, que se

se a seu pai lhe fizessem injuria semelhante, elle faria o mesmo, que acabavaõ de fazer João, e Diogo Mendes. Era vulg.

A 15 de Maio deste anno se lançou a primeira pedra no grande edificio do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, com assistencia del Rei, para soccorro dos infelices, a quem a fortuna negára os seus bens. Desde entaõ começáraõ a ser exercitadas nesta casa rica, e poderosa as virtudes da caridade, e hospitalidade sem interrupçaõ até o anno de 1750, em que hum incendio voráz a consumio, e foi necessario mudalla do lugar do Rocio para outro sitio. Como os vagabundos, e ociosos entráraõ logo a aproveitar-se dos comodos do Hospital, pretextando enfermidades occultas para se escusarem de ganhar trabalhando; El-Rei, que o tinha prevenido, além de destinar officiaes para fazerem exames rigorosos nos enfermos fingidos, publicou huma Lei severa contra todos aquelles, que tendo aptidaõ para os differentes ministerios da República,

fos-

**Era vulg.** fossem enganar os Ministros do Hospital para entreterem a ociosidade.

Conservava El-Rei huma boa harmonia com a Corte de França , que esteve em termos de se romper pela avareza de huns coffarios , que lhe tomáraõ huma não , que vinha da Córta da Mina com quantidade de ouro. Propôz elle ao Conselho o que faria neste caso , quando no seu alto espirito levava concebida a idéa do desagravo. Concordáraõ todos os votos , em que fosse hum Enviado queixar-se ao Rei de França , e pedir a restituicãõ da não. El-Rei se levantou dizendo , que receava houvesse demora em se differir ao seu Ministro , e immediatamente mandou fazer represália em déz navios Francezes , que estavaõ no Téjo , tirar-lhes as vergas , recolher as mercadorias na Alfandega , e ordenou a Vasco da Gama , que depois descobriu a India , fosse fazer o mesmo a todos os que estivessem pelos mais portos do Reino. Os interessados sobpreendidos desta novidade , recorrêraõ ao seu Soberano , que informado da origem ,  
don-

donde ella nascia , fez restituir a pre- Era vulg.  
za , que mandou a Portugal acompa-  
nhada de huma satisfação completa.

Demonstrações tão delicadas mere-  
ciaõ aos Principes da Europa as equi-  
dades del Rei , e a sua reputação era  
de tal sorte sublime , que não lha dis-  
putavaõ os que podiaõ ser emulos da  
sua gloria. Della deo hum testemunho  
bem evidente o mesmo Carlos VIII. ,  
Rei de França , que fazendo quasi to-  
dos os Monarcas liga contra elle , dis-  
se : Que não os temia , porque para  
desbaratar a todos , lhe bastava a al-  
liança com seu irmão D. João II. de  
Portugal. Não são menos illustres em  
outros pontos criticos as decisões dos  
Reis Catholicos Fernando , e Isabel.  
Representou-se ao primeiro , que cas-  
tigasse ao seu Chronista , que escre-  
vendo a batalha de Toro o privava da  
gloria para dar toda ao Principe D. João  
de Portugal. Mandou-o elle vir , e lêr  
na sua presença esta passagem , que ou-  
vio attento , e disse depois ao Chro-  
nista : Isso , e muito mais do que es-  
creveis he verdade , que eu vi , e as-

**Era vulg.** fim fique escrito, porque vós sois obrigado a dizer a verdade. Na face da Rainha D. Isabel houve quem notasse as accões do mesmo Principe, mas ella respondeo prompta: Deos me faça aos meus filhos, como elle he. Com outra sublimidade de espirito atalhou a Catholica Rainha os suggestores, que a instavaõ fizesse a guerra a D. João com o fundamento, de que os Castelhanos eraõ muitos, e poucos os Portuguezes, dizendo-lhes: E isso, que importa, se aquelles poucos saõ filhos, e os nossos muitos saõ vassallos.

Neste anno se avançaraõ muito os descobrimentos pelos vastos Reinos, e Províncias de Guiné, aonde muitos dos seus Reis, e grandes pessoas corriaõ illuminados pela graça a buscar as fontes saudaveis do Baptismo, com gloria grande da Esposa do Cordeiro, que regenerava tantos filhos nas Regiões brutas da Gentilidade cega. Não poupava El-Rei fadigas, nem despezas para promover obra taõ santa, digna do seu zelo, e piedade: obra santa, que  
 diz

diz o nosso João de Barros, não a po- Era vulgã  
 de haver na Igreja digna de maior lou-  
 vor de Deos, que por indústria del Rei  
 no lugar mais encoberto da terra, e  
 na gente mais remota do Nome de Je-  
 sus Christo, aonde podemos crêr, que  
 não chegou a prégação dos Apostolos,  
 hoje estar cheio de Altares, oblações,  
 e sacrificios offerecidos em nome do  
 mesmo Jesus Christo. Todo para a pie-  
 dade o Rei D. João, depois que se del-  
 xou sentir os golpes da mão occulta,  
 que toca forte do fim até ao fim, e  
 tudo dispoem suavemente: elle não só  
 quiz o fervor para a conversão dos In-  
 fieis; mas determinou fazer observar  
 no Reino a devoção.

Com este designio impetrou hum  
 Breve do Papa para instituir hum nú-  
 mero de Conegos, que na Capella  
 Real do Paço recitassem todos os dias  
 as Horas Canonicas. D. Diogo Ortiz,  
 Bispo de Tangere, foi criado Deaõ,  
 e Administrador da mesma Capella,  
 aonde desde entaõ até agora se fizeram  
 sempre os Officios com a pompa, e  
 solemnidade das Cathedraes, especial-  
 N ii men-

**Era vulg.** mente depois do reinado de D. João V. de gloriosa memoria , que a erigio em Basílica Patriarcal com a maior magnificencia , como diremos , se Deos permittir que escrevamos a vida daquelle Principe em todas as idades memoravel. Para corôa de tantas acções pias , e Catholicas , ordenou D. João II. , que em todas as suas Praças , Fortalezas , Castellos , e Palacios se celebrasse cada dia o Sacrificio tremendo do Altar , admoestando aos seus Ministros não passasse algum sem assistirem a elle para alcançarem do Ceo a illuminação necessaria para a decisaõ acertada dos negocios.

Os effeitos do veneno , que El-Rei bebeo na fonte de Evora , ou a afflicção contínua , que lhe causava a lembrança do Principe , que para sempre lhe derrotára a saude , foi causa de se lhe renovar a enfermidade com accidentes tão violentos , que esteve sem esperanza de vida , e lhe tirou a de recobrar a disposiçaõ antiga na idade mais robusta. Além da incommodidade propria , El-Rei sentia que a sua

con-

consistência debil lhe impedisse mostrar Era vulg.  
 com as armas o seu resentimento ao  
 Rei de Castella D. Fernando, sempre  
 opposto aos seus sentimentos, prote-  
 ctor dos seus desvalidos, agora já des-  
 cobertamente interessado na pessoa de  
 futuro Successor para Portugal: resen-  
 timento, que se podia aproveitar de  
 occasião tão oportuna, como era a da  
 guerra, que elle trazia vigorosa con-  
 tra França sobre o Reino de Napoles,  
 e restituição dos Condados de Ruyse-  
 lhon, e de Sardenha.

Mas o seu espirito a tudo superior,  
 para conservar moderado, e circun-  
 pecto aquelle Monarca, dentro, e fo-  
 ra do Reino mandou fazer aprestos for-  
 midaveis, que indicassem proxima hu-  
 ma guerra terrivel. Até ao seu Embai-  
 xador D. Pedro da Silva, Commenda-  
 dor Mór de Avís, que por occasião da  
 morte do Papa Innocencio VIII. man-  
 dára a Roma dar obediencia ao seu Suc-  
 cessor Alexandre VI. ordenou, que co-  
 mo o Rei Carlos de França hia a Ita-  
 lia, elle não entrasse na Curia sem  
 primeiro da sua parte visitar aquelle  
 Prin-



**Era vulg.** Príncipe ; offerecer-lhe as suas forças para com esta politica animar mais o fingimento em Castella do quanto estava inclinado á justiça , e interesses do Rei Carlos. Com os mesmos designios occultos fez esquipar huma grande frota para enviar ao Mediterraneo , guarnecida da melhor gente , e nomeou por Almirante a Alvaro da Cunha seu Estribeiro Mór.

Nesta frota havia ir a grande não de mil toneladas , que elle mandára construir , a maior que até então havia surcado os nossos mares , com muita , e grossa artilharia , a mais forte , e escolhida equipagem. Desejava El-Rei assistir a este botafóra , quando o avisaram não viesse a Restelo arriscar a sua preciosa vida , porque na armada haviam fallecido de peste algumas pessoas. Suspendeo-o este incidente ; mas de Sintra , aonde estava , mandou a D. Diogo de Almeida , Prior do Crato , e a D. Diogo Lobo , Barão de Alvito , fossem da sua parte expôr a Alvaro da Cunha quanto sentia o susto , que tivera na armada , e augurar-lhe viagem  
fe-

feliz. Temêraõ os dous Fidalgos o contagio, e escrevêraõ a Ayres da Silva representasse a El-Rei, que elles naõ executavaõ a ordem, por lhes parecer temeridade arriscarem as vidas sem fructo. Tanto se desagrado El-Rei da reposta, e o estimulou de sorte o naõ cumprimento da ordem, que desprezando o perigo, veio logo a Belém em pessoa, fallou a Alvaro da Cunha, e a todos os Fidalgos, que hiaõ na armada, e dizem fora mesmo a bordo da capitania: acção, que em tal Principe naõ podia ter menos fim, que a troco do risco proprio persuadir aos vassallos, que deviaõ temer menos as desgraças temporaes relativas á vida, que expôr se á de perder a graça do Soberano.

Tantos eraõ por estes tempos os interesses do nosso Commercio de Guiné, que se assegurava excediaõ aos de todos os Reguengos do Reino, campos da Golegã, e lizirias de Santarém. Nos seus moradores viamos nós hum Povo fiel, catholico, taõ unido comnosco, que naõ só nos soccorriaõ em

**Era vulg.** todas as conjunturas ; mas tinha tanta corage , que era capaz de nos ajudar em vastas conquistas , se nós nos servissemos delle , como entã o faziaõ os Reis de Marrocos. Os fructos da Ethiopia eraõ tantos , e taõ delicados , que podiaõ despertar os sentidos mais grosseiros do gosto sem appetite , da vista sem reflexaõ. Diz porém o nosso Barros , que Deos por algum juizo occulto nos fechou o interior daquella regiaõ estimavel por algum Anjo percuciente de febres mortaes , que nos impedem penetrar as terras banhadas pelas fontes , donde procedem os rios de ouro , que por tantas partes da nossa conquista sahẽ ao mar.

## CAPITULO V.

Era vulg.

*Trataõ-se outros successos destes tempos,  
e a entrada dos Judeos em Portugal,  
intrigas, e Embaixadas mutuas  
da nossa Corte á de Castella.*

**E**L-REI D. Joaõ II. naõ só attento á glória das armas, ao ayance das conquistas, ás vantagens do Commercio, aos estrondos da reputaçã ; elle sabia estimar o merecimento em qualquer traje, que o encontrasse. Naõ menos inclinado aos valentes, e industriosos, que aos sábios, e eruditos, pôz em igual paralelo para o apreço a Pallas togada, e a armada ; fez o mesmo gosto da gente de armas, que dos homens de letras. Florecia entã em Italia Angelo Policiano, natural de Monte Policiano na Toscana, discipulo excellente de Andronico de Theffalonica. Lourenço de Medicis, que fez glória de trazer a Florença os sabios do seu tempo, metteo no seu número a Angelo, que nomeou Mestre de seus  
fi-

**Essa vulg.** filhos depois de o haver feito Conego. Elle teve trato com todos os homens de letras da sua idade, especialmente com Joaõ Pico Mirandulano, seu amigo, e condiscipulo. Todos os eruditos fallaõ com louvor nas cartas latinas de Angelo Policiano, e os seus versos engenhosos merecêraõ, que Paulo Jovio lhe chamasse Poeta divino.

Para nós termos huma prova clara da estimaçaõ, que El-Rei fazia das letras, basta sabermos a Carta honrada, que escreveo a Angelo Policiano. Elle, que lhe conhecia o merecimento, por aquella carta lhe fez saber, que o havia escolhido para compôr a Historia de Portugal nas linguas Latina, e Italiana. Se bastava a especiosidade da eleição de Principe, tão grande para recompensa vantajosa deste Author; El-Rei formava o designio de a proporcionar ao seu trabalho, e nós pensamos, que ella seria huma obra digna das materias, que lhe haviaõ dar a alma, do espirito, que tinha de organizar o corpo, se dous annos depois a morte não arrebatára o seu Author.

an-

antes de pegar na penna. Ella teve pou- Era vulgar-  
 ças semelhanças com as outras accções  
 racionais da vida deste homem. Dizem  
 que por huma Dama lhe não accèitar-  
 as ternuras do seu amor, elle freneti-  
 co rompêra a cabeça contra huma pa-  
 rede, e que se matára. Nas Anecdo-  
 tas de Florença ainda se aponta outra  
 causa mais infame da sua morte. Me-  
 lanchton, e Luís Vives affirmão que  
 elle se lastimava de ter lido huma só  
 vez a Escriitura Santa, por haver nisso  
 empregado tão mal o seu tempo. Pa-  
 rece que estes Authores calunnião a  
 Angelo, que era hum Ecclesiastico ve-  
 lho, do qual se diz, que pregava as  
 Quaresmas na sua Cathedral, com  
 edificação do Povo; e se elle com as  
 vozes da Escriitura não fallava aos co-  
 rações; então a edificação superficial  
 seria hum effeito de Cytharista do ou-  
 vido.

Da mesma inclinação, que El-  
 Rei tinha ás letras nasceu a severi-  
 dade, que mostrou contra as Igrejas  
 Cathedraes, porque recusavaõ pagar  
 as pensões dos Lentes, e Professo-  
 res

**Est. vulg.** res de Universidade, conforme o uso antigo determinado pelos Reis D. Diniz, e D. Affonso IV., que as haviaõ arbitrado com approvaçaõ da Santa Sé. Desta renitencia, que tiveraõ as Igrejas em pagar, se originou entre ellas, e a Universidade huma disputa, que promettia consequencias funestas. El-Rei tomou o partido da ultima, e principiou a descobrir para ella a inclinaçaõ com a liberalidade. Elle naõ deixaria a controversia sem decisaõ, se as suas enfermidades naõ o fossem levando de mal em peor; já confirmado, de que a molestia provinha do veneno, que descobria os effeitos na quantidade de manchas negras, que lhe appareciaõ pelo corpo.

Esta decadencia no Principe animava os espiritos dos muitos descontentes, que viviaõ hypocritas do medo depois da morte dos dous Duques, e Fidalgos, do exterminio dos Principes de Bragança, e dos outros Senhores, e principiavaõ a levantar a cabeça com as bem fundadas esperanças,

ças, de que haviaõ vêr inclinadas até a terra as que se endireitavaõ a beber os ventos. Principiáraõ entaõ a introduzir-se abusos no Estado; a tomarem corpo as contestações, e os pontos de Jurisdicção a ser assumpto de controvérsia nos dous membros principaes da Monarquia. A differença de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, com o Prior de Santa Cruz, D. Joaõ de Noronha he hum exemplo bem evidente desta verdade, e de quanto tem de perniciosos nas Cidades, e Provincias dous partidos grandes encontrados, se as raizes senaõ cortaõ, quando principiaõ a brotar as vergonzeas.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Portugal, quando os Reis Catholicos de Hespanha, Fernando, e Isabel, transportados de zelo pela Religiaõ, querendo agradecer a Deos huma série continuada de felicidades, que recebiaõ da sua maõ liberal, elles determinaõ, que a grande cópia de Judeos estabelecidos em Hespanha, intoleraveis pelas suas prostituições,

Era vulg.



**Era vulg.** escandalos, ufuras, e enormidades, ou se façã Christãos, ou com pena da vida, sem remissão, e a de confiscação de bens, no termo fixo, e premptorio de quatro mezes sahaõ dos seus Estados, naõ podendo levar delles ouro, nem prata, mas cambiados estes metaes em outros generos. Alguns destes infelices, tocados das inspirações temporaes das suas commodidades, recebêraõ o Baptismo, sempre Judeos no fundo dos espiritos, como brevemente entráraõ a mostrar as experiencias. Os mais delles, obstinados Deicidas, que ha tantos seculos trazem em cima de si o peso da maõ de Deos indignado, antes quizerãõ perder as vantagens da vida, que depõra cegueira cahida em parte sobre Israel até a consumação dos seculos.

Pedíraõ estes ao Rei de Portugal permissão para virem aos portos do seu Reino a troco de grossas quantias de dinheiro: com condição de estarem nelles oito mezes, e depois se lhes darem embarcações, que os transportassem a lugares da sua eleição. El-Rei, que

que se via na idade de trinta, e sete Era vulg. annos, e ainda não perdêra as esperanças de fazer a Africa hum jornada, que tanto appetecia, acceitou o contrato dos Judeos, e recebeo delles as quantias estipuladas para o destino de Africa, que se achárao em ser depois da sua morte. Destinárao-se os portos, aonde havia ser recebida esta colonia da Nação errante, sem Rei, sem Templo, sem Sacerdote, Ephod, nem Teraphim. Vieraõ, e pagáraõ os Judeos; passou o tempo ajustado, e aprestárao-se embarcações para os que se foraõ.

Destes desgraçados homens grande parte pereceo em Portugal tragados de hum devoradora peste, que foi o primeiro bem, que nos trouxeraõ; outros acabáraõ pelos hermos sem auxilio humano; alguns sem corage para sopportar tantos trabalhos, escolhêraõ para remedio o lavatorio de Siloé nas fontes sacrosantas do Baptismo; os mais se embarcáraõ para Africa, aonde encontráraõ no Rei de Féz outro Salmanasar, Nabuco, Tito, ou Adriano.

**Era vulg.** no. Não he dizivel a perseguição ; que fizeram os Mouros a esta escoria das gentes. Elles os affrontárao , os roubárao , os escarnecêrao , e á vista dos pais , e dos maridos dormiao com as mulheres , e as filhas. Aos consentidores espancavao , aos ciolos tiravao as cabeças , aos indifferentes carregavao de opprobrios. Nesta afflicção , para casual muito sevéra , os Judeos miseraveis , que sahiraõ de Castella , e Portugal , não tiveraõ mais refugio , que voltar aos mesmos Reinos , fazer do erro confissão de bocca , mostrar a dôr na cara , pedir á Igreja os recebesse no seu regaço , como lhes foi concedido ; ficando desde entaõ justamente promiscuos com o Povo Catholico , para mostrar a Mãi piedosa , que ella tem as condições do seu Esposo em não haver para a sua bondade excepção de pessoas ; guardando como elle , para os dignos , os premios ; aticando á sua imitação , para os relapsos , o fogo.

Nós concluiremos os mais successos deste anno , lembrando , que El-Rei teve por taõ grave o assassinato ,  
que

que no Castello de Arrayolos comet-  
teo contra Diogo Gil Magro , em des-  
pique da injúria feita a seu pai , Joaõ  
Mendes do Esporaõ , que o nomeou  
Embaixador para Castella. Deste Fidal-  
go descendêraõ os Condes de Figuei-  
rô , e a sua casa com o morgado do  
Esporaõ o possuem hoje os Condes de  
Villa-Nova na varonia de Lancastros.  
Nunca esquecido de D. Jorge , Chêfe  
dos deste Appellido , El-Rei seu pai  
nos intervallos da saude reforçava os  
empenhos em Roma para obter do Pa-  
pa a graça da legitimação. Elle encar-  
regou a consecução com todos os es-  
forços a D. Francisco de Almeida , Bis-  
po de Ceuta , irmão de D. Pedro da  
Silva o Embaixador , que foi saudar  
ao Papa Alexandre VI. pela sua exal-  
tação ao Solio Pontificio , e a D. Di-  
ogo de Sousa , Bispo do Porto , que am-  
bos estavaõ em Roma , quando chegou  
a ella D. Pedro da Silva.

Os desejos do Rei , e a actividade  
dos Bispos impressaõ alguma fizêraõ no  
espirito do novo Papa , que logo foi  
prevenido pelos mesmos cauaes , que

**Era vulg.** havião levado o écco dos inconvenientes aos ouvidos do seu predecessor. Desenganado deste meio produzir effeitos correspondentes aos designios, D. João não perdeu a corage, e procurou mais longe o recurso. Elle quíz capacitar ao Imperador Maximiliano I. que a Coroa de Portugal lhe pertencia de direito, como a neto del Rei D. Duarte, filho de sua filha a Imperatriz D. Leonor, que fora mulher de seu pai Frederico III. O direito daquelle Principe sim seria incontestável, senão tivesse duas opposições, que inteiramente o derrotavaõ. A primeira era a das Leis fundamentaes de Lamego, que excluem da successão do Reino aos Principes estrangeiros. A segunda a do Duque de Béja D. Manoel, que era filho do Infante D. Fernando, Duque de Viseo, e neto do mesmo Rei D. Duarte, não devendo preferir os filhos da Imperatriz D. Leonor como femêa, aos do Varão o Infante D. Fernando seu irmão.

A recusação dos dous Papas Innocencio, e Alexandre á legitimação de  
D.

**D. Jorge**, a repugnancia do Imperador Era vulg.  
**Maximiliano** á formaçaõ de hum Tra-  
tado manifestamente injusto, impozê-  
raõ ao Rei hum silencio perpetuo nes-  
te negocio. Desde entaõ se determi-  
nou a tratar o Duque **D. Manoel** como  
Successor indisputavel da Coroa, já  
conforme com os destinos da Providen-  
cia, fiado na bondade do Principe,  
que por attento aos de Bragança, e  
sentido da mórte do de Viseo seu ir-  
maõ, esqueceria a vingança para se  
lembrar no filho **D. Jorge**, que das  
mãos do pai recebêra o Reino. Elle o  
dispunha com multiplicar agradados, que  
sendo de Soberano, tem actividade pa-  
ra fazerem esquecer injúrias, e **D. Ma-  
noel**, como bom politico, ao mesmo  
tempo grato, dava todas as demon-  
strações, de que as suas nem na ima-  
ginação lhe faziaõ especie.

Entrou o novo anno, e no princi- 1493'  
pio delle chegou a Lisboa **Christovaõ  
Colomb**, que vinha de descobrir as  
Antilhas por mandado dos Reis Catho-  
licos de Hespanha. Trazia elle todos  
os signaes da nova terra em gente,

Era vulg. fructos , ouro , e outras producções daquellas Ilhas , eitranhas ás do nosso Continente. El-Rei o recebeu com muito desagrado , por entender se mettêra a cortar os mares , que elle presumia se incluiaõ na demarcaçaõ das suas conquistas. Colomb soberbo com a prosperidade , a tudo respondia na Corte , accusando a omissaõ del Rei em não querer aproveitar-se da offerta , que lhe veio fazer para estes descobrimentos , de que agora se sentia , sendo a culpa só sua. El-Rei partio immediatamente para Torres Vedras , aõnde determinava convocar o Conselho para se deliberar em ponto taõ critico. Elle se reprehendia a si mesmo pela glória , de que neste descobrimento se privára: glória , que elle entendia reservada só para os seus vassallos , taõ conhecidos entãõ por unicos dominantes dos mares.

Hum pensar todo de reflexões lhe inspirava disputar aos Reis Catholicos a honra , e os interesses ; e porque na jornada para Torres Vedras elle foi visitar a excellente Senhora D. Joanna ,  
pre-

presumptiva herdeira de Hespanha , e- Era valg.  
 ta marcha repentina , e visita não es-  
 perada fizéram nascer o rumor , de que  
 El-Rei determinava inquietar os de Cas-  
 tella , e tirar D. Joanna ao theatro pa-  
 ra pretextar o rompimento. Se' nesta  
 segunda parte erráram os juizos , o ac-  
 certo da primeira se vio na resolução  
 do Conselho , em que foi determina-  
 do , que logo se preparasse huma gran-  
 de armada ás ordens de D. Francisco  
 de Almeida , depois primeiro Viso-Rei  
 da India , para ir atacar outra de Cas-  
 tella , que se aparelhava , nos mesmos  
 mares do seu destino Com esta noti-  
 cia , os Reis Catholicos mandáram re-  
 presentar ao de Portugal , que as armas  
 se deviaõ suspender , em quanto se exa-  
 minava a qual das Potencias pertencia  
 o novo descobrimento , no que El-Rei  
 não teve dúvida.

Para este fim mandou elle a Ruy  
 de Pina , e ao Doutor Pedro Dias ,  
 que encontráram aos Reis em Barcelo-  
 na coroados de novos triunfos no Rei-  
 no de Napoles , e no ajuste da paz com  
 França , senhores de Perpinhaõ , e do  
 Con-



**Ex. vulg.** Condado de Ruyselhon. Nada conclusáraõ os dous Ministros nas primeiras propostas; e como nada trouxéraõ decidido, e os Reis Catholicos queriaõ ganhar tempo, mandáraõ por seus Embaixadores a Lisboa o vaidoso D. Garcia do Carvajal, e a D. Pedro de Ayala, coxo de huma perna: circumstancias nos dous Ministros, que déraõ occasiaõ a El-Rei para dizer: que esta Embaixada de Castella naõ tinha pés, nem cabeça. Estes Embaixadores, como tambem vinhaõ a entreter, ainda deixáraõ o negocio sem conclusaõ; gastáraõ o tempo em cumprimentos; leváraõ os dias em fazer ostentaçaõ do seu fausto brilhante; mas El-Rei, que naõ se satisfazia com delongas em negocio tanto do seu interesse, os despedio para elle applicar officios, que o levassem aos termos do ultimo complemento, como veremos no Capitulo seguinte.

## CAPITULO VI.

Era vulg.

*Da célebre Linha de Demarcação, com que os Reis de Portugal, e Castella dividirão entre si os dous hemisferios Oriental, e Occidental, e outras successos, que se seguirão.*

**S**E a ambição do grande Alexandre, já sem concurrentes no dominio do Universo, o fez chorar, quando na extremidade do Globo lhe diffêraõ, que não havia mais terra: seja o zelo da Religião, seja o amor dos interesses sem desordem, ou sejaõ as reflexões racionais para a evitarem; os Reis de Portugal, e Castella, não rompendo a harmonia da concordia, mas por hum ajuste amigavel entre ambos, determináraõ deitar ao Mundo huma Linha, que o dividisse pelo meio em dous hemisferios iguaes habitados de Nações livres, para elles, com o pretexto especioso da Religião, os conquistarem, o de Portugal o hemisferio Oriental, e o Occidental o de Castel-

**Era vulg.** tella. A esse fim, já sentido do pouco fructo de duas Embaixadas, mandou El-Rei aos Catholicos de Hespanha terceira resoluta para ser decisiva, composta das pessoas dos Ministros mais habéis, que foraõ Ruy de Sousa, seu filho D. Joaõ de Sousa, Ayres de Almada, Corregedor da Corte, e por Secretario o bem instruido Estevaõ Vaz.

Chegáraõ os Embaixadores a Medina del Campo, aonde estava a Corte, e fizéraõ os primeiros officios com tanta viveza, que os Reis houvéraõ de dar principio ás conferencias sem demora. Taõ senhor estava El-Rei dos segredos do gabinete daquelles Principes, ou tanto tinha corrido por Hespanha o ouro de Guiné sahido das suas mãos, que desde logo entrou a avisar os seus Ministros das dúvidas, que se lhes haviaõ pôr, e em que dias, prevenindo-os com as respostas promptas, que elles lhes deviaõ dar. Repentes taõ acertados, que naõ podiaõ vir incluídos nas Instrucções por naõ pensados, alhelos por sua mesma natureza para  
os

Os Embaixadores por si proprios os re- Era vulg.  
solverem sem novo recurso á sua Cor-  
te , fez conceber aos Reis a origem  
verdadeira ; donde nasciaõ , e entrá-  
raõ a desconfiar dos do seu mesmo Con-  
selho. Bem pôde ser , que esta descon-  
fiança abbreviasse a negociaçaõ , que  
com effeito se concluiu á satisfação de  
ambos os Monarcas.

A divisaõ do mundo , que elles fi-  
zéraõ entre si , a saber o hemisferio do  
Oriente para a conquista dos Portu-  
gueses , o do Occidente para a dos  
Castelhanos , elles a remetêraõ ao Pa-  
pa Alexandre VI. ; mas como ainda  
nella se necessitava buscar hum lugar ,  
por onde passasse o Meridiano , que  
havia separar estes dous hemisferios ,  
o Papa o assignalou nas Ilhas dos Aço-  
res. Os Principes naõ contentes com  
esta divisaõ primeira , prescrevêraõ ou-  
tra Linha propriamente chamada de  
Demarcação , que passa 370 legoas ao  
Occidente das Ilhas de Cabo Verde.  
Brevemente foraõ perturbados estes ajus-  
tes pacíficos ; pretendendo ambas as  
Nações as ganancias vantajosas , que  
lhes

**Era vulg.** lhes promettia a posse das Ilhas Molucas em pimenta, cravo, e outras drogas : ambição, e avareza, que fora causa de apparecerem transformados todos os planos Geograficos.

Os Castelhanos pelas suas medidas, não só pretendião insinuar-se nas Molucas; mas em toda a terra, que ha entre ellas, e Malaca. Para isso suppunhaõ aquellas Ilhas afastadas do primeiro Meridiano ao menos 180 grãos, que por isso não podiaõ pertencer aos Portuguezes, nem estes pretendêrem mais, que a meia periferia de 180 grãos, que era o semicirculo da terra, que lhes tocava. Elles acrescentavaõ, que o mar entre as côstas do Perú, e das Molucas, não tinha mais de 1600 legoas Hespanholas de travessia, que correspondem a 91 grãos, que sommados com os 70, que ha entre o Perú, e o primeiro Meridiano, fazem 161 grão, de sorte que vinhaõ a ficar os Portuguezes com 19 grãos, ou 200 legoas de mais. Estes pelo contrario, firmados no ponto do seu hemisferio, que começava nas Ilhas dos Açores, suppu-

punhaõ as Molucas em 160 grãos de longitude; affirmavaõ, que ainda lhes faltavaõ 20 grãos para terem a sua repartição completa; que por esta conta, e para se encherem dos seus 180 grãos destinados ás suas conquistas, devia fer o termo dellas o Japaõ, e as Ilhas dos Ladrões.

Empenháraõ-se os Mathematicos Castelhanos em sustentar com theoremas o seu partido: o mesmo fizeraõ os Portuguezes, que levados dos estímulos de se fazerem os primeiros senhores das Especiarias da Europa, se valêraõ de todos os meios para persuadirem ao mundo, que as Molucas, e o Japaõ se continhaõ no seu hemisferio. Como em Portugal se fizeraõ leis severas, para que as longitudes da extremidade da Asia naõ se pozêsem nas Cartas, senaõ conforme as nossas pretensões, e para que nós as medissemos calculadas pela observação dos eclipses, daqui nasceo apparecer a Asia mais abbreviada, do que nas cartas antecedentes. Os soldados porém, que naõ se embaraçavaõ com figuras,

ra vulg. e dimensões astronomicas, pozêraõ a decisaõ da causa no valor das armas, e á força dellas lançáraõ os Castelhanos das Molucas : talvez entendendo, que para titulo da sua posse lhes bastava, que ellas houvessem sido descobertas por hum Portuguez, qual era Fernaõ de Magalhães, ainda que occupado no serviço de Principe estranho.

Nós naõ podemos negar, que antes desta contenda, as cartas Portuguezas tinhaõ pouca differença das de Ptolomeo : que depois se diminuiraõ tanto, que nellas se via a Asia desfigurada, e a sua grandeza contrahida a espaços taõ curtos, que mal podiaõ caber naquella parte do Mundo, reduzidos a Provincias, os Imperios, e Reinos vastissimos, de que ella se compoem. Com tudo destas medidas naõ fomos nós os inventores, nem os Castelhanos se pôdem queixar só de nós. Para o fim dos nossos interesses quizeremos seguir a doutrina dos Arabes, que pelas observações dos eclipses procuravaõ diminuir as distancias, e naõ  
nos

nos faltavaõ votos , que remettiaõ a Era vulg. decisaõ desta grande disputa ao methodo de medir as longitudes pelos eclipses , como elles inventáraõ. Isto naõ obstante , he certo que a nós nos notavaõ de dissimulados , de astutos , quando de repente supprimimos todas as cartas geograficas , e maritimas , que substituímos com outras , aonde o mundo entrou a admirar perdida a figura da Asia. Tambem o fundamento do Portuguez Fernaõ de Magalhães ter sido o descobridor das Molucas , foi olhado como titulo vaõ , quando elle fez aquella viagem com as forças , e ordens dadas pelo Imperador Carlos V. a quem servia.

Em fim , nós firmámos as nossas pretenções na doutrina dos Arabes ; e como as novidades costumaaõ levar as estimacões , entráraõ as longitudes a ser medidas pelos eclipses. Esta parecia que tirava toda a esperanza de composicaõ entre as duas Nações , disputando nós nada menos , que pela differença de 40 grãos , que fórmaõ a nona parte do Globo terraqueo : novi-  
da-



**Era vulg.** dade , que exceptuando a Sanção , e Duval , habeis Mathematicos , levou a pôz si o mundo todo. Ainda hoje ha discipulos desta escola , que por medirem a terra pela observação dos eclipses , que estraga a Geografia , que desfigura a Asia , não repáram que cortão ao Equador 44 grãos , que lhe são necessarios para completar o numero indefectivel dos seus 360 grãos , e que fazem aquelle roubo ao mar Pacifico.

Coartando esta materia sómente ao que pertence aos dous Principes D. João de Portugal , e D. Fernando de Castella , em quem vou fallando , deve-se saber , que feita a primeira demarcação pelo Papa Alexandre VI. , El-Rei D. João , pela antiguidade do seu direito , escolheo o hemisferio Oriental , e D. Fernando foi obrigado a accommodar-se com o Occidental. Este Principe , que não via o de Portugal contente com a partilha , quando se lhe deixou livre a escolha ; que soube escrevêra ao Papa queixando-se , e que o mesmo lhe fizera a elle ; que  
na-

Naquelle conjunctura não era a guerra Era vulg.  
conveniente, não respirando o Rei  
Catholico senão paz; elle, por pro-  
prio movimento, cedeo a D. João mais  
70 legoas de Paiz, além das 400,  
que o Papa lhe havia então adjudica-  
do: conclusão feliz, que desempedio  
a armada de Colomb para fazer os  
descobrimentos vantajosos, que eu re-  
firo.

No dia 25 de Setembro sahio Co-  
lomb do porto com a frota Castelhana,  
e depois de huma navegação longa,  
chegou á Ilha de Guadalupe, huma  
das Antilhas na America Septentrional,  
donde seguiu a viagem para a Ilha Hes-  
panhola. Como não encontrou os Hes-  
panhoes, que deixára naquellas terras,  
e a Villa de Bom, que elle fundára,  
a achou reduzida a cinzas, edificou  
huma nova fortaleza, que em obse-  
quio á Rainha, fez chamar Isabel.  
Pouco depois descobrio a grande Ilha,  
que chamou Fernandina, e nós dize-  
mos Cuba, que pela sua vasta exten-  
são entendeo ser terra firme. Na Ja-  
maica teve de se batter com os Indios,  
que

**Era vulg.** que lhe disputáraõ a entrada. Depois deste combate , que lhe foi feliz , voltou á Ilha Hespanhola , aonde viu muitos Caciques determinados a lhe fazer a guerra com huma numerosa multidão de Indios. Na primeira viagem havia Colomb contrahido amizade com Guacanagri , Senhor poderoso do Paiz , que o ajudou a ganhar huma victoria completa sobre os inimigos. Ella lhe adquirio tanta reputação , e os Caciques ficáraõ taõ cortados , que pode a seu salvo fundar huma boa fortaleza para segurar o Paiz , e coberto de segunda glória entrou em Castella entre vivas , e acclamações do Povo , favorecido de honras , e mercês do Principe justamente merecidas.

Ainda El-Rei estava em Torres Vedras , quando appareceo na Corte Monsieur de Lion , com a comitiva de mais de trezentos criados , que attrahido da fama de taõ grande Principe vinha ouvir a sua sabedoria , conhecer o seu valor , e offerecer-se para o servir em Africa com a sua numerosa  
fa-

familia. Elle fez a El-Rei huma falla Era vulg:  
 pública, em que discorreo elegante  
 sobre estes tres motivos da sua vinda  
 a Portugal. Respondeo-lhe o Principe  
 com elegancia taõ magestosa a cada  
 hum dos pontos da sua Oraçãõ, que  
 bastou a resposta para conhecer o Se-  
 nhor Francez, que a sapiencia del Rei  
 era maior, que o rumor, que tinha  
 ouvido. Naõ foi só de palavra o agra-  
 decimento Real, que se acompanhou  
 da magnificencia das obras, com que  
 o fez Conde de Gasa em Africa; da  
 riquissima baixella, quantidade de ca-  
 vallos escolhidos, escravos de bella fi-  
 gura com que o regalou, e criando  
 seus moços Fidalgos alguns rapazes dis-  
 tinctos, que trazia entre os muitos, e  
 qualificados cavalleiros da sua brilhan-  
 te comitiva. Naõ foi este Senhor ser-  
 vir a Africa; porque avisado da no-  
 va guerra, em que entrava França,  
 houve de o ir fazer á sua Patria.

Na mesma Villa de Torres Vedras  
 ovio El-Rei os cumprimentos officio-  
 sos, e acceitou em público o grande  
 presente, que o Rei de Napoles lhe

**Trad. vulg.** mandou offerecer por huma Embaixada solemne , que se reduzia a louvar as suas altas qualidades , e a cultivar huma amizade sincéra. O gosto , que podiaõ causar ao Principe estes effeitos da sua bem estabelecida reputaçãõ, foi perturbado por hum novo ataque na saude , que o chegou ao ultimo perigo da vida. Quiz o Ceo ouvir o voto , que fez de ir a pé de Torres Vedras visitar o Convento de Santo Antonio da Castanheira , como cumprio, quando se vio ãonvalecido. No lugar da Atalaya o susto da peste obrigou a D. Joaõ de Sousa pousar fóra d'elle ; mas no meio dos perigos , El-Rei naõ se esquecia de honrar os homens. Perguntou elle a D. Joaõ , aonde pousava ; e respondendo este , que fóra do lugar , disse o Prior do Crato , que naõ se haviaõ achado casas , em que D. Joaõ coubesse. Naõ he esse o motivo, acodio El-Rei prompto ; que D. Joaõ senaõ achasse casas , tinha as minhas , e a minha meza. O Prior gostaria taõ pouco deste dito , como da reprehensãõ , os Reis naõ tem aveço , nem di-

rei-

reito ; que lhe deo o mesmo Rei, Era vulg. quando passou sem tirar o gorro, entendendo que elle o não via por lhe ficar de costas.

Destes lances são tantos na vida de D. João, que só elles podiaõ dar materia larga á Historia. Entre outros, não he para esquecer o do honrado velho Ruy de Sousa, pai do mesmo D. João, que pedia a El-Rei huma mercê com tanta impertinencia, que elle enfadado lhe disse se retirasse da sua presença. Sentido depois por haver desgostado o benemerito Fidalgo, foi a sua casa, e lhe ordenou mandasse fazer huma cama, que queria dormir a festa. Chamou depois a D. João de Sousa, e presentes pai, e filho, lhe disse: Ruy de Sousa, eu vos escandalizei hoje, porque me fallastes como a Rei, e não como a homem: com tudo, como se eu fosse D. João vosso filho, vos peço, que me perdoeis, porque estou muito sentido do que vos disse. Os dous Fidalgos se lhe lançáraõ aos seus pés fallando-lhes as almas nas linguas; e vindo a Corte a buscar El-Rei, elle se

**Eravulg.** recolheu em público para o Paço com Ruy de Sousa á sua mão direita, e D. João seu filho á esquerda. Outras destas acções innumeraveis referem as nossas Chronicas, e ellas são os risos, os agrados, os pedaços de si mesmos, com que os Reis sem se dividirem, nem se defraudarem compraõ a bom mercado as joias inestimaveis dos corações dos vassallos.

Quiz D. João povoar a Ilha de S. Thomé, que dera de juro herdade a Alvaro de Caminha, Fidalgo da sua Casa. Para este fim se lembrou, de que os Judeos vindos de Castella, além de viverem sempre obstinados na sua cegueira, haviaõ faltado ao ajuste de sahirem do Reino no tempo, que lhes foi prescripto, e que por esta infracção do contrato, todos eraõ seus escravos na fórma da mesma convenção. Valeo-se El-Rei deste fundamento para lhes mandar tirar os filhos, e enviallos áquella Ilha, aonde apartados de seus Pais, seriaõ bons Catholicos, e go-

zariaõ as commodidades da terra co- Era vulg.  
 mo seus povoadores. Com estes suc-  
 cessos damos por acabados os do an-  
 no de 1493, e no Livro seguinte con-  
 tinuaremos com os que nos faltaõ. até  
 ao fim da vida del Rei.







## L I V R O   X X X I I .

### *Da Historia Moderna de Portugal.*

#### C A P I T U L O   I .

*Segue-se pela ordem dos tempos os mais  
successos da vida del Rei D. Joaõ  
atê se aggravar a sua en-  
fermidade,*

Era vulg.  
1494

**A** ILLUSTRÍSSIMA Rainha de Portugal D. Leonor, mulher del Rei D. Joaõ II. , deixou entre nós memoria saudosa pelas suas grandes virtudes, qualidades, e exercicios, que a faziaõ distinguir naquellas idades entre as altas peçoas da sua mesma qualidade, e caracter. Rainha, e Portugueza soube estimar a Naçaõ, e honrar a Patria. Ainda hoje se illustra ella com a instituicaõ magnifica da Irmandade da Misericordia, que muda o exercicio das suas sete obras corporaes em cem boc-  
cas

cas mais sonoras, que as da Fama pa- Era vulg.  
 ra gritarem os elogios sublimes desta  
 Princeza. A fundação do Convento ex-  
 emplar da Madre de Deos de Lisboa  
 he outro Padrao immortal da sua me-  
 moria. O da Anunciada, o Hospital  
 das Caldas, a Igreja Parrochial da  
 Villa da Merciaña, a Capella imper-  
 feita da Batalha, as Merclarias de San-  
 ta Maria de Obidos, e as de Nossa  
 Senhora da Graça de Torres Vedras  
 são outros tantos Obeliscos, em que  
 ella gravou o seu nome para toda a  
 posteridade.

Voltava o Rei seu esposo de San-  
 tarém, aonde fora visitar a Excellen-  
 te Senhora, e achou em Alcochete a  
 noticia, de que ella estava com pou-  
 cas esperanças de vida em Setuval. El-  
 Rei sobpreendido com esta nova infaus-  
 ta, quasi só se pôz a caminho, che-  
 gou alta noite a Setuval, e observou  
 o perigo da Rainha maior, que o en-  
 carecimento do aviso. Ella se dispôz  
 para morrer recebendo todos os Sacra-  
 mentos com tanta piedade, pratican-  
 do actos de virtude tão heróicos, que  
 pa-

**Em vulg.** parecia não se dever desejar , que a morte se differisse para outra conjuntura. Não estavaõ porém completos os termos da vida , que lhe foraõ prescriptos ; e o Rei , que inconsolavel a chorava sem ella , veio a morrer hum anno depois , a Rainha lhe sobreviveo trinta , sopportando continuada a morte da saudade por tempo taõ longo. Seus irmãos o Duque de Béja , e a Duquesa de Bragança lhe fizeraõ companhia officiosa todo o espaço da doença , e na melhoraõ o Rei em Lisboa , e os Estados da mesma Senhora , em festas publicas , e brilhantes , fizeraõ manifesta a sua extrema complacencia.

Sempre vigilante nas vantagens do Estado , para evitar as grandes despesas , que se faziaõ nos navios grossos , que guardavaõ as côstas dos Cossarios de Barbaria ; estando El-Rei em Setuval fez tantas experiencias , que conseguiu ser o Inventor de plantar nas caravellas , e embarcações ligeiras bombardas , e artilharia grossa para tirar ao lume da agua. Taõ singular foi este

in-

**invento**, que os Portuguezes com as Era vulg. pequenas embarcações assim armadas, fizêraõ amainar náos de alto bordo, e ellas se retiravaõ do seu encontro. Em quanto o nosso legredo senaõ fez público para ser imitado, nós conservá-mos no mar a grande superioridade, em que depois nos igualáraõ as outras Nações. Tambem foi obra sua por este mesmo tempo a Torre de Cascaes, a primeira, que para defender o porto, guarneceo de artilharia; e porque a grande náó, em que eu já fallei, não a mandou fazer, tanto para navegar, quanto para ser hum baluarte plantado no meio do Téjo, que o defendesse; depois que vio a segurança da Torre de Cascaes, mandou fazer o Fôrte de Caparica defronte de Belém, e tinha ideado levantar no meio do rio, e feito o risco para a Torre deste nome; obra, que lhe atalhou a morte, e que veio a conseguir a actividade del Rei D. Manoel.

Como a queixa, que mais, ou menos o molestava sempre, em Setuval se aggravava, por ser a terra hu-  
mi-

**Era vulg.** mida ; depois de estar a Rainha convalecida , El-Rei foi com a Corte para Evora , aonde passou com alivio na hydropesia , que se lhe principiava a descobrir. Aqui mandou elle a Alvaro Pacheco , e a Estevoão Barradas , que fossem por todo o Reino pagar até ao ultimo real a importancia da prata das Igrejas , e os dinheiros dos cofres dos Orfãos , que El-Rei seu pai tinha tirado por occasião da guerra de Castella : acção digna de tão grande Principe , igualmente justa , e edificante. Seja que a equidade nelle foi de sempre , seja que o temor da morte visinha atemorise aos Soberanos , que são homens , e tem Juiz , que os julgue , El-Rei informado de que as partes se sentiaõ pela falta de despacho , que occasionavaõ as suas queixas , elle destinou certo número de pessoas habéis , que com assistencia dos Ministros de Estado , indefectivelmente despachassem todos os dias. Porque as assinaturas de tantos papeis , naõ só o mortificavaõ muito , mas causavaõ demoras aos interessados , para evitar ambos

os inconvenientes, mandou fazer duas Era vulg.  
 Chancellas com o seu signal, e na propria presença firmavaõ tudo duas pessoas da sua confiança: meios, que lhe evitaõ os escrúpulos.

Nesta occasião lhe trouxeraõ da Córta da Mina grande cópia de ouro, que ordenou se pozesse em huma sala do Paço para a mostrar a algumas pessoas. Como a fome maldita deste metal dá tratos, faz violencias ao peito dos mortaes, Ruy de Sande, que vio tanto ouro, não pode conter-se sem dizer para outros: que bem passaria a vida quem fosse senhor deste ouro. El-Rei, que o ouyio, lhe respondeo prompto: eu vo-lo dêra todo, senaõ fosse acçaõ, que já fez El-Rei D. Affonso de Naples. O genio deste Principe, sempre activo em conservar o caracter da Magestade, succedendo ir a Viana, para onde tinha desterrado ao Bispo de Evora, neto do primeiro Duque de Bragança: elle que sabio a esperar El-Rei, e foi tratado com agrados excessivos, entendeo que na volta podia fazer o mesmo até Evora, e deixar-se ficar  
 sem

Eça vulg. sem pedir permissão. Ou fosse porque El-Rei assim o entendeu, ou porque vio passar as cargas com os trastes do Bispo para Evora, o deixou ir na sua companhia até quasi aos muros da Cidade, aonde lhe disse: Bispo, saõ horas de vós voltares para Viana. Assim o fez o desconsolado Prelado, que levou toda a noite no caminho; mas passados poucos dias El-Rei o mandou chamar, e o tratou com muitas honras.

Com os Fidalgos, e poderosos de Evora, que duvidavaõ vender o trigo a trinta réis o alqueire, que era o mais alto preço, a que tinha chegado, pelo esperarem maior, usou de outra severidade jucunda, que os castigou sem sensibilidade com dôr penetrante. Primeiro fez avisar a todos quizeßem vender o seu paõ a trinta réis. Não se moveo a esta ordem mais que Manoel Mendes Cecioso, que mandou logo quarenta moios para o terreiro, e aviso a El-Rei, que se fosse servido o venderia a vintem. No mesmo instante lhe foi remunerada a obediencia  
com

com o presente de dous escravos. Depois ordenou, que em quanto elle estivesse em Evora, ninguém vendesse trigo sem ordem sua; porque de Castella mandou vir tanto, que se vendeo por preço baixo, e o que havia nos celeiros dos avarentos desobedientes se corrompeo, e o perdêraõ. Esta foi a dôr penetrante com castigo sem sensibilidade, que aquelle vicio causou aos espiritos, que para o nutrirem se desvelaõ por emmagrecer os Póvos.

A maneira da luz, que quando quer espirar, mais se inflamma, El-Rei, proximo ao seu fim, em obras, e palavras se sublimava. Vastamente dilatadas as suas vistas sobre os augmentos da Religiaõ, e interesses do Estado, não queria differir para mais tempo a empreza, que havia projetado de mandar huma armada a descobrir a India. Para confortar os espiritos em huma tentativa, que se concebia esforço superior á fortuna, á corage do homem, além da temeridade; foi nesta occasiaõ, que elle deo o nome de Cabo de Boa-Esperança ao das Tormentas, que elle

man-



**Era vulg.** mandára descobrir , para nos infundir a esperança , de que nós seríamos os primeiros , que do ultimo Occidente fôssemos vêr o berço do Sol , o seu Oriente , o seu nascimento no hemisferio opposto : que fariamos soar o Nome do Senhor , como nos estava promettido , nas vastas Regiões da Asia : que no centro dos seus Reinos, e Imperios arvorariamos triunfantes os nossos Estandartes : que os nossos navios devaçarlaõ todos os golfos, pórtos, recostos, enceadas, e rios dos seus mares incognitos.

Preparou-se a armada ; offereceosse para embarcar nella muita Nobreza ; foi nomeado General Vasco da Gama, o mesmo que nesta conjuntura nas intenções do Rei D. João II., e depois escolhido por El-Rei D. Manoel, dous Soberanos illuminados o acháraõ benemerito para a expedição, que até áquelle tempo viéra á idéa dos mortaes. A morte pois, que os dominava, e tudo atalha, cortou as del Rei D. João, que estava destinado para ter a glória, em nada inferior, de inventar

tar o projecto , que D. Manoel por Era vulg.  
 eleição da Providencia tinha de con-  
 seguir. O mesmo General , que aquel-  
 le Principe elegêra , os mesmos na-  
 vios , que esquipára , os mesmos re-  
 gimentos , que compozêra , servirão  
 depois aos destlinos affortunados del  
 Rei D. Manoel , ambos os Monarcas  
 com a igualdade de glória , que não  
 se disputa entre aquelles , que inten-  
 tãõ as acções heróicas , que outros  
 não presumirão , e os que conseguem  
 as façanhas , que outros não logrãõ.

Quando o Duque D. Manoel , es-  
 colhido Operario para a sementeira  
 copiosa do grande Pai de Familias no  
 Mundo Universo , no seu Ducado de  
 Béja levava humã vida menos inquie-  
 ta , mais tranquilla que a da Corte ,  
 para se esconder á face dos seus inimi-  
 gos , que lhes faziaõ officios descon-  
 fôrmes á sua qualidade , e virtudes ,  
 já enfastiado de estar portantas vezes  
 exposto aos impulsos do ciúme , e  
 do furor ; El-Rei em Evora occupa-  
 va os intervallos da sua saude em fa-  
 zer respeitada a Magestade. Por occa-  
 sião

**Era vulg.** fião das parcialidades, que então se levantárao; especialmente entre o Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e D. João de Sousa, dous Fidalgos muito valentes, e bem aparentados, que houve receio se atacassem na mesma Casa Real, ou no terreiro della: El-Rei criou o primeiro Meirinho do Paço com doze alabardeiros, que sempre estavao á porta com ordem para matarem logo, sem excepção de pessoa, a quem tirasse da espada dentro, ou á vista da mesma porta: ordem, que bastou para cessarem os bandos na Cidade.

Em huma das guerras de Maximiliano, Rei dos Romanos, pediu este Principe a Diogo Fernandes, Feitor em Flandres, lhe dêsse de empréstimo trinta mil cruzados, que elle lhe promettia, que El-Rei de Portugal seu primo se mostrasse para com elle bem servido por lhe fazer este obsequio. Deo-lhe o Feitor o dinheiro; mas temeroso da condição del Rei por exceder as suas ordens, lhe mandou huma narração fiel de que passára: con-

fes-

fessou-se culpado , e se offereceo ao **Bravulgo** castigo , que merecia o seu excesso. El-Rei lhe respondeo , que elle serviço algum lhe podia fazer maior , que soccorrer a seu primo o Rei dos Romanos ; que lho agradecia com a mercê de 4000000 réis , que lhe dava ; e que se Maximiliano tornasse a pedir dinheiro , lhe entregasse todo o valor da Feitoria.

Sempre judicioso El-Rei , ao Conde de Borba D. Vasco Coutinho , que naturalmente fallava muito alto , e quando se affectava , tão baixo , que só elle se ouvia ; servindo-se em hum Conselho deste segundo tom para dar o seu parecer prudente , lhe disse El-Rei : Conde , os vossos baixos são tão baixos , que ninguem os entende , e os vossos altos são altos , que ninguem se entende com elles. Com estes apophthegmas de instrucção corrigem os Principes defeitos sem molestia , antes com estímulos da gratidão. Assim succedeo ao Commendador Mór , que chamando na presença do mesmo Rei Gonçalinho a Gonçallo da Fonseca , que

**Era vulg.** era valente Cavalleiro de pequeno corpo , elle lhe voltou de repente : Se vós Commendador Mór vos tomares com elle , haveis encontrar hum Gonzalo. Ultimamente , quando El-Rei assim disfarçava a acerbidade da sua queixa , o Reino attento a ella , não cessava de encaminhar preces ao Ceo pela conservação de huma vida em si estimavel , á Religião , e Estado tão necessaria.

## CAPITULO II.

*Das ultimas acções del Rei D. João II. até ir para as Caldas de Monxique no Algarve , aonde se lhe engraveceo a queixa.*

**C**OMO a condição de mortaes comprehendê aos Vice-Deoses da terra , que são os Reis , e a continuação da molestia do de Portugal cada dia o aproximava a pagar aquelle tributo da sua natureza ; a Rainha attenta ao bem do Reino , e ao direito de seu irmão o Duque D. Manoel , lhe pareceo , que  
era

era tempo del. Rei nomear successor, Era vulg.  
e com este designio fez que o Duque  
vieſſe á Corte, Em quanto a Rainha  
ſe occupava neſtas idéas juſtas, e El-  
Rei ſe divertia em enfeitar Evora com  
a renovação do Aqueducto das Aguas  
da Prata, e outras obras de utilida-  
de, e formoſura para huma Cidade,  
que então ſe compunha de mais de  
quatro mil, e quinhentos viſinhos,  
atacou-a a peſte, que andava ſaltando  
pelos lugares do Reino.

Em dous negocios grandes ſe oc-  
cupava El-Rei antes de ſobrevir a Evo-  
ra eſta calamidade, que ſe acompa-  
nhou da fome, ambos os inimigos  
inexoraveis, que leváráo muitas vidas.  
O primeiro erao as pretenções dos Reis  
de Heſpanha, que por Emiſſarios oc-  
cultos faziao as iſtancias mais vivas  
na noſſa Corte, para que El-Rei en-  
traſſe na Liga, que elles determinavao  
ajultar com todos os Principes Catho-  
licos contra Carlos VIII. Rei de Fran-  
ça. D. Joaõ, que conſervava com eſ-  
te Principe amizade fiel, e antiga,  
mandou por Eſtevaõ Vaz eſcuſar ſe

Era vulg. desta demanda ; mas por huns modos taõ vagos , e incertos , que nem lhe empenhasse a palavra , nem os Reis perdessem as esperanças.

Ao segundo negocio deo occasiaõ a esterilidade do Alem-Téjo , que fez saber a El-Rei , como a falta de Lavradores era a causa de senaõ cultivarem as terras : que os poucos existentes , em lugar de tirarem fructo do seu trabalho , estavaõ reduzidos a huma pobreza summa : que á sua miseria contribuia menos a falta de grãos , que as sommas exorbitantes de tributos com que os carregavaõ : que todo Portugal era interessado na conservaçaõ , multiplicaçaõ , e isenções de huns homens , que alimentavaõ a Patria , augmentavaõ o valor das terras , faziaõ aos Fidalgos ricos , ao Estado florecente : que era do Real dever avançar a Agricultura , aliviar de tributos , conceder graças aos Lavradores , como meios de se augmentar o número , e as diligencias nestes operarios indispensaveis , que alguns dos Reis seus predecessores chamáraõ os *Nervos da Re-*

*República.* Quando se tratavaõ estas Era vulg.  
duas materias ponderosas , entrou em  
Evora a péste , que obrigou El-Rei a  
sahir para a Villa das Alcaçovas.

Nesta jornada o acompanháraõ a  
Rainha , o Duque de Béja , e seu fi- 1495  
lho D. Jorge ; mas a renovaçaõ da mo-  
lestia com maior força , fez inuteis  
todas as precauções. Naõ impediraõ  
estes desgostos pezadissimos nas Alca-  
çovas entre El-Rei , e a Rainha , tei-  
mosa esta Senhora em naõ querer vér,  
nem dar a maõ a beijar a D. Jorge ,  
ainda que para isso a instavaõ com vi-  
vas persuações seus irmãos o Duque  
de Béja , e a Duqueza de Bragança.  
Tratava-se por ultimo remedio de ap-  
plicar a El-Rei as Caldas , e duvida-  
va-se se haviaõ ser as de Monchique ,  
ou as de Obidos , quando Ruy de Sou-  
za o mandou avisar , que D. Affonso  
da Silva , irmaõ do Conde de Cifuen-  
tes , com o caracter de Embaixador  
dos Reis Catholicos hia em marcha a  
pedir-lhe audiencia. Veio esta Embai-  
xada a tempo , que o Rei de Hespa-  
nha tinha mandado desfilar para a fron-  
tei-



**Era vulg.** teira quantidade de tropas com ordem, em sendo tempo, de entrarem em Portugal, e que á força de armas sustentassem o partido do Duque D. Manoel na successão do Reino contra o de quaesquer outros concurrentes.

O Embaixador affectou encontrar-se com El-Rei no caminho, quando se recolhia a cavallo de Viana para as Alcaçovas. El-Rei esforçou-se para mostrar ao Embaixador, que não temia ameaças; e passados os primeiros cumprimentos, botou o cavallo adiante com destreza, moveo quatro vezes o braço direito com agilidade, e voltando-se para o Embaixador, lhe disse alto: D. Affonso, este braço ainda está capaz de dar humas poucas de batalhas: e suspendendo hum pouco a voz, continuou: *contra os Mouros*. O Embaixador respondeo com promptidão Hespanhola: El-Rei meu Amo o que deseja he saber boas novas de Vossa Alteza, e estima, que a sua saude esteja mais vigorosa do que lhe havião dito..

Na audiencia, que este Ministro  
te-

teve del Rei nas Alcaçovas, lhe propo- Era vulg.  
 pôz da parte do Rei seu Amo: Que  
 elle o convidava para entrar na Liga,  
 em que já lhe mandára fallar, repa-  
 rando nos interesses avultados, que lhe  
 resultariaõ, por se involver nella não  
 menos, que a importancia da paz ge-  
 ral: que os Paizes de Italia se chora-  
 vaõ opprimidos de huma desolaçaõ ex-  
 trema, impossivel de não mover toda  
 a Christandade para deter o curso da  
 perseguiçaõ, que não distinguia o sa-  
 grado do profano, o culpado do inno-  
 cente: que o caracter veneravel do Pa-  
 pa não era attendido, a sua pessoa Sa-  
 grada andava profuga, para se retirar  
 ás indignidades, que lhe fulminava hu-  
 ma cólera indistincta: que o Patrimo-  
 nio de S. Pedro ella o levava em pre-  
 za nas invasões, nos roubos, nos in-  
 sultos, que não se faziaõ toleraveis aos  
 Principes, que estimavaõ a Devisa de  
 Catholicos: que todos esperavaõ vêr  
 o partido, que elle tomava, para es-  
 colherem o que haviaõ seguir, sendo  
 tal a sua reputaçaõ, que assim tinha  
 suspenso aos maiores Monarcas, co-  
 mo

**Era vulg.** mo Expectadores das resoluções da sua sabedoria , da sua prudencia , do seu valor para lhes servir de exemplo.

Reforçou o Embaixador os seus officios com quanto elle soube inventar de energico , de forte , respeitoso , e de tocante ; concluindo quanto se faria sensível ao Papa , aos Venezianos , ao Rei dos Romanos , ao Duque de Milão , aos Estados de Florença , e aos Reis Catholicos seus Amos , que em attenção ao Reino de Napoles tinhaõ tanto interesse neste negocio , se elle recusasse , ou differisse por mais tempo entrar na Liga , de que dependia o socego da Europa. Em todo o discurso da sua Oração o Embaixador não fallou huma só palavra , não nomeou o Rei de França , nem declarou expressamente a El-Rei , que na Liga tomasse este , ou aquelle partido ; sempre neutral nestes dous objectos , que faziaõ toda a alma da negociação. El-Rei , que o ouvira atento , e penetrára subtil , não lhe demorou a resposta , em que lhe fez vêr com a clareza da sua illuminação inimitavel ;

Co-

Como elle não ignorava as inva- Era vulg.  
sões do Rei Carlos de França em Na-  
poles; a sua ida a Roma com o pre-  
texto de reformar a Igreja, de depôr  
o Papa Alexandre, de fazer, que se  
procedesse a eleição de novo Pontifi-  
ce: como não ignorava os segredos  
mais reservados, que se tratáram na Li-  
ga; mas que discorrendo nella com a  
circunspecção, que requeria as materias  
de tanto pezo, achava ser hum in-  
justiça da sua parte encostar-se elle a  
alguma dos Principes contratantes:  
porque, quando reparava, que a Li-  
ga havia ser contra alguns delles, se  
olhava para os Reis Catholicos, os  
via seus parentes, sogros de seu filho,  
sempre seus amigos desde o tempo,  
que elle era Rei: se reparava no dos  
Romanos, encontrava-se com hum Pri-  
mo Irmao, que nunca lhe faltára ao  
obsequio: se attendia ao de França,  
elle era hum amigo, e alliado antigo  
das idades dos seus predecessores até-  
gora: se punha os olhos em Veneza,  
Milão, e Toscana, descobria tres Es-  
tados, que já mais o offendêram;  
que  
com

*Esa vulg.* com o seu nunca rompêraõ o trato , e que sería huma iniquidade declarar-lhes a guerra.

Que em quanto ao Papa , ainda que soubesse que a sua ambição manifesta lhe acarretára as desgraças , que padecia ; que os seus inimigos naõ lhe faltavaõ ao respeito da Dignidade , mas da pessoa ; que naõ obstante lhe ser taõ pouco obrigado , como o mundo sabia na recusação das graças , que lhe demandára , algumas dellas justas , naõ lhe convinha encarregar-se de o defender , nem de offendello : defendello naõ , pelas poucas obrigações , que lhe devia : offendello ainda menos , porque era Vigario de Jesus Christo , e Successor de S. Pedro : que nestes termos , sería mais conveniente conservar-se neutral para algum dia servir de Medianeiro ; e que além disso as suas molestias contínuas naõ lhe permitiãõ lugar para negocios estranhos , quando ellas , e os do Reino mal lhe davaõ tempo para exercitar os deveres da pessoa , e as obrigações de Pai , Defensor , e Soberano dos seus Póvos.

As

As instrucções do Ministro , que Era vulg. mais particularmente se encaminhavaõ a mandallo observar os movimentos , que causava a molestia del Rei , e entreter , sem elle o penetrar , as pessoas , que o podessem instruir das suas intenções : ouvida ao Principe huma resposta taõ precisa , que naõ tinha mais réplica , que a sua prompta retirada ; El-Rei esperou lhe pedisse audiencia de despedida. Elle succedeo tanto pelo contrario , que o Embaixador lhe fez saber , como elle trazia ordens de seu Amo para ficar em Portugal residindo com o caracter de Ministro ordinario. Naõ esperava El-Rei por tamanho obsequio de Castella com as suas tropas ameaçando Portugal na fronteira ; mas devendo condescender , e naõ ignorando , que os designios daquelle Principe eraõ informar-se por este meio de quanto se passava na Corte : mandou , que o Embaixador se retirasse para Estremoz em quanto elle hia ás Caldas do Algarve , e naquella Villa o teve rodeado de Fidalgos , e Cavalleiros da sua confiança , com tanta

**Era vulg.** ta vigilancia sobre elle , que não escrevia carta a seu Amo , que elles não tomassem , e a remetessem a El-Rei .

Nada mais esperava elle para se resolver a tomar o remedio das Caldas , que a vinda de vários hydropicos , que mandára ás do Algarve , e ás da Rainha para se observar quaes produziaõ melhores effeitos naquella qualidade de queixa. Succedeo chegar das do Algarve perfeitamente saõ hum moço do Doutor Pedro Dias , e logo se determinou a jornada para Monchique em tempo taõ incompetente , que eraõ os primeiros dias de Outubro , quando já principiaõ a esfriar as aguas. Unicamente 'o Mestre Leaõ , Medico Judeo , impugnou a resoluçaõ , e não quiz acompanhar a El-Rei , a quem dizia , que se matava. Como os mais Fyficos o contradiffêraõ , e a jornada ficou determinada , partio adiante Joaõ Fogaça para prevenir o que era necessario nos transitos até Monchique , e ter preparado o cómodo nas Caldas.

Tratar os negocios da alma , e fazer

zer o seu Testamento para nomear Successor á Coroa , foram as primeiras providencias , de que El-Rei se servio antes de partir , como Catholico , e illustrado. Para os actos de Religiao chamou ao seu Confessor Fr. Joao da Povoas , Religioso Franciscano , sabio , e de vida santa , Piloto deſtro para o governar na viagem da Eternidade. Com elle se confeffou larga , terna , e miudamente , e da sua maõ recebeu o Sacramento , que sendo o Paõ pingue , que dá delicias aos Reis , elle lhe servio de conforto para resistir aos ataques da natureza no ponto , que tinha de formar toda a effencia do seu Testamento. El-Rei principiava a fazello na sua ante-camara , quando o Duque de Béja D. Manoel chegava á porta , aonde estava o moço da Camara Garcia de Resende , depois Chronista do mesmo Rei , que lhe perguntou se queria , que levasse recado. O Duque informado do que El-Rei fazia , não o consentio , e se affentou a fallar com Ayres da Silva , e com Antao de Faria. Esta acção de hum Príncipe em  
de-



**Era vulg.** desagrado , de hum herdeiro por força , que não he vulgar encontrar-se em pessoas com estas duas qualidades , tão cheia de modestia , e submissão , mereceo a approvação del Rei , e bem poderia ser hum dos auxilios , que o acabou de mover ao que devêra.

Approvado o Testamento , El-Rei o fez assignar por sete testemunhas ; sendo as primeiras o mesmo Duque D. Manoel , e o senhor D. Jorge. Immediatamente se espalhou a voz , de que El-Rei deixára nelle em branco o lugar , aonde se havia escrever o nome do Successor do Reino. Affirmava-se , que a Antão de Faria se dera ordem para lançar nelle o de D. Jorge , que queria El-Rei preferisse ao Duque por ser seu filho. Assegura porém hum dos nossos Authores de maior consideração entre nós , que Antão de Faria , vassallo mais fiel , que Aulico lisongeiro , tivêra a ousadia de resistir a esta ordem : que representou com firmeza ao Rei a injustiça enorme , que se fazia ; a mancha inapagavel , que deitava á sua memoria ; os perigos evidentes

tes a que deixava o Reino exposto ; se Era valg.  
 elle nomeava Successor a D. Jorge :  
 que se lembrasse , como este Principe  
 depois da sua morte ficava sem ami-  
 gos , sem forças , sem alliados , sem  
 columna a que encostasse as suas preten-  
 ções : que pelo contrario ao Duque  
 seu concurrente tudo sobrava ; colum-  
 na a successão de herdeiro legitimo , e  
 a Rainha reinante ; alliados todos os  
 Principes da Europa seus parentes , e  
 os de Castella seus officiosos ; forças  
 as de todo Portugal , Hespanha , e  
 as mais que elle pedisse ; amigos quan-  
 tos Portuguezes , e Estrangeiros havia  
 instruidos nas qualidades amaveis de D.  
 Manoel.

Nunca Antão de Faria deo a co-  
 nhecer a El-Rei como agora o fundo  
 dos seus talentos , e sinceridade. Elle  
 se mostrou hum Fidalgo inteiramente  
 despido das paixões de homem no pon-  
 to politico , em que descobrio , que  
 outro algum sentimento o occupava  
 além da glória do seu Principe , e do  
 repouso da sua Patria. Mettido debai-  
 xo dos pés o interesse proprio , despre-

**Essa** vulg. zado o amor da vida, elle quiz antes por hum impeto de generosidade sacrificar quanto ha no mundo de amavel, que deixar de pôr na face do Rei huma verdade ingenua, que nada podia contrastar na opposição ás mesmas inclinações Reaes. Fosse muito embora interessante a Antão de Faria, que D. Jorge reinasse para ter hum Escudo, que o cobrisse aos golpes do ressentimento de D. Manoel, pelo concurso que elle déra para a morte de seu irmão o Duque de Viseo: que elle preferio a tudo a reputação, a justiça do Principe, o socego, a vantagem do Reino.

Hum Principe tão cheio de equidade como D. João II. não podia deixar de se penetrar da demonstração, que acabava de ouvir. Lutando no seu interior a razão, e a natureza, com o semblante inalteravel disse a Antão de Faria, que queria repousar hum pouco. Só, e em silencio, elevando-se a alma a si sobre si, com tanto mais de sublimidade, quanto mais a profundava o peso das razões, que acabá-

bára de ouvir ; de hum golpe corta Era vulg.  
 El-Rei os nós , que apertaõ a todos os  
 homens , e já não duvida encher o va-  
 cuo , que deixou no Testamento com  
 o nome de D. Manoel , que elle não  
 podia dispensar de ser seu Successor.  
 Este triumpho de si mesmo , não só des-  
 terrou do espirito del Rei todos os re-  
 morfos , mas lhe encheo a alma da-  
 quellas complacencias , que ella não  
 pôde esconder quando se vê solta das  
 ligaduras da injustiça.

### CAPITULO III.

*De como El-Rei partio para as Caldas  
 de Monchique no Algarve , e do que  
 lhe succedeo até á sua morte.*

**B**EM ajustadas por El-Rei as contas  
 nos negocios da alma , e do Reino ,  
 ordenando que a Rainha , e o Duque  
 partissem para Setuval , donde haviaõ  
 ir para Santarém ; elle com seu filho  
 D. Jorge , nos primeiros dias de Ou-  
 tubro se pôz em marcha para o Algar-  
 ve. Sahio das Alcaçovas , e fez o tran-  
 TOM. VIII. R si-

*Est. volg.*

sito pelas Villas de Ferreira, Messajana, Santa Clara, donde entrou na serra intractavel, que vai a Monchique. Com o movimento da jornada sentio El-Rei algum allivio; mas neste lugar principiou a incommodallo o frio da Estação já avançada, incompetente para o remedio. Os Medicos o aconselhavaõ, que senaõ metteffe nos banhos em tempo taõ improprio; mas elle, que se sentia vigoroso, se resolveo a experimentar os primeiros com effeito taõ prompto, que entendeo estar convallecido. Desejoso do movimento, perguntou aos Medicos se poderia divertir-se na caça. Estes homens condescendentes, ou na verdade ignorantes dos perigos da agitação no uso de semelhante remedio, naõ quizerãõ cortar-lhe o gosto, conviêraõ, e o matáraõ. Sciencia feliz, que dá poderes de morte sobre os que saõ senhores das vidas!

Immediatamente ella consentio no abuso do allivio, El-Rei se achou taõ mal, que se recolheo do campo com hum a dôr activa, e o ventre taõ lasso, que

que lhe originou a morte. Em flôr se Era vulg.  
 murcharão as esperanças, mudou-se em  
 afflicção o gosto da melhora, e o  
 Principe incapaz de residir mais tem-  
 po naquella solidão indigesta, e me-  
 lancolica, se retirou para o Castello  
 da Villa de Alvor, aonde chegou com  
 trabalho, e se aquartelou nas casas de  
 Alvaro de Attaide. Como a estreiteza  
 do Castello, e da Villa não dava lu-  
 gar para o commodo da Corte, D.  
 Jorge foi com muitos Fidalgos para  
 Villa Nova de Portimão, aonde o  
 hospedou D. Martinho de Castello-  
 Branco, que depois foi seu Conde.  
 El-Rei tambem quiz esta separação  
 para poder estar só com o Duque de  
 Béja, ao qual escreveu logo duas ve-  
 zes avisando-o do seu perigo, e dan-  
 do-lhe ordem para vir de Setuval a  
 Alvor.

Este Principe ainda não estava bem  
 instruido das verdadeiras intenções del  
 Rei para com elle, e entendeo devia  
 differir a sua partida não obstante a  
 precisa das ordens. Duas paixões oc-  
 cuparão o espirito do Duque á vista

**Era vulg.** destes avisos ; huma de politica , que lhe persuadia que o fim de ser chamado a Alvor , era para o apartarem das visinhanças de Lisboa ; que valia tanto como arrancallo dos braços dos seus amigos : outra de temor da cólera , do ciúme do Rei , que intentaria fazello victima do amor do filho , como tropeço , que lhe impedia a subida ao Throno. Enganárao ao Duque as suas idéas ; porque El-Rei no estado deploravel , em que se achava , queria communicar-lhe em pessoa , com a voz ainda viva , a eleição , que fizera delle para seu successor : queria dar-lhe huma instrucção completa dos segredos , que até então no seu peito reservava como mysterios : queria dar-lhe huma noção perfeita dos negocios públicos , e particulares do Estado : queria , já que a morte o levava sem ter no mundo pai , nem mãe , filho , nem filha , irmão , nem irmã , como o lamentava o seu Chronista Garcia de Resende , ter a consolação em tanto desamparo de vêr o successor , que deixava a sua herança : queria , em fim,

fim, recomendar-lhe a seu filho D. Eia vulg. Jorge; porque era Pai.

Como o perigo se avançava, e El-Rei estava impaciente por vêr o Duque, a toda a diligencia foi terceiro aviso por Antonio de Miranda, immediatamente seguido de D. Martinho de Noronha. Veio o Duque até ao lugar de Colos, aonde os seus politicos lhe aconselháraõ não passasse adiante; mas para salvar a obediencia como na ordem se dizia, que tambem viesse a Rainha, o pretexto de a conduzir foi o que tomou o Duque para retroceder. Voltou elle para Alcacere, mandando antes por Fernaõ Martins Mascarenhas dizer a El-Rei, que elle hia chamado da Rainha para a acompanhar na jornada, que sem demora queria fazer a Alvor. A queixa a cada momento hia de mal em peor, e tanto, que El-Rei esteve muitas horas sem acordo, de que nasceo chegar a Lisboa a voz de morto. Entaõ succedeo na fiel assistencia, que lhe fizéraõ Ayres da Silva, e o Prior do Crato, puchar-lhe este pelas barbas para



**Era vulg.** o despertar. Abrio El-Rei os olhos, e lhe disse com voz languida: Essa mão, Prior, seria mais honesta, se em lugar das barbas, me pegasse nos pés. Espirito sublime, que até na hora das humiliações do corpo, não pode sofrer a menos decencia ao docoro da Magestade.

Até ao dia 22 de Outubro esteve El-Rei neste perigo, que deo occasião a mandar-se hum barco a Lisboa para trazer os aprestos do funeral. Com a sua chegada as gentes, querendo encher os deveres das pessoas, ou lançar as linhas á fortuna, rodeáraõ obsequiosas ao Duque D. Manoel, pondo já os olhos, como servos, nas mãos do seu Senhor. No dia 23 amanheceo o Rei com tanta melhora, que desmentia os insultos antecedentes, e foi tanto o gosto nos Póvos, que vinhaõ de tropel indicando o seu alvoroço. Ordenou elle, que a ninguem se fechassem as portas, por ter alivio em vêr a todos, e que todos o vissem a elle. Voou pelo Reino este segundo rumor, que chegou á Rainha confirmado por hum  
ma

ma carta assignada pela propria mão Era vulg. del Rei. Os partidarios do Duque, antes alvoroçados, sentírao menos de prazer, que o commum dos Póvos, que em votos clamorosos ao Ceo fazíao evidentes os excessos da alegria. Nas Cidades, e Villas crescia ella ao passo, em que successivamente hiaõ recebendo as cartas, que El-Rei mandára escrever a todas com a individuação do accidente passado, e noticia da melhora repentina, porque deviaõ dar a Deos as graças.

Outros eraõ os Decretos Divinos, bem oppostos ás nossas esperanças. Dous dias durou o allivio apparente, que degenerou em symptomas mortaes irremediaveis. Tinha El-Rei despedido a seu filho D. Jorge, que o viéra visitar de Villa Nova, quando hum ataque repentino mudou a consolação do dia em huma noite de amargura. No Sabbado amanheceo com tanta prostração, que ordenou aos Medicos lhe dissessem sem interlocuções, nem reboço o estado da sua vida, naõ sendo a Eternidade negocio, que se tratasse  
com

**Era vulg.** com politicas. Fizéraõ elles Junta , em que déraõ sentença de mórte , participada a D. Diogo Ortiz , Bispo de Tangere , e ao Prior do Crato para a intimarem a El-Rei. Elles o fizéraõ penetrados de dôr , e o persuadíraõ a que em nada mais se occupasse , que nos preparos para a ultima jornada indispensavel a todos os homens. Ainda que a voz morrer aos mais intrepidos atemorisa , El-Rei a ouviu com tanta tranquillidade de animo , quanta seria a da sua consciencia , unico conforto , que despreza o fantasma myrrhado , de que a nossa natureza se espanta.

Depois que o Principe fez aos presentes huma falla edificante propria do tempo , em que a alma illustrada conhece , e atropella os enganos do mundo , para todos vaidade , e para os Grandes vaidade de vaidades , tudo vaidade : Elle mandou , que na casa naõ houvesse mais ornato , que o de hum Altar com o Sagrado Trasumpto de Jesus Christo crucificado para re-  
cordar nos Mysterios da Paixaõ as li-  
ções ,

ções, que déra toda a vida, e que nas Era vulg.  
 occasiões mais criticas lhe reguláraõ os  
 transportes de genio altivo, e coléri-  
 co. Ordenou lhe pozessem a cama em  
 terra para imitar os desprezos, que o  
 Exemplar Divino padecêra na mórte;  
 e chamando ao Camareiro Mór Ayres  
 da Silva, o fez escrever, e lhe ditou  
 hum Codicillo, que assignou depois  
 de lido. Nelle nomeou, e reconheceo  
 de novo ao Duque de Béja por suc-  
 cessor da Coroa, e criou Duque de  
 Coimbra a seu filho D. Jorge; recom-  
 mendando-lhe cumprisse os seus de-  
 veres para com D. Manoel, e lhe  
 beijasse a mão como a seu Rei, e  
 Senhor.

Tambem differio ao requerimento  
 de Ayres da Silva, convindo que elle,  
 e seu cunhado D. Alvaro de Castro,  
 Veador da Fazenda, fossem ambos le-  
 var o Codicillo ao Duque, que esta-  
 va em Alcarece, para onde partíraõ  
 effectivamente. O Prior de Lagos trou-  
 xe os Oleos Santos, com que o ungio  
 na presença dos Bispos, e Capellães;  
 enchendo a todos de edificaçãõ os ac-  
 tos

**Era vulg:** tos pios, e feryorosos, que elle praticou na recepção deste auxilio extremo da fragilidade do homem. Já sem a perturbação das assistencias officiosas, e lisongeiras, El-Rei todo com Deos, e só comfigo, entendeo que devia pedir perdaõ por escrito dos agravos passados á Rainha, irmã do Duque de Viseo, a sua sogra a Infante D. Brites, mãe do mesmo Duque, e ao Cardeal da Cõsta, recompensando a todos tres com palavras de dôr, e humildade as afflicções, que lhe causára com a cólera, e terror. Nestas cartas sentia a tempo o desengano, que pelo desprezo dos seus conselhos, se houvesse transtornado a ordem da justiça; que as suspeitas mal provadas houvessem sido origem de vinganças; que o amor desordenado de reinar não se embaraçasse nas considerações da amargura indeffectivel, que havia vir a causar-lhe a effusão do Sangue Real, e justo.

Em quanto se passavaõ em Alvor as cousas, que tenho referido, e que não se ignoravaõ em Castella, os Reis  
Ca-

Catholicos mandáraõ ordens apertadas Era vulg.  
 aos Duques de Alva , e Medina Sido-  
 nia , que estavaõ na fronteira , para  
 que ao primeiro aviso do Duque de  
 Béja D. Manoel entrassem por Portu-  
 gal com o maior número de tropas ,  
 que lhes fosse possível ; que marchas-  
 sem a offerecer-lhas , aonde elle estu-  
 yesse ; que levassem á espada todas as  
 outras pretensões á Coroa , que não  
 fossem as suas ; que não a embainhas-  
 sem , nem retrocedessem em quanto  
 não o deixassem pacifico assentado no  
 Throno dos seus Maiores. Os dous  
 Chéfes se fizéraõ prestes para a exe-  
 cução destas ordens , que são huma  
 prova da equidade , e affecto dos seus  
 Soberanos ; mas as suas armas não fo-  
 raõ necessarias mais que por huma  
 prevençaõ prudente dos mesmos Prin-  
 cipes , que não podéraõ conter-se nos  
 louvores del Rei D. Joaõ , quando  
 foubéraõ , que a sua justiça , atrepe-  
 lando os impulsos da natureza , déra  
 na Coroa de Portugal a D. Manoel o  
 seu a seu dono.

Muitos casos exemplares , dignos  
 de

**Era vulg.** de ser lembrados , e exercitados por El-Rei nas ultimas horas da vida , não devo eu deixar em silencio. Dando-lhe a assignar hum padraõ de certa renda, que deixava a D. Anna de Mendoça , mãi de seu filho D. Jorge , lhe cahio da maõ a penna, e se lhe soltáraõ as lágrimas. Quizéraõ consolallo os assistentes , mas elle lhes respondeo : Deixai , que chore o bicho com a lembrança dos erros , a que não resistio covarde. Ao Bispo do Algarve D. Joaõ Camello , que vivia com mais liberdade , da que ao seu estado era permitido , reprehendeo deste modo : Bispo, eu me aparto mui descontente de vós ; peço-vos por amor de mim , que daqui em diante vivais como Deos quer. A Francisco da Cunha , que lhe pedio huma mercê pelas Chagas de Jesus Christo defferio logo , e entaõ declarou que em toda a sua vida nada negára do que por intercessaõ taõ efficaz se lhe pedira. A D. Martinho de Castello-Branco , que queria passasse o Senhorio de Villa Nova a seu filho , disse : Eu estou já tal , que se agora-vos fi-

fizesse essa graça me parece que dava o alheio; mas vós sois tal, que quem se me seguir, nada vos negará. Com estes, e outros actos sublimes esperava a morte impavido o coração, que sabia concordar o generoso com o pio. Era vulgo

## CAPITULO IV.

*Da morte del Rei, pessoas que assistiram a ella, e o que succedeo depois.*

**S**ENTINDO El-Rei, que a hora do seu transito vinha chegando, mandou que lhe retirassem da Camara a seu filho D. Jorge, que logo depois de morto se abrisse o seu testamento para verem o que nelle determinava, que o lugar do seu enterro, que dispunha na Igreja de Lagos, aonde fora sepultado seu tio o Infante D. Henrique, queria fosse a Sé de Silves, donde depois se trasladassem os seus ossos para o Mosteiro da Batalha; e tendo ordenado estas cousas lhe sobreveio huma convulsão tão violenta, que perdeu os sentidos, e a falla, esteve largo tempo sem



**Era vulg.** sem signais de vivo , já julgado por morto. O Bispo de Tangere , que o havia exortado , fez acção de lhe fechar os olhos; mas El-Rei alguma coisa recobrado, lhe disse: Ainda não he tempo , daqui a duas horas acabarei. Os Prelados assistentes continuáraõ nellas as preces , e Ladainhas , a que elle respondia com presença admiravel de espirito. Finalmente , repetindo as palavras , Cordeiro de Deos , que tiras os peccados do mundo , compadece-te de mim , exalou a alma ao pôr do Sol do dia 25 de Outubro do anno de 1495 , aos quarenta annos , e seis mezes de sua idade , e de reinado quatorze annos e meio.

Assistiraõ á morte del Rei na sua Camara D. Jorge de Almeida , Bispo de Coimbra , com a Santa Cruz na mão: D. Diogo Ortiz , Bispo de Tangere , com a Imagem do Senhor Crucificado: D. Joaõ Camello , Bispo do Algarve , com a Agua Benta: D. Joaõ de Vasconcellos , Conde de Penela , sustentando-lhe a vella na mão: Diogo Fernandes Cabral; o Prior do Crato;  
Fer-

**P**ernão Martins Mascarenhas; D. Francisco de Eça, e Affonso Fernandes Montarroyo, Antão de Figueiredo, e Garcia de Resende seus Moços da mesma Camara. No quarto immediato estavaõ Ayres da Silva, D. Martinho de Castello-Branco, D. Joaõ de Sousa, D. Alvaro de Castro, D. Diogo Lobo, Lopo da Cunha, D. Pedro de Castro, D. Henrique de Sousa, o Veador Joaõ Fogaça, Alvaro de Attaide, Nuno Fernandes de Attaide, Affonso de Albuquerque, Diogo Lopes de Siqueira, D. Duarte de Menezes, Pedro Correa, Ayres Telles, Antonio de Mendoça, Fernão de Albuquerque, Pedro de Mello, Joaõ Freire, D. Martinho de Noronha, D. Manoel de Menezes, Antonio de Miranda, Affonso Henriques, Vasco de Frois, Ruy de Pina, e os Fyficos Rodrigo, Lucena, e Jozé.

Poz El-Rei termo á sua vida com todos os actos de perfeito Catholico, que o Ceo quiz confirmar com signaes para milagres, opportunos; para accidentes, raros. De todas as partes con-

cor-

**Era vulg.** corriaõ dando ais de afflictas muitas gentes , que naõ admittiaõ consolaçaõ , em quanto Ruy de Pina naõ leo em alta voz no Testamento o nome de D. Manoel , que elle declarava seu Successor. Nelle lhe encommendava com as expressões significantes de amor a seu filho D. Jorge , que o criava Duque de Coímbra , Senhor de Monte-Mór o Velho , e das mais terras , que foraõ de seu Avô o Infante D. Pedro. Pedia , que lhe conservasse os mais bens , em que entravaõ o Senhorio da Ilha da Madeira , e o Mestrado da Ordem de Christo : cousas tantas , e taõ avultadas , que D. Manoel naõ teve depois por conveniente ao Reino conceder-lhe todas. Lido o Testamento , os do Conselho , e Fidalgos reconhecerãõ ao Duque de Béja por seu Rei , como a tal lhe escrevêraõ , e por tres dos Conselheiros lhe enviãraõ o mesmo Testamento.

O cadaver , depois de estar algumas horas exposto , foi levado á Sé de Sylves , seguido de todos os Fidalgos , e da maior parte dos moradores dos Pó-

**vos comarcãos.** Depois dos Offícios da **Era vulg.** sepultura , voltáráõ todos para Villa Nova a consolar a D. Jorge na sua grande perda, e a preparar-se para o acompanharem á Corte. O Prior do Crato, e o Bispo de Tangere se resolvêráõ a abrir hum cofre, que El-Rei sempre reservára só para elle , e bem longe do exame , que hiaõ fazer , elles se encontráráõ com hum cilicio , e disciplinas salpicadas do Real Sangue deste Principe ; instrumentos , que mostravaõ em si mesmos, como o eraõ do castigo, que El-Rei dava com elles aos impulsos da vingança , e da cólera , que o atacavaõ. Entre estes flagellos da penitencia acháraõ tambem huma instrucção politica escrita da sua propria mão para El-Rei D. Manoel , que no corpo della não era nomeado, mas na capa , que a cobria, donde se inferio a incerteza , em que andou de nomear successor.

Destas Memorias illustres se affirmam , que o Imperador Carlos V. encontrando nellas máximas com tanto de grandeza , como de piedade , as-

Era vulg. transmettira a seu filho Filippe II. com recommendação particular de as observar, quando fosse Rei. Ellas seriaõ hum retrato da grande alma de hum Principe como D. Joaõ II. que nelle não torceria huma só das linhas, que debuxáraõ o seu carácter espécioso: tão sublime, que a Rainha Catholica D. Isabel, outro espirito magnanimo superior ao seu sexo, quando soube do seu fallecimento, exclamou: *o homem he morto*: como se dislera, que só D. Joaõ entre os Soberanos era o que fazia honra ao homem. A toda a Europa se fez sentível a falta de hum Rei tão grande. Portugal se cobrio de luto o mais rigoroso, e prohibio com severidade, que em seis mezes ninguem cortasse os cabellos da barba, e da cabeça. Descobre a morte as qualidades dos homens, e na do seu Monarca foubéraõ os nossos passados, que elles perdéraõ hum Pai, hum Rei, hum Defensor, huma Columna da Patria.

Morreo o homem, que governava a todos, e ninguem o mandava a elle.

Mor-

**M**orreo o melhor Rei do mundo, filho Eta vulg.  
do melhor homem, que o mundo te-  
ve. Dous elogios são estes, que se fi-  
zeraõ a El-Rei D. João depois da sua  
môrte, com tanto de verdadeiros,  
quanto os seus authores tinhaõ de pou-  
co interessados, e nada dependentes.  
Rei sem defeito lhe chamáraõ outros,  
e assim seria se se moderasse nas pa-  
ixões contra os Duques de Bragança, e  
de Viseo. O seu amor pelos vassallos  
elle o descobrio no corpo da sua. De-  
visa, que era hum Pelicano rompendo  
o peito com o bico para alimentar os  
filhos, e a letra *Pro lege, & grege*. A  
sua caridade ardente o fez acabar bem,  
e merecer o nome de Santo, que Deos  
quiz confirmar com milagres, de que  
foi primeiro promulgador o Bispo de  
Tangere D. Diogo Ortiz no Sermão,  
que depois prégou em humas das suas  
exequias, em que o persuadio Princi-  
pe canonisavel. Não he menor prôva  
da sua virtude a incorrupção do corpo  
atégora, e com assombro, quando  
depois de quatro annos de sepultado,  
as taboas do ataude, e roupas se achá-

Era vulg. raõ queimadas da cal , de que o etn-  
chêraõ , e o corpo como de vivo , in-  
tactõ , flexivel , com huma fragrancia  
suave.

O Duque D. Jorge , o Prior do  
Crato seu Aio , e os mais Fidalgos ,  
que estavaõ em Villa Nova , se reco-  
lhêraõ á Corte , fazendo caminho por  
Messejana. Aqui se encontrou elle com  
João Correa , irmão de sua mãi , que  
lhe trazia cartas del Rei D. Manoel ,  
escritas da sua propria mãõ , em que o  
confortava na perda de taõ grande Pai ;  
assegurando-lhe naõ encontraria nelle  
mais differença , que a do nome , e da  
figura. Como El-Rei já estava em Mon-  
te-Mór do Alem-Téjo , D. Jorge mar-  
chou para esta Villa , aonde foi rece-  
bido com agrados excessivos entre lá-  
grimas ternas , a que senaõ pode es-  
cular o novo Rei agradecido , nem  
D. Jorge obrigado. O Prior do Crato  
fez huma falla insinuante a ambos os  
altos objectos , já inclinado ao Rei pa-  
ra lhe mover a beneficencia , já volta-  
do a D. Jorge para lhe despertar a gra-  
tidaõ ; em ambos com fructo , que  
pa-

para o produzirem não houverão mister ser torcidos , nem encaminhados ; bastando ambos lembrar-se do que eraõ , e do que se deviaõ. El-Rei recolheu em sua casa a D. Jorge , e o tratou com correspondencia a ambas as relações referidas.

Era vulg.

Foi D. Jorge , como dissemos , Duque de Coimbra , Marquez de Torres-Novas , Mestre das Ordens de S. Thiego , e de Avis , Senhor das terras do Infante D. Pedro , e da Villa de Aveiro , de que os descendentes , que teve de sua mulher D. Brites de Vilhena , filha de D. Alvaro de Portugal , e neta do segundo Duque de Bragança , viéraõ a ser Duques. Além destes Titulos de D. Jorge , El-Rei D. Joaõ II. fez Duque de Béja a D. Manoel depois da morte de seu irmão D. Diogo , Duque de Viseo : Marquez de Villa Real a D. Pedro de Menezes , que era Conde da mesma Villa : Conde de Borba a D. Vasco Coutinho , filho do Marechal D. Fernando Coutinho , em remuneração de lhe descobrir a conjuração do Duque de Viseo. Elle instituiu o

Tri-



**Era vulg.** Tribunal do Desembargo do Paço com menos isenções, e menor número de Ministros do que depois se lhe foraõ concedendo: Tribunal respeitavel, que representa o Conselho da Camara do Príncipe, que defere aos negocios, que elle lhe propoem por meio de consultas.

A sua liberalidade tinha os predicaõs de brilhante em dar, e logo, sem a fadiga de prometter, nem o trabalho de fazer esperar. Era este dar a quem, como, e quando devia, por hum acto espontaneo, não esperando o rogo, nem fazendo caso dos empenhos. Quando eraõ necessarios os requerimentos, queria que os fizesse quem o servia, sem buscar terceiros para o despacho. Esta sua virtude entrou por Hespanha, França, Allemanha, e Itália derramando a chuva de Jupiter. Sustentou sempre a Magestade tão isenta, que costumava dizer, que sujeitalla a arbitrio alheio era a maior injúria do Decoro Real. Desta isençaõ provinha entendello a Nobreza de condiçõ austera, não estimando o

soc-

**S**occorro das amizades , como se elle **Era vulg.**  
 resolvêra os casos consideraveis sem con-  
 selho , ou não fosse o primeiro honra-  
 dor dos sabios no rendimento do jui-  
 zo aos seus dictames , quando os co-  
 nhecia illuminados.

Se se dissesse delle , que tinha mul-  
 tidão de peccados , nós responderíamos,  
 que a cobrio com a capa da caridade:  
 Na vida aratçou sempre , na morte  
 ardeo incendio. Nos cultos delicados  
 da Religião , na affluencia perenne das  
 esmólas , mostrava a observancia do  
 Mandamento máximo , e primeiro , e  
 a do segundo , que lhe hé semelhan-  
 te , quero dizer , amor de Deos , e  
 caridade do proximo. No seu tempo  
 fazia exterminar os vicios públicos pa-  
 ra o mesmõ Deos ser honrado ; não  
 havia necessidade , que deixasse de soc-  
 correr , para o proximo não passar af-  
 flicto. Chegáras as suas esmólas a Je-  
 rusalem , e muito mais longe os éccos  
 da sua beneficência , que convidavaõ  
 gentes de distancias remotas , como a  
 Rainha do Austro , para virem ouvir a  
 Sapiencia do Salomaõ Lusitano.

Nas

Era vulg.

Nas execuções da justiça , pondo de parte as dos Duques de Bragança , e Visco , em que não refreou a paixão de homem , mostrava-se temperado , mas em não fazer excepção de pessoas , que isso he só para Deos , parecia duro , inflexivel , austéro. Das Leis , que publicava , era o primeiro observante. Prohibio as mulas , nunca mais montou nellas : prohibio as sedas , já mais as vestio. Fez Lei do exemplo , bem instruido , em que o do Rei compoem todo o orbe ; que ao passo do primeiro movel , girão as esferas inferiores. Os desobedientes , e facinorosos eraõ o seu escandalo , sem poder soffrellos impunidos ; mas quando parecia não respirar mais que severidade , tinha dado na Relação ordens occultas , para que os réos , que não fossem ladrões , nem tivessem parte , não morressem ; porque necessitava de homens para povoar as conquistas. Deixou exemplo notavel na casa de hum cavalleiro jogador em Lisboa , a que mandou dar fogo para não ser visto na Corte o padraõ de hum escandalo publico.

In-

Incansavel no bem dos Póvos, que Era vulg.  
 promovia, quasi todo o tempo era pa-  
 ra elle de acção. Nas Sextas Feiras hia  
 á Relação de manhã, e á tarde confe-  
 ria com os Desembargadores do Paço;  
 os Sabbados eraõ para a Meza da Fa-  
 zenda, aonde ouvia aos Veadores, e  
 Escrivães. Sobprimio as regalias, os  
 abusos, as demazias da Nobreza, de  
 que lhe resultou a desconfiança com to-  
 da ella, e os sustos com que passou a  
 vida, sempre em perigos ameaçados,  
 que parece chegáraõ a ser existentes,  
 e aquella mais breve do que podera.  
 Bastava huma promessa sua para ani-  
 mar os homens pela constancia, com  
 que promettia; mas nunca quiz passar  
 Alvará de lembrança. Com a verdade  
 fazia scintillar a roslagancia da purpu-  
 ra, naõ havendo quem nelle desco-  
 brisse huma mentira leve, nem Decre-  
 to, que contradisse outro. Fez taõ  
 respeitosa a Magestade, que bastava  
 mover os olhos para corrigir. Os va-  
 pores da incontinenencia, que lhe man-  
 cháraõ a mocidade, nunca sobíraõ ao  
 Throno, depois que nelle se assentou  
 Rei,

Era vulg. Rei, e outras das suas qualidades excellentes veremos no Capitulo seguinte, que escolho para a descripção do seu caracter, e compendio das sublimidades, que lhe merecêrao o pronomme de Príncipe Perfeito.

## CAPITULO V.

*Descrevem-se em resumo as qualidades, e caracter del Rei D. Joao II., e dá-se noticia dos Authores, que delle fazem memoria illustre.*

**E**L-REI D. Joao II. foi hum Príncipe tao luminoso nos primeiros crepusculos da idade, com tal intenção de talento para comprehender as Artes dignas de Príncipe, que parecia desnecessaria a instrucção, a quem tudo dá a natureza. A principios tao felices correspondêrao os fins ditosos, que animados por meios sublimes, lhe merecêrao as admirações do seu seculo. Depois de mostrar o ardor do animo na expedição de Arzila, nós vimos que só a elle se deveo a salvação

**Rei** do exercitô Portuguez na batalha **de** Tôro. Na acção generosa de descer do Throno; quando seu Pai voltou de França; fez vêr que a ambição de o occupar só se oppunha aos que o pretendião sem justiça antes de tempo; não áquelle a quem tocava de direito na sua idade. Depois da morte do Pai, já Rei sem disputa; todo se empregou nas tres maximas; mais importantes dos Estados, que fez observar sem interrupção, a saber; premiar benemeritos, punir criminosos, avançar o commercio. Para executar as primeiras duas, tirou da sua illuminação todos os expedientes; para promover a ultima se servio de muitas dexteridades.

A primeira foraõ os progressos da navegação pela Europa; por toda a Côsta da Africa até se descobrir o Cabo de Boa-Esperança, que facilitava os desígnios premeditados de a levar ás grandes Indias da Asia. Depois foi a de fazer respeitár o seu animo pelos maiores Principes; como se viu com os Reis Catholicos, obrigando-os a con-

cor-

ra vulg. : cordarem na Linha de Demarcação para a conquista do mundo : com Carlos VIII. Rei de França , fazendo que lhe restituísse huma caravella carregada de drogas , que os seus vassallos lhe tomárao : com todos os Principes Catholicos , ligados contra o mesmo Rei de França , que teve expectadores da sua resolução , quando o convidárao para ser na sua alliança parte contratante , e dentro no Reino com toda a Nobreza , tao zeloso da Authoridade Real , que abrogou dos donatarios a jurisdicção criminal devida á Soberania , e ordenou nova fórma ao juramento de homenagem dos Alcaides Móres. Para triumpho da sua integridade nao arvorou Devisas menos sublimes , que os troféos rotos , despedaçados de D. Fernando II. Duque de Bragança , e de D. Diogo , Duque de Viseo : accções , que lhe deixárao o nome menos glorioso á posteridade , como quem em huma se fez Juiz sendo Parte , e na outra foi Executor sendo Rei. Aos clamores deste sangue respondeo como éco a morte desgra-

**S**ada de seu unico filho o Principe D. Affonso; que senão era para ser Rei de Portuguezes, foi para seu Pai humma amargura de toda a vida; mas talvez que humma victima de expiação dos crimes contra a equidade.

De estatura mediana era El-Rei D. João, proporcionado, e airoso; o semblante grave, e comprido, branco, e córado, os olhos pretos, e com graça; o nariz bemfeito, e a bocca pequena; os dentes alvos, e bem ornados; a barba negra, e composta. O cabello, que era castanho, na idade de trinta annos principiou a fazer-se branco com prazer do Principe, que estimava as cãs como marca da idade provecta, antes de cumprida a que aperfeioa a de varaõ. No entendimento foi agudo, e prudente, na memoria tão feliz, que nada esquecia do que lhe encommendava. Tinha na lingua tanta pureza, proferia as vozes com tanta pausa, que parecia as estudava, e dizia com frequencia judiciosos apophthegmas. Da Poesia se servia como de parenthesis agradavel, ou de



**Era vulg.** de eutrapelia jucunda á gravidade dos negocios. Teve luz bastante da Historia, e Philosophia, que enfeitava de erudição.

Para desterrar dos vassallos o tormento das esperanças, e a impertinencia dos requerimentos, com antecipação generosa premiava os serviços, tendo catalogos dos homens beneméritos do Reino para lhes fazer mercês, antes que as pedissem. Resoluto, e acautelado nos negocios, de todos teve o segredo por alma, para que as execuções declarassem os designios, que escondia da face dos interpretes. Os Ministros de saber profundo, e de justiça recta eram os seus homens, que conhecia pelos nomes, e os imprimia na lingua, á imitação dos antigos Reis Godos, que os gravavam nas suas Coroas. Tendo por intoleravel, que para a Soberania houvessem emulos, abattia o orgulho nas torres mais altas, ou se estimava participante da glória de Jupiter, quando com os raios na garra das Aguias fulminava Gigantes. Huma vez os despedio da  
sua,

sua , e por isso perdeu a imitação , e Era vulg. o triumpho.

Os cultos da Religião ornárao o seu peito piedoso , seja no respeito aos Officios Divinos , seja na veneração ás Imagens Sagradas , seja no rendimento profundo ás Chagas de Jesus Christo , e devoção cordial da Senhora , ou seja no obsequio , e reverencia aos Ministros do Altissimo. Cada dia rezava de joelhos os Psalmos Penitenciaes , e coberto de luto , muitas vezes postrado por terra , assistia com devoção edificante nas tres noites da Semana Santa ao Monumento do Senhor , aonde se representavao os Mysterios da sua Paixão. Memoria immortal deixou elle na instituição do Hospital Real de Todos os Santos , testemunho da sua inflammada caridade : na fundação da Capella brilhante de Santo Antonio no mesmo lugar , aonde nasceo esta luz , que illustra a Igreja Universal , e a da Lusitania sua Patria ; e na do Real Convento de Santos para as Commendadeiras da Ordem Militar de S. Thiago.

Sua

**Era vulg.**

Sua he a sentença , de que não póde haver Rei ignorante tratando com tantos homens sábios , se elle se quizer aproveitar da doutrina. Conhecia este Príncipe a differença , que vai da Sciencia estudada á Sciencia ouvida ; das disciplinas , que se recebem pela vista , ás do ouvido , que se imprimem pelas vozes ; a da lição , em que se aprende o parecer de hum só Author, á da conversação , em que no mesmo acto se sabem as opiniões de muitos homens. Este methodo a ninguem he tão facil como aos Reis , e por isso não póde algum delles ser ignorante ouvindo a muitos sábios , se se quizer aproveitar da doutrina. Tambem foi sua a lembrança de impedir , que os moços até á idade robusta usassem espada , não succedesse pela falta das forças costumar-se a ser vencidos. O medo huma vez introduzido ordinariamente fica covarde , e porque o valor affruto he quem o desterra , e dos primeiros triunfos começa a formar os habitos de generoso ; queria El-Rei , que as mocidades não se servissem  
das

das armas antes do estado de poder vencer. Era vulgar, para que principiando triunfantes a ser valerosos, com a corage, vencendo, ou disfarçando o medo, que he natural em toda a gente, e fabello disfarçar he ser valente, elles não désssem lugar á covardia.

Esta ordem teria origem na sua propria experiencia, adquirida nas primeiras acções da sua mocidade em Arzila, e em Toro. Depois dellas, toda a vida ficou tão impavido, que perigo algum temia, como se vio no encontro do Touro em Alcochete, e em ir fallar a hum morto, que o chamára, sabendo que era defunto. Este valor era acompanhado das grandes forças, com que de hum golpe partia juntas tres, e quatro tochas; com que jogava a barra, aonde poucos alcançavaõ, com que opprimia os cavallos mais briosos, que se davaõ a sentir por apertados. Na dança era destro, e áiroso, dando duas almas ao compasso no acerto, e agillidade. Usava da caça por divertimento para desenvolver os membros, e lembrar as representações da guerra.

**Era vulg.** naquelles ensaios. No trato particular de tal sorte se despia das circumspecções da Magestade, que parecia hum homem como os outros; mostrando a graciosidade na cara, e nos ditos, para que os assistentes fizessem o mesmo. A detestação, que fazia dos vícios em os conhecendo, deo occasião ao Bispo de Tangere para dizer: que se fora peccador, foubéra ser penitente.

Os seus pensamentos sempre altos, não tinhaõ por dignas de Principe as acções vulgares. Todas as da sua vida saõ provas exteriores do seu conceito, seja nas negociações, que teve com os Principes da Europa, seja no projecto de descobrir o Cabo Tormentoso, e a India, ou seja na navegação, e conquista de tantas Regiões da terra, que submetteo ao seu Imperio. Como se previsse os futuros, dava providencia a muitas cousas; que depois succediaõ: caracter proprio do sabio prudente ser do futuro Historiador, e Profeta do passado. Na meza tinha dous sabores, e dos manjares, que confia com de-  
som-

sembaração para reforçar o corpo ; e o **Err vulg.** da disputa dos Sábios , que attendia com pausa para nutrir o espirito. Foi necessario o preceito dos Medicos depois de trinta annos já achacados para beber vinho ; mas com tal moderação, como se para elle deixasse o Apostolo a receita : Usa de pouco vinho por causa do estomago. No respeito aos Ministros do Altar não foi elle tão moderado ; porque a Diogo de Sousa , Deão da sua Capella , que levantou hum çapato , que lhe cahira do pé , depois de lhe dar a reprehensão áspera , tirai-vos dahi , o homem , que toma o Santissimo nas mãos , não pega com ellas nos meus çapatos , o teve hum mez prezo para o ensinar a não abatter o seu caracter.

Quando intentou , que Angelo Policiano compozesse a Historia de Portugal , lhe escreveu a Carta , que o mesmo Italiano publicou no livro X. das suas Epistolas a pag. 138 , que começa *Joannes Dei gratia Rex Portugallia , & Algarbiorum citra , & ultra mare , in Africa Dominus Guineæ Angelo Poli-*

**Era vulg.** *tiano viro peritissimo, & amico suo S.  
P. D. Ex suavissimis tuis literis, do-  
ctissime vir, &c.*

Homens Sabios escreverão a vida deste grande Rei em várias linguas. Na Franceza La Clede, Maugin, e Neuville: na Castelhana D. Agostinho Manoel de Mello, Manoel de Faría e Souza, e Christovão Ferreira de Sampaio: na Portugueza Damiaõ de Goes, Pedro de Mariõ, o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, e Garcia de Resende: na Latina Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete, e o Padre Antonio de Vasconcellos.

Tecêraõ os seus elogios D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, aonde diz no Tomo III. pag. 114: Foi admiravel o valor, a prudência, e a cautela com que este grande Rei se portou com os amigos, e inimigos conservando a paz, e amizade com tal modo, que mais parecia superior, e arbitro, do que igual. O Conde da Ericeira no Portugal Restaurado Tom. I. pag. 9: Castigou os vassallos indomi-

estes, e nunca aguardou que lhe pe- Era vulg.  
dissem premio os benemeritos. Manoel  
de Faria e Sousa na Europa Portugue-  
za Tom. II. § 110.º: *Era gentil Filoso-*  
*fo, y muy visto en las Mathematicas;*  
*y Historias.* O mesmo no Epitome pag.  
274: *Hizo soberanas obras, executó*  
*hazanãs heroicas; e no bablava menos que*  
*laconicamente sentencias, y dichos agu-*  
*dissimos, que no dexan reduzir-se a la*  
*brevedad de un elogio; mas hazen con-*  
*fessar, que pudo ser tal Roy entre cla-*  
*ros clarissimo.* Le Quion de la Neufvil-  
le pag. 623: *Tant de rares, & tant*  
*d'excellentes qualités lui méritèrent en-*  
*core le surnom de Roy sans défaut. Ses*  
*Sujets l'admerent, ses ennemis le crai-*  
*gnirent, l'Europe redouta sa valeur,*  
*l'Afrique connut sa puissance, & tout*  
*l'univers a profité des heureuses décou-*  
*vertes que l'on a faites par ses soins,*  
*en Afrique, & dans les Indes.*

Fr. Bernardo de Brito nos elogios  
dos Reis de Portugal, pag. 113: Foi  
de grande animo de se não senhorear de  
privados, inclinado a fazer mercês, e  
remunerar serviços. Barbuda nas Em-  
pre-



Era vulg. : prezas Militares da Lusitania. pag. 109 :

*Amava por extremo qualquiera virtud en los hombres, por lo contrario aborre- cia qualquiera vicio. público. Fonseca na Évora Gloriosa, pag. 97. Na libe- ralidade excedeo a Alexandre, no va- lor se avantajou a Cesar, porque não só triunfou dos vivos; mas por tres ve- zes tratou intrepido com os defuntos, e finalmente foraõ as suas excellencias tão raras, que a pezar da inveja, as veneráraõ, e applaudiraõ os mesmos inimigos. Salazar, e Castro na Histo- ria da Casa de Silva, liv. VI. Cap. XIII. : Principe a quien sus virtudes grangearon el renombre, que justamente gosa de Perfecto. Osorio de Rebus Em- manuel. liv. I. pag. 3 : Fuit vir clarus, & excelsus, infestus improbis, bonis propitius, & in omni genere virtutis admirandus : tanta animi magnitudine erat, ut quantvis corpore in patria con- sisteret, mente tandem orbem terrarum peragraret.*

Osorio de Rebus Emmanuel. liv. I. pag. 3 : Fuit vir clarus, & excelsus, infestus improbis, bonis propitius, & in omni genere virtutis admirandus : tanta animi magnitudine erat, ut quantvis corpore in patria con-

## CAPITULO VI.

*Da trasladação do Corpo del Rei D.  
João II. da Sé de Silves para o  
Mosteiro da Batalha por El-  
Rei D. Manoel.*

**Q**UATRO annos esteve o cadaver do Rei D. João II. na Sé da Cidade de Silves no Algarve, mettido em hum caixão, que enchêraõ de cal para mais depressa lhe comer a carne, e se trasladarem os ossos para a Capella do Pranta no Convento da Batalha, como elle dispozera na vida. El-Rei D. Manoel para se mostrar agradecido ao Principe, que lhe trespassára o Sceptro com mais attenção á sua justiça, que ao amor do proprio filho, determinou fazer a sua trasladação com pompa correspondente ao Author, e ao objecto da cerimonia. Para este fim no mez de Outubro do anno de 1499 sahio de Lisboa acompanhado de todos os Grandes Ecclesiasticos, e Seculares, de número copioso de Clérigos, e com hum trem

**Era vulg.** trem magnifico veio em pessoa á Cidade de Silves para presenciar o acto, e seguir a marcha até ao Convento da Batalha, aonde havia assistir ás ultimas honras do Rei defunto.

Chegados ao lugar da Sepultura, aonde jazia, os Bispos de Silves, e de Tangere, D. Francisco de Eça, e Joaõ Fogaça foram encarregados de a abrir, e encontraram a madeira do caixão quasi comida da cal, e queimados os ornatos, que cobriam o corpo. Porém este se viu com admiração tão inteiro, fresco, composto com os cabellos de barba, e da cabeça, que parecia vivo. Renovaram-se as aclamações de Santo, e as memorias dos milagres, que dizia tinha feito Deos por sua intercessão. Mudaram o corpo para outro caixão coberto de brocado carmezim, desprezadas então todas as riquezas á vista dos destroços pobres da moralidade nas roupas queimadas, e caixão corrupto, que tudo foi despedaçado, e posto no peito como reliquias, que havia todo um corpo Santo. Colocado elle em humas andas riquissimas,

que

que levavaõ dous cavallos cobertos de Era vulga brocado, se rompeo a marcha.

Faziaõ a sua vanguarda muitos instrumentos musicos, e de guerra, que alternavaõ o toque com consonancia agradável. Seguia-se a Cruz da Capella, que o acompanhavaõ muitos Grandes, e Fidalgos a cavallo. Da mesma forte se seguia o Cléro; adiante das andas hiaõ oitenta Capellães, e Cantores paramentados com capas ricas, e tochas nas mãos. Rodeavaõ o Corpo os Arcebispos, e Bispos, e na retaguarda marchava parte da comitiva Regia; ficando o resto para acompanhar a El-Rei, que levava sempre humma jornada atrasada pelos mesmos transitos. Nos Povos aonde se pernoltava, punhaõ o caixão na Igreja maior em humma Eça portatil, que se fizera com este destino, e na manhã seguinte antes de continuar a jornada, sempre dizia Missa na mesma Igreja o Bispo de Tangere. El-Rei nas visinhanças de Alcanede se adiantou a Rio Maior; e dahi a S. Jorge da Victoria, aonde esteve com os Duques de Coimbra,

Era vulg. e Bragança, com o Senhor D. Alvaro, muitos Bispos, e Fidalgos esperando o Cotpo para o acompanhar com toda a comitiva ao Convento, onde se havia sepultar.

Até áquelle sitio o trouxe o Bispo de Fez: já seguido de quatrocentos Religiosos além do Cléro, todos com cirios accesos; e á entrada da rua, que hia para o Mosteiro, estavam as Cruzes das Cathedraes de Evora, da Guarda, de Viseo, de Lamego, as de Santa Cruz de Coimbra, de Alcobaça, e da Batalha. Aqui se tirou o caixão das andas, em que elle vinha, e pegárao nelle o Senhor D. Alvaro, o Marquez de Villa Real, o Conde de Marialva, o de Penella, o de Abrantes, o de Portalegre, Ayres da Silva, Fernão de Albuquerque, e Pedro da Silva. Seguiase El-Rei com os Duques de Bragança, e de Coimbra, os Fidalgos, e depois de todos o Prior de Santa Cruz, que era filho do Marquez de Villa Real, vestido nos paramentos Pontificaes. Destá sorte, em apparato, que respirava pompa, e grandeza, foi levado o ca-  
da-

daver do Rei virtuoso ao Templo do Era vulg. Mosteiro, que estava ornado com a maior magnificencia, e collocado em huma Eça soberba, coberta de pannos preciosos de ouro, que arrastavaõ pelo pavimento.

Tomáraõ lugar por sua ordem os Bispos, Prelados, Cléro, Religiosos, com toda a Nobreza, e immediatamente se procedeo ás Exequias mais sollemnes, que até áquelle tempo se tinhaõ celebrado na morte dos Principes. O Templo parecia hum incendio, e os corações já despidos da variedade dos affectos, unanimes, e concordes se mostravaõ victimas do amor, e da saudade por hum Soberano acclamado por Santo. Cantou a Missa em Pontifical o Prior de Santa Cruz, e para o Domingo seguinte 27 de Outubro desfilou El-Rei outros suffragios com apparato edificante. Além dos Altares, que havia na Igreja, mandou levantar mais sete ricamente armados, e no Maior ordeghu se collocasse a Bandeira das Armas Reaes, o Escudo, e Elmo, com que o Rei defuncto correo as  
jus-

**Era vulg.** justas em Evora na occasião do casamento do Principe seu filho; a cota de armas, lança, e espada com que pe-  
leijou, e venceu a batalha de Toro;  
e nelles sem cessar se celebrou toda a  
manhã pela alma del Rei o Sacrificio  
de expiação, que aproveita a vivos, e  
defuntos.

**Assistio** El-Rei no Coro a toda a  
função, ao Pontifical, que celebrou  
o Prior de Santa Cruz, e á Oração fu-  
nebre, que recitou D. Diogo Ortiz,  
Bispo de Tangere. Nesta soltou os di-  
ques á sua eloquencia este sabio Pre-  
lado, e dividindo no Principe as acções  
de homem, das opperações de Rei,  
em ambas o mostrou para os homens  
exemplar, para os Soberanos modelo.  
Como elle fora seu Confessor, e as-  
sistente á sua morte, as virtudes até  
então occultas debaixo do véo do Sa-  
cramento, elle fez públicas no modo,  
que lhe era permittido sem romper a  
integridade sagrada do sigillo, para edi-  
ficação das gentes. Elle foi a trombe-  
ta, que annunciou as qualidades subli-  
mes do alto objecto do seu discurso:

a sua justiça indefectível, que olhava Era vulg.  
aos casos, não ás pessoas: as suas muitas mercês, que se distribuiaõ pelos merecimentos sem valias: a sua caridade nas esmólas a orfãs, viúvas, cavalheiros, Igrejas, taõ profusas por toda a parte, que corriaõ pelos Lugares Santos da Palestina, e de Roma: os soccorros, os donativos, os conselhos, que déra a muitos dos Reis Catholicos para os tirar de grandes embarços: em fim as penitencias rigorosas, as mortificações austeras, os actos de fervor, de humildade, de resignação, de paciencia, de desprezo do mundo, com que nos ultimos annos da vida expiou os defeitos da natureza de Adaõ, que communmente se diz, que está sem peccado, e que por effeito da mesma expiação o eslimava Santo canonisavel.

Depois de acabada a Oração, o celebrante acceitou a offerta, que fez El-Rei em peças do valor de dez mil cruzados; e postos em duas alas os assistentes com tochas accezas, os Bispos leváraõ o veneravel cadaver á sepultura preparada na Capella de Nossa Senhora



Era vulg. ra do Pranto, acompanhando a acção o Cântico *Benedictus* ao som de muitas vozes, e instrumentos, que parecia mudavaõ os lutos em applausos, os Epicedios tristes em festa plausivel. El-Rei, os Duques, Grandes, e Fidalgos acompanháraõ o feretro até ao lugar dos monumentos, aonde El-Rei em vida mandára o sepultassem, o qual estava coberto de pannos preciosos de ouro com a Imagem da Santa Cruz, ficando illuminado pelas luzes de tres grandes alampadas de prata. No fim da funcão se recolheo a comitiva em cerimonia; mas El-Rei na noite quiz em particular com miudeza examinar as circumstancias naõ vulgares, que se tinhaõ observado no deposito veneravel.

Elle na presença do Provincial, Religiosos, e alguns Fidalgos, mandou abrir o caixaõ, viraõ o corpo sem mais signal de morto, que a immobillidade; a carne molle, fresca, e tractavel; a cabeça, barba, peitos, e pernas cobertos de cabellos sem falta, nem mancha; o cheiro, que exalava,

sua-

suave , e fragrante. El-Rei , sempre Era vulg.  
 com o gorro na mão em signal de re-  
 verencia , derramava lágrimas de con-  
 solação , e ternura ; muitas vezes lhe  
 beijou as mãos , e os pés , e todos os  
 presentes tocárao nelle muitas cousas  
 para guardarem como reliquias. Tor-  
 nado a pôr o corpo no lugar , em  
 que espera a resurreição dos vivos ;  
 El-Rei mandou cobrir os dez degrãos  
 do tumulo com hum panno de broca-  
 do , e se recolheo.

Na narraçãõ breve desta traslada-  
 çãõ , que podemos chamar gloriosa ,  
 quiz mostrar Deos quanto lhe saõ ac-  
 ceitaveis as lágrimas dos penitentes ;  
 quanto honra aos peccadores , que  
 morrem arrependidos , e D. Manoel  
 fazer vêr , que o Rei de Portugal naõ  
 se lembrava dos aggravos feitos aos  
 Duques de Viseo , e de Béja. A mór-  
 te , que tudo acaba , dissipou as nu-  
 vens dos rancores ; a virtude , que ven-  
 ce tudo , attrahio os coraçõs menos  
 inclinados : todos convertidos em ho-  
 locaustos puros de christandade , poli-  
 tica , veneraçãõ , e respeito á memoria  
 do

**Era vulg.** do grande Rei, que chamavaõ faudo-  
sa: todos mudados em clarins sonoros,  
que queriaõ immortalisar nos bronzes  
da fama a equidade, a justiça, a Re-  
ligião, as façanhas, o heroísmo do  
grande Pai da Patria. Na vida teve  
El-Rei D. João II. inimigos, na mór-  
te todos lhe ficáraõ affeiçoados: na vi-  
da descobriaõ-lhe defeitos, na mórte  
naõ houve quem deixasse de lhe publi-  
car virtudes,





## L I V R O XXXIII.

### *Da Historia Moderna de Portugal.*

#### C A P I T U L O I.

*Trataõ-se as primeiras acções do Rei D. Manoel, o Feliz, XIV. na ordem dos Reis de Portugal, até o descobrimento da India.*

**N**A Villa de Alcacere, aonde estava D. Manoel na companhia de sua irmã a Rainha D. Leonor, foi elle acclamado Rei, logo que chegou a noticia de ser fallecido em Alvor D. Joaõ II. que no seu testamento deixava nomeado successor ao Reino na forma do direito indisputavel, que lhe assistia. Havia nascido este Principe no ultimo dia de Maio do anno de 1469, a tempo que passava pela rua do seu Palacio em Alcochete a Procissão do Corpo de Deos, estando sua mãe em

*Eravulg. 1495*

*TOM. VIII.* U *gran-*

Era vulg. grande perigo , e por memoria deste encontro feliz lhe pozêraõ o nome de Manoel. Na ordem do nascimento foi filho sexto do Infante D. Fernando , irmão del Rei D. Affonso V. , e de sua mulher D. Brites , filha do Infante D. João , irmão del Rei D. Duarte.

Quando lhe precediaõ muitos successores á Coroa , hum Astrologo o lisongeou com o prognostico , de que a havia cingir , e succedeo a lisonja acertar no calculo. Quem parece que previo melhor o dominio , que elle havia ter em todas as partes da terra, foi o seu predecessor , quando lhe deo a esfera por devisa , como se já o metêra de posse do Universo. Contava elle 26 annos de idade , robusta para poder firmar o sceptro , sustentar o mundo como athlante , esforçar-se para desempenhar a promessa de Jesus Christo, como instrumento para levar o seu Nome ás Nações estranhas com glória da Religiaõ , dilataçaõ do Estado , e honra da pessoa. Nos tyrocinnos de Rei se mostrou jubilado na Arte

te de reinar , como se as máximas adquiridas nascessem todas de virtudes só infusas para formarem nelle o caracter do heroísmo , que lhe mereceo os epithetos de *Venturoso* , de *Feliz* , de *Grande*. Era vulg.

Acções de pio , e grato forão as primeiras de D. Manoel depois de Reinas duas Embaixadas , que mandou logo a Roma , e Castella. Na primeira deo parte ao Papa Alexandre VI. da sua exaltação ao Throno , e lhe rendeo obediencia como a Vigario de Jesus Christo. Neste primeiro passo vio Roma a novidade de estimação , que o Rei fez do Cardeal da Costa , escrevendo-lhe , e insinuando-lhe , que com a sua presença authorisasse os Officios do Embaixador nas audiencias , que tivesse do Santo Padre. O Cardeal com dexteridade , e magnificencia encheo os desejos del Rei , e o Papa estimou os seus votos , e os do Reino , que agradeceo com todas as demonstrações de apreço , e afeição. Na segunda usou das mesmas medidas com os Reis Catholicos , que pelo haverem prote-

**Era vulg** gido Duque, os devia obsequiar Rei; a pessoa reconhecida, a Magestade officiosa.

El-Rei, que apenas recebeu a noticia da morte do seu Successor em Alcacere, veio para a Villa de Monte-Mór o Novo, della expedio estas Embaixadas, e nella principiou os actos da sua clemencia, equidade, e economia. A esta Villa, como eu já disse, foi trazido, e apresentado ao novo Rei por D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, o seu Pupilo o Senhor D. Jorge, filho do Rei defunto. Não pode D. Manoel conter os impulsos do seu animo generoso sem derramar de hum golpe sobre o orfão Principe a effusão dos sentimentos, que até então reprimira nos fundos do espirito. Vosso pai El-Rei D. Joáo, lhe diz cheio de ternura, vos deo a sua natureza; para mim mostrou na morte amor de irmão: nada sentia elle tanto, como deixar hum filho em desamparo, sem pai, sem consolação, em soledade. Bem podia elle socegar na consideração das vossas qualidades, que por  
bem

bem tiradas cópias de tão alto Mode- Era vulg.  
lo, em toda a parte vos fariaõ lugar;  
mas elle me mandou, que em seu no-  
me vos rogasse quizeffes ter em minha  
casa o de filho; vos conservasse o pa-  
trimonio, que vos deixava, e que es-  
te se transmittisse á vossa posteridade.  
Elle me instou, que vos educasse, vos  
corrigisse, promovesse as vossas virtu-  
des com tal cuidado, que ninguém  
nella vos exceda. Isto me mandou el-  
le. Eu farei tudo, Eu cumprirei os  
meus deveres. Na vossa idade tenra,  
orfaõ, e sem pai, dai-me a mim es-  
te nome, Eu o acceito, heide desem-  
penhallo, vós fareis o mesmo ao de  
filho; assim o espero, para que a gran-  
deza dos meus beneficios cahaõ sobre  
os merecimentos de hum grande Prin-  
cipe.

Quizéra responder o Prior do Cra-  
to a tanta beneficencia; mas cortadas  
as vozes pelos soluços, o espirito pre-  
zo nas correntes das lágrimas; apenas  
pode dizer em Oraçaõ breve: Que em  
elle acceitar a D. Jorge por seu filho,  
em o encher de beneficios, merecia



Era vulg. a reputação gloriosa de conservador, e propagador da memoria do Rei D. João naquella imagem da sua natureza. Todos os assistentes, participantes da ternura do Prior, beijárao a mão a El-Rei; abstrahírao-se na sua sublimidade, tão excellente, que de hum corte separava de si tantas riquezas, como se se esquecesse da humanidade para dar todo o lugar á profusão. Já na mesma Villa estavao convocados os Tres Estados do Reino, quando se mandárao as duas Embaixadas, e na de Castella continuou o Rei com os Principes refugiados a mesma benignidade, que acabava de usar com D. Jorge. Foi o Embaixador encarregado de intimar ao Senhor D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança degollado em Evora, que com seus filhos se recolhesse a Portugal; aonde já mais houvera suspeitas contra a sua fidelidade. Semelhante convite levava o Ministro ordem para fazer aos Principes filhos do mesmo Duque, de que logo veremos os effeitos.

Com a vèla em huma mão, e a penna na outra, El-Rei D. João assigna-

ná-

nâra muitas mercês para os impertinentes grosseiros, que em hora de tanta seriedade mais lhas extorquirão, que as rogárao. Todas confirmou El-Rei D. Manoel com politica inimitavel, quando conhecia, que muitos dos possuidores antes mereciao castigo, que premio: homens audaciosamente avarentos, suspeitos de infidelidade, que para o fim dos seus interesses aproveitão a conjuntura, em que o espirito do Principe se vexava com a acerbidade da morte, servindo-se da sua fraqueza para darem forças á ambição. D. Manoel porém, porque não parece que derogava as determinações de Principe tão excellente, não só confirmou as graças, que lhe impetrárao com justiça; mas as que quasi á força arancou d'elle a fraude nas agonias da morte. Depois de cumprir estas, que a magnanimidade del Rei teve por primeiras obrigações do seu agradecimento, da sua justiça, da sua reputação, elle tomou hum conhecimento pleno dos negocios do seu Estado para regular a economia.

Aos

Era vulg.

Aos Magistrados, que deviaõ dar de graça o que de graça recebêraõ, e o vendiaõ, elle os corrigio com as reprehensões mais severas. Aos que commettiaõ defeitos, ainda que leves, arbitrou-lhes castigos á proporçaõ, mas castigou-os. Aos que cumpriaõ com justiça, e equidade os seus deveres, encheo-os de beneficios, naõ sendo dos menores os louvores. Parar tirar das partes a desesperaçã das demoras, e as livrar dos incõmmodos das despezas nas causas, inventou arbitrios, que cortáraõ as primeiras, e moderáraõ as segundas. Pelas Provincias do Reino mandou Ministros de opiniaõ bem estabelecida, que arrancaßem pela raiz os abusos, a iniquidade, os vicios públicos, e promovessem a probidade, a virtude, os bons costumes. Tomou contas exactas aos Rendeiros, Arrecadadores, e Depositarios da Fazenda Real, para impedir a huns os luzimentos, que eraõ luzes furtadas, e vinhaõ a parar em sombras vergonhosas; para corrigir em outros a avariza, que fazia sem piedade as cobranças, co-

mo

**n**ão aves de rapina devorantes dos Pó- Era vulg.  
vos; para em todos moderar as pom-  
pas superfluas, que com gosto demen-  
te leuão a substancia da Patria, dei-  
tao ao vento as forças, o estado, o  
vigor das Monarquias.

Depois das utilidades do Povo,  
El-Rei se applicou à distinguir a No-  
breza, e dalla a conhecer pela obser-  
vancia das Leis da Armaria. Para es-  
te fim mandou os Heraldos a França,  
e Inglaterra observar como ellas se pra-  
ticavao nestes Reinos; e nos monu-  
mentos antigos fez examinar quanto  
havia de vantajoso á Nobreza para re-  
gular a fórma das suas armas, as obri-  
gações dos Heraldos, Passavantes, e  
Farautos; e formalizado o tratado, que  
se guarda nos archivos da Corte, o  
Rei o fez público na figura das mui-  
tas armas, de que ornou a grande  
salla do Palacio de Sintra.

Pelo que respeitava aos Judeos, es-  
tava elle bem informado das vexações,  
e tyrannias, que tinhaõ sopportado os  
que sahíraõ do Reino no tempo do  
seu predecessor: que para os que fi-  
cá-

**Era vulg.** cárao, havia espirado o tempo prefi-  
xo, e na fórma do primeiro ajuste,  
que todos erao escravos. Elles estavao  
reduzidos ao estado mais humiliante,  
quando D. Manoel principiou a rei-  
nar: mas o seu animo piedoso, co-  
nhecendo que elles sem malicia, an-  
tes contra vontade haviao ficado em  
Portugal além do tempo prescrito pe-  
lo Rei D. Joao, a todos deo por li-  
vres com a esperanza, de que o bene-  
ficio os attrahiria ao gremio da Igre-  
ja. Os miseraveis agradecidos se fintá-  
rao a fim de ajuntar huma somma pa-  
ra elles consideravel, mediocre para  
tao grande Rei, que lhes fez a graça  
duas vezes preciosa em nao a querer  
acceitar.

Expedidos com promptidao tantos  
acertados negocios, El-Rei quiz dar  
aos vassallos as provas da sua genero-  
sidade. Da guerra de Africa, que tra-  
zia concebida, se servio elle para pre-  
texto das beneficencias, que determi-  
na revestir do semblante de remunera-  
coes. Depois de fortificar as Praças da  
Mauritania, de lhes reforçar os pre-  
fi-

frídios , de as fornecer com cópia de Era vulg munições de guerra , e bocca , elle augmentou os estipendios aos soldados, recompensou o merecimento dos Officiaes , gratificou o dos Fidalgos , e unindo á liberalidade o piedoso , firmou no conceito , de que na guerra o esforço , a dexteridade , as victorias tudo vem de Deos ; além de haver distribuido muitos prémios pelos Sacerdotes , que em Africa animavaõ aos soldados com os Sacramentos de conforto , e práticas auxiliaes ; ordenou, que por elles se distribuisse a décima parte das prezas , que se fizessem : Abrahão generoso com os Sacerdotes segundo a ordem de Melchisedech.

Occupado em tantas acções grandes acháraõ o Rei em Monte Mór os Embaixadores dos Reis Catholicos Fernando , e Isabel , que viéraõ dar-lhe os parabens da sua exaltação ao Throno ; propôr-lhe para esposa a Infante D. Maria , filha dos mesmos Reis , e interceder pela restituição da honra , da liberdade , e da fazenda dos Principes de Bragança. El-Rei recebeu es-

ta

a vulg. ta Embaixada com todas as evidencias de amigo fiel , de Principe reconhecido , e respondeo aos Ministros: Que nada lhe pra taõ agradavel como merecer as boas vontades de Monarcas taõ illustres; que o mesmo experimentariaõ na sua; que em quanto ao casamento , elle naõ se resolvia a ajustallo , em quanto naõ tivesse posto em fôrma os negocios do Reino. Com esta politica , sem descobrir os fundos do espirito , usou elle de hum disfarce , que dêsse motivo aos Reis Catholicos para discorrerem na sua inclinaçaõ pela Princeza D. Isabel , viuva do malogrado Principe D. Affonso de Portugal. Pelo que respeitava aos Senhores da Casa de Bragança , prometteo naõ perder meio , que podesse contribuir para os satisfazer.

Como as mórtes dos Reis sempre trazem consigo novidades , a de D. João foi causa dos Mouros Barraxe , e Almandarim rompêrem a paz , que se havia ajustado no anno de 1492. Naõ se crêraõ aquelles dous Chêfes obrigados á observancia dos ajustes feitos

tos entre os Reis de Portugal , e de **El-Rei** Féz , e ainda na vida do primeiro , aproveitando-se da ausencia do Conde de Borba , que viéra a Portugal , e deixára Arzila encarregada a D. Rodrigo Coutinho , levantárao tropas , e foraõ devastando o nosso terreno até ás pórtas da Praça. D. Rodrigo se oppoz a estas correrias com hum destacamento da guarnição , que sustentou o campo com valor incrível ; mas opprimidos da multidão dos barbaros , D. Rodrigo perdeu a vida , e muitos com elle. A noticia deste estrago obrigou El-Rei D. João a encarregar a Praça ao bravo D. João de Menezes , que com os brios do seu Apellido se determinou a ser o flagello da Mauritania.

Seguindo-se á perda de D. Rodrigo Coutinho a morte del Rei , tomou mais corpo a rebellião dos barbaros , não havendo algum dos Aduares nossos tributarios , que deixasse de pegar nas armas para sacudir o jugo da obediencia. Tinha El-Rei firmado o Decreto para se pagarem as décimas aos Ecclesiasticos de Africa , quando chegou



**Era vulg.** gou a noticia da importante victoria, que D. Joaõ de Menezes acabava de ganhar sobre os rebeldes, huma das mais illustres conseguida pelo nosso esforço naquelle continente, estimada por D. Manoel como huma recompensa Divina em remuneraçã da graça acabada de fazer. Os Ministros do seu Altar, e que principiara a ser a materia do Capitulo seguinte.

## CAPITULO II.

*Continuaõ as acções del Rei D. Manoel até o descobrimento da India.*

**R**ESOLVEO-SE D. Joaõ de Menezes a castigar em Barraxe, e Almandarim a perfidia; nos Mouros nossos tributarios a rebelliaõ; e abatida a ferocidade com a força, fazellos pagar os tributos, que nos negavaõ. Com este designio escreveo a Lopo de Azevedo, Governador de Tangere, o ajudasse com as trópas da sua guarniçaõ, que podesse escusar. Mandou elle cincoenta cavallos escolhidos ás ordens de Pedro

dro Leitaõ , que marchou no silencio Era vulg.  
da noite a unir-se com cento , e cin-  
coenta , que cobria D. Joaõ de Me-  
nezes , no lugar que elle designára.  
Duzentos Cavalleiros Portuguezes for-  
maõ a copia militar , com que D. Joaõ  
determina punir muitos Póvos rebel-  
des , e vencer as forças de Barraxe ,  
e Almandarim. Para representar pelos  
lados huma grande linha , com hum  
cavalleiro de frente , os mais formados  
a peito , e espalda , ou a cabeça de  
cada cavallo sobre a garupa do outro,  
elle rompe a marcha á surdina. Quan-  
do amanhecia , e os nossos se achavaõ  
perto do Aduar , que havia soffrer o  
primeiro golpe , apparecêraõ Barraxe,  
e Almandarim , Muza , e Acob na té-  
ta de dous mil cavallos , e de oito  
centos Infantes. Por tres prisioneiros,  
que fizêraõ os nossos Mouros confi-  
dentes , soube D. Joaõ de Menezes,  
que aquelles chéfes vinhaõ sobre a  
povoação com designios semelhantes  
aos seus.

Este accidente naõ esperado obri-  
gou a D. Joaõ fazer conselho para se  
de-

**Era vulg.** deliberar no modo de evadir o perigo, e conservar a dignidade. Escolheo-se por melhor o meio mais honrado, que era ir logo aos inimigos, que nada pensavaõ menos, que na sua marcha ser atacados. Entaõ dividio o corpo em tres esquadrões. Pedro Leitaõ na vanguarda com os 50 cavallos de Tangere; no centro com 30 D. João de Menezes, filho do Conde de Cantanhede, e elle com 120 na reta-guarda. Nesta fórma marcháraõ aos inimigos com os espiritos taõ intrepidos, quanto tinhaõ sido façanhosas as palavras, com que o Commandante os animára. Os Mouros em quanto entendêraõ as nossas forças iguaes, tambem se formáraõ em tres corpos; mas á vista da superioridade notavel das suas, os uníraõ em hum, e marcháraõ, naõ a investir a batalha, mas a buscar a victoria.

Pedro Leitaõ pelo lugar, que o terreno lhe dava para as escaramuças, com as viseiras baixas, as lanças enristadas, a corage intrepida, se lançou aos barbaros. Obrou gentilezas o valor,

lor, que se não concebem : não havia Era vulg  
bote de lança, que deixasse de se em-  
pregar : menos o esforço dos Mouros,  
que a sua multidão, atropellava os  
nossos quarenta cavalleiros. Então se  
moveo D. João de Menezes com o  
esquadrão de trinta, que os atacou  
por hum lado, e começa a ser meio  
horror o combatte. Pedro Leitaõ reco-  
brado, e o Chéfe correndo com o  
terceiro esquadrão, fazem o horror  
inteiro. Por opiniaõ, e pejo queriaõ  
resistir os Mouros; mas os golpes eraõ  
taõ pezados, que não podendo fazer  
humã retirada em ordem, todos fugi-  
raõ sem ella. Quatro legoas lhes fo-  
mos no alcance cançando de matar a  
todos os que não pediaõ quartel, com  
a glória incrível, de que passando á  
espada, e fazendo prisioneiros a maior  
parte dos Mouros em choque taõ de-  
figual, e disputado, nós não perdemos  
nelle hum só homem. Voltáraõ os ven-  
cedores ao lugar do conflicto para re-  
colherem os despojos, e visitar os Adu-  
ares rebeldes, que atonitos, e hu-  
mildes á vista de taõ grande victoria,

**Era vulg.** pagáraõ o que deviaõ , e com pactos de maior abjecção se submettêraõ.

Hum successo tão feliz , nos tyrocinios do governo de D. Manoel , todo o Reino o attribuiu a effeito da sua piedade , a huma gratidaõ do Esposo Divino pelos beneficios , e respeito , que elle acabava de render á sua Esposa a Igreja : que se elle a estima como as mininas dos olhos para lhe vingar os agravos , por essa mesma estimação se desvela no agradecimento dos serviços. Mas o gosto desta noticia foi perturbado pelo contagio , que principiou a lavrar em Monte Mór, e obrigou a Corte a retirar-se para Setuval , aonde esperavaõ a El-Rei sua Mãe a Infante D. Brites , e suas irmãs a Rainha viuva , e a Duqueza de Bragança. Os capellos respeitaveis destas três Princezas viuas não podiaõ deixar de tocar com toda a sensibilidade a hum Rei tão clemente como D. Manoel , intercedendo pelos desterrados , e afflictos no reinado precedente , que huns reputavaõ sem culpa , outros as entendiaõ ligeiras para

ra merecerem demonstrações tão rigorosas. Eis vulg

A primeira, que se resolveo fallar a D. Manoel com rogos como a Rei, com authoridade como Mãi, foi a Infante D. Brites, que com ternura circunspecta lhe disse: Hum Principe tão illustrado, como vós, sabe muito bem que a Providencia não vos deo a herança de hum Reino só para vós; mas depois da vossa pessoa, para as de vossa mãe, e irmãos, parentes, e amigos; para todos aquelles, que em vós pozerem as suas esperanças. Sois imagem de Deos; e se he principio de bemaventurança esperar nelle, como póde não resultar glória a quem esperar no Rei, que o representa? Se esta esperança se frustrar em nós, a quem temos que recorrer? Se nos fechar hum defengano os olhos, que temos postos nas vossas mãos, como de Senhor, donde esperamos o nosso auxilio, não será possível que elles deixem de se offender, quando vos vêm collocado em tão alto lugar. Em quanto éreis hum Principe particular, com-

**Era vulg.** vosco lamentavamos as nossas desgraças. Agora que já sois Rei , deveis ouvir attento as nossas queixas. Ellas comprehendem a vossa mãe , a vossas irmãs , a todos os vossos parentes. Se a piedade vos domina , se tendes lembrança da mãe , que vos gerou , vos pario , vos educou , que vos tratou sempre com o amor mais terno ; que aguardais para dar a filha á mãe , os filhos á irmã , os netos a Avó , e tudo a mim , porque a mim tudo me toca ? Cortai os obices , rompei os obstaculos , despedaçai os inconvenientes , não façais caso de ditos , rompei por tudo , quando vossa mãe com justiça vos pede ; quando para fazer eterna a vossa memoria , com piedade vos insta.

Deste , e outros muitos modos falava a mãe : o mesmo diziaõ as irmãs com lagrimas ; o mesmo persuadiaõ os Reis Catholicos em muitas cartas ; e Reis taõ illustres , irmãs taõ estimaveis , huma mãe adoravel não eraõ objectos rogado , que podessem deixar de ser deferidos , nada pedindo , de que se offendeste a justiça. Escolheo elle o dia  
fo-

soleinne, em que a Igreja faz memoria da Resurreiçaõ do Redemptor para chamar á vida da liberdade aos desterrados, que eraõ D. Jayme, e D. Dinis, filhos primogenito, e segundo do Duque D. Fernando, D. Sancho, filho do Conde de Faro D. Affonso, irmaõ do mesmo Duque; depois Conde de Odemira, e o Senhor D. Alvaro com seus filhos. A mesma amnistia foi acordada a todos os mais, que pelo crime de inconfidencia, desde o tempo del Rei D. Joaõ, andavaõ banidos. A todos elles restabeleceo nas suas honras, dignidades, e bens; e porque o seu predeceffor dera muitos delles a pessoas benemeritas, que os possuiaõ, os tirou a todas, precedendo gratificações de igual valor, para que os primeiros naõ ficassem defraudados na herança, que fora de seus pais; para que os segundos naõ tivessem por injúria tirar-lhes hum Rei as remunerações, que de outro recebêraõ.

Era vulg.

As gentes sempre interpretes das acções dos Reis, já approvantes, já cen-



**Era vulg.** censores , á vista da magnificência de D. Manoel , se dividiaõ em pareceres. Os Varões optimos , homens devolutos só aos systemas da razaõ , o louvavaõ , por naõ escurecer a memoria de Principes taõ grandes com hum esquecimento irrevocavel. Os invejosos , que com as felicidades alheias se lhes apertaõ os coraçoẽs , o reprehendiaõ , por obrar a indignidade de encher de beneficios , restituir por inteiro bens , dignidades , honras aos filhos dos réos , que tinhaõ sido infamados com o crime enorme de trahidores. Os politicos , que querem entender de tudo , estranhavaõ na liberalidade o modo , por defraudar o Patrimonio Real , e com hum arrojo de profusaõ immodica , esgotar nelle a fonte da estabilidade da República. Discursos taõ vários impressaõ alguma fizéraõ no Rei magnanimo , depois que a sua illuminaçaõ o fez conceber , que elle naõ devia resistir a huma mãi sublime rogando ; a huma irmã , havia tantos annos ausente de seus filhos , gemendo ; á consideraçãõ pia , catholica , real , de que

os

os desterrados foraõ punidos sem prõ- Era vulg.  
 vas de convicçaõ , e que ainda a ha-  
 ver nelles alguns delictos , naõ eraõ  
 os que bastavaõ , para que merecessem  
 á memoria dos homens hum odio eter-  
 no.

El-Rei D. Manoel era taõ justo ,  
 que a culpados por imaginaçaõ naõ os  
 havia ter em perpetuo desterro , sem  
 restituir ás suas familias , aos seus no-  
 mes , á sua fama a injustiça , que lhes  
 tinhaõ feito ; que pelos filhos se repar-  
 tisse , nem o crime , nem a pena , que  
 já leváraõ seus pais , a maior parte del-  
 les mórtos em Castella com mais de  
 desgraçados , que de criminosos. O  
 grande Rei , como se as vozes da ca-  
 lunnia fossem estímulos , que picassem  
 a sua generosidade , naõ satisfeito com  
 a restituicãõ de tantos bens aos delin-  
 quentes presumptivos , abriu ambas as  
 mãos á liberalidade , e immediatamen-  
 te entrou a premiar outros muitos be-  
 nemeritos com gratificações , que mos-  
 travaõ nos vultos as mãos , donde sa-  
 hiaõ. As armas , as letras , os criados  
 ficáraõ igualmente satisfeitas , muito  
 mais

**Est. vulg.** mais quando viraõ, que o Rei naõ distinguia profissões, mas buscava merecimentos.

Quiz D. Manoel, que a todos os descontentes do governo passado chegassem os beneficios do presente, e mandou a Pedro Correa, Fidalgo instruido, e benemerito, com o caracter de Embaixador ao Papa Alexandre VI. naõ só a tratar os negocios do Reino, mas a conseguir a vinda para elle do Cardeal D. Jorge da Costa, que tendo bem estabelecido o credito em Roma, se conhecia em Lisboa de quanta necessidade elle era em Portugal no principio de hum reinado. Elle estava disposto para fazer esta jornada: resoluçaõ, que alterou com a chegada do Embaixador, servindo-se do pretexto dos annos, da imbecilidade, da duvida que tinha em pedir para ella permissaõ ao Pontifice. Porém se naõ servio a Patria com a presença, o fez com o conselho, e ao Rei na Curia em todos os negocios com zelo, e cuidado vigilantes. Todas as Potencias da Europa tinhaõ já congratulado ao Rei

Rei por meio dos seus Ministros ; e Era vulg. não faltando mais que a República de Veneza , ella o fez agora com as expressões mais vivas de prazer ; assegurando o Embaixador em nome da República a promptidão , com que ficava para condescender em tudo , quanto o Rei quizesse della.

O contagio , que andava em alternativa com os Povos do Reino , tornou a infestar a Corte , que se retirou para Torres-Vedras. Aqui lembráraõ os muitos serviços , que do tempo da invasão dos Mouros em Hespanha até então tinhaõ feito os Cavalleiros das Ordens Militares. Fez-se memoria do estabelecimento da dos Hospitaleiros de S. Joã , e da dos Templarios , que sendo destruida , El-Rei D. Diniz sobre as suas ruinas fundára a de Christo , havendo já em Portugal as de Avís, e Sant-Iago. Notou El-Rei , que estes cavalleiros , não refreando muitos delles os estímulos da concupiscencia , por impedidos para o matrimonio , e livres para o vício , enchiaõ de bastardos as familias illustres ; impetrou do Papa Ale-

Era vulg. Alexandre VI. dispensa para casarem , que lhes foi concedida , e de que unicamente senão aproveitáram os cavalleiros de S. Joã de Malta , que em todo o mundo guardaõ com observancia rigorosa o voto de continencia. Se foi util , ou não a concessão da graça Pontificia , isso disputáram entã os juizos , e a nós hoje não nos importa dar-lhe reprehensão , nem louvor.

Dava cuidado muito maior outro negocio mais ponderoso , que era o estabelecimento dos Judeos , não só pelas facções , que a respeito delles , e dos Mouros estabelecidos entre nós , dividiaõ o Reino , mas porque os Reis Catholicos de Hespanha continuamente instavaõ a D. Manoel com cartas , não consentisse nos seus Estados a Nação malvada , aborrecivel a Deos , e aos homens. Estas duas representações dos Principes de Castella , e dos vassallos de Portugal , a repugnancia da Princeza D. Isabel voltar a elle para ser Rainha , servindo de domicilio , e morada aos Judeos , foram circumstancias , que para D. Manoel

fizeraõ consideravel o negocio. Não se Era vulg.  
 resolveo por isso a decidillo sem ou-  
 vir o seu Conselho, que teve tantas  
 divisões, quantos eraõ os sentimen-  
 tos, e differença dos juizos.

Propôzeraõ huns, que se deviaõ se-  
 guir os exemplõs de Roma, Italia, e  
 de outros Principes Catholicos, que  
 os consentiaõ nos seus Dominios: que  
 não só tinhaõ nelles morada, mas com-  
 mercio, que pelos direitos, e tribu-  
 tos, que pagavaõ, os enriqueciaõ:  
 que lançallos de Portugal, não era ex-  
 pellir delles a perfidia, antes em qual-  
 quer parte, aonde pozeßem os pés,  
 deixariaõ della os vestigios: que man-  
 dallos para Africa era perder as espe-  
 ranças, de que em tempo algum fos-  
 sem Catholicos, e concorrer para a sua  
 condemnação, quando vivendo entre  
 Christãos, poderiaõ ser como elles,  
 e salvár-se com elles: que não podia  
 ser útil ao Estado expellir tantos ho-  
 mens ricos, carregados de generos, e  
 dinheiros para irem fazer os Mouros  
 mais poderosos; e que as artes, e no-  
 ticias, que entre nós aprendêraõ, as  
 lo-

ra vulg. levariaõ aos nossos inimigos para nosso damno.

Os outros Conselheiros , que seguiaõ idéas oppostas , se sustentáraõ firmes na resolução tomada no reinado precedente. Elles clamavaõ a favor da justiça , com que a gente perfida fora expulsa de muitas partes da Christandade , por Principes , e Póvos illuminados : como estes attendêraõ mais á integridade da Religiãõ , que ao avance das rendas por meio dos direitos , gabelas , e donativos : como interesse algum lhes fizera especie , coxejando-o com a ruina , que elles causavaõ á Fé dos ignorantes , com a perversãõ de costumes dos simplices , sobre tudo com as blasfemias horrendas , que proferiaõ contra o Nome adoravel do Salvador : que depois destas causas principalissimas , se se attendesse ás humanas , e temporaes , elles deviaõ ser olhados por inimigos infestos da Sociedade , já pelas fraudes , e usuras , com que escalavaõ os Póvos , já pela mistura infame , que hiaõ fazendo nas familias honradas , já porque em pou-

pouco tempo. seriaõ senhores dos cabedaes do Reino; e que se os haviaõ lançar fóra pelos naõ poderem sopor-  
 tar possuidores de tudo, que era melhor expelillos, antes que adquirissem mais. Abraçou El-Rei estes pareceres, que se conformavaõ com a sua Religiaõ, e piedade, e mandou lavrar hum Decreto, que a Judeos, e Mouros deixava livre a escolha de se faze-  
 rem Christãos, ou de sahirem do Reino no tempo, que lhes taxou, sob pena de ficarem escravos. Era vulga

### CAPITULO III.

*Continuaõ-se as mesmas materias até o descobrimento da India.*

**J**Á o nome del Rei D. Manoel entre os dos Principes grandes se fazia lugar no meio dos maiores, e a fama das suas primeiras accções servia para marcar as futuras com estrondo de reputaçaõ. Renovou-se por este tempo furiosa a guerra entre os Reis Catholicos de Hespanha, e Carlos VIII, Rei



**Era vulg.** Rei de França, que no anno passado, com fortuna incrível, em quinze dias se fez senhor do Reino de Napoles; mas com progressos igualmente rápidos lho tirou do poder o famoso General conhecido pelo nome do Grande Capitão. Com o motivo desta guerra, os Reis Catholicos mandárao a Portugal Embaixadores para confirmarem com D. Manoel as allianças passadas, e lhe pedirem soccorresse a seus Amos contra o Rei de França. Em quanto á renovação da alliança, não houve a menor dúvida. Pelo que respeitava ao soccorro, respondeo El-Rei: Que entre a sua Corte, e a de França havia huma união estreita do tempo dos seus predecessores, sem que até agora se houvesse recebido della a menor injúria: que elle a faria grande ao seu credito, se rompesse contra hum amigo sem causa: além disto, que os Francezes atacavao a Napoles, não a Hespanha; que se contra esta voltaassem as armas, os Reis Catholicos o viriao entao ao seu lado com todas as forças de Portugal para cumprir com os  
de-

deveres das razões estreitas, que o li- Era vulg.  
gavaõ com elles.

Fosse sinceridade, ou politica, os Reis de Hespanha fizêraõ hum alto apreço desta resposta; mas quando elles tinhaõ de sustentar o pezo de hum guerra, o espirito do de Portugal se opprimia com hum carga de considerações, que sobre elle lançavaõ por huma parte a piedade, por outra a justiça. Vinha chegando o tempo fixo para os Judeos, ou se fazerem Christãos, ou sahirem do Reino para Africa. Sentia menos El-Rei a perda de tantos vassallos, que a de tantas almas. Elle quizêra inventar arbitrios para os conter; mas elles se lhe representavaõ violentos. Para que todos senaõ perdeßem, concebia a idéa o expediente de arrancar dos braços dos pais os filhos, que naõ passassem de quatorze annos, retellos, baptisallos, educallos no Christianismo para serem salvos.

Esta resolução foi approvada pelas lembranças, de que ella nascia do animo pio del Rei, que redundava  
ca-

**Era vulg.** caridade; que outros Principes Chriftãos, igualmente zelosos do bem das almas, já tinhaõ praticado com os Hebreos outro tanto; e que as doutrinas fãas, e verdadeiras em nada a contradiziaõ. Salve-se com a intençãõ fãta do animo a injustiça, a iniquidade suggeridas, que vamos a vêr praticadas. Ordenou El-Rei que os moços Hebreos da idade já dita de quatorze annos até a da primeira infancia, se tirassem a seus Pais, os apartassem delles, e em partes remotas fossem instruidos nos Dogmas da nossa Fé. Era espectáculo horrendo vêr arrebatado dos peitos das mãis os pedaços ternos das suas almas: os filhos cozidos com os pais, desconjuntallos, e dividillos: quererem os executores reprimir-lhes as lágrimas a golpes; os clamores dos pais, e mãis com violencias. Degenerou o sentimento em desesperaçãõ; defenfreou-se a demencia, e entrãraõ os Hebreos miseraveis, huns a matar-se, outros a arrojarem as innocencias ao fundo dos poços. Os que tinhaõ sopporado a iniquidade com constancia pedí-

dião o transporte ajustado para Africa, *Era vulg.* e se lhes negava: firme El-Rei na falsa piedade suggerida, em que ardia, de ver Christãos aos Judeos, e que para o conseguir, o uso do rigor, dos premios, da violencia, dos rogos, tudo indistinctamente lhe era permittido.

Negárao-se os tres portos concedidos para o embarque, e se contrahio ao de Lisboa, para onde concorrêo a multidão numerosa dos obstinados Deicidas. Aqui esperárao o dia prefixo da partida, que não chegava, e era o da perda da sua liberdade. Esta ultima dor arrojou forçados aos mais para o gremio da Igreja, aonde com culto simulado polluírao o santuario. Pais, e filhos, perdido o nome de Judeos, experimentárao a beneficencia del Rei, e começárao a gozar de todas as commodidades de Portugal. O resto delles, e dos Mouros, que não se quizerão fazer a violencia de lavar nas aguas do Baptismo, navegou para Africa. Nós, e nossos Avós vimos o fructo desta acção tão pouco justa. O lapso do tempo fez, que alguns dos seus des-

**Esta vulg.** cendentes fossem Christãos verdadeiros; outros com maldade maior simulavaõ a Fé, e nada os desvelava tanto como macularem o Estado com as fezes do seu ouro. Tem corrido as idades; elles vivido entre nós ha tres seculos com probidade, e edificaçaõ; formaõ connosco hum só Povo, justamente attendidos os benemeritos; e a honra com que os tratamos deve ser o estimulo generoso, que os obrigue a conduzir-se para o futuro com a probidade, que vemos. Nem em todo Israel cahio a cegueira, nem toda a semente de Abrahaõ he Delcida; as accções a distinguem, e ellas os fazem honrados, ou infames.

A acçaõ referida, que suggeríraõ a El-Rei a respeito dos Judeos, deve-se saber que ella não tinha origem na Lei, e na Religiaõ. Os rebeldes a ella, que a alguma estaõ sujeitos, não podem ser forçados, e com violencia conduzidos a crêr aquellas cousas, que repugnaõ; que elles mesmos desprosaõ. Por ventura Deos declarou aos Principes com authoridade dada por elle pa-

ra impedirém a liberdade voluntária, Era vniq.  
 ou para terem em brida, apertarem  
 com cabeções, e freio, refrearem, e  
 comprimirem os entendimentos soltos,  
 desenfreados, e livres? Sacrificios vo-  
 luntarios, não coactos pela força,  
 pretende Deos dos homens; e por-iff-  
 so não lhes violenta os entendimentos,  
 mas com a unção excitante lhes move  
 as vontades para abraçarem a Religião  
 Santa. Creatura alguma se pôde arro-  
 gar a graça do Espirito de Deos, que  
 se derrama nos nossos corações, e in-  
 spira aonde quer, até ao fim da vida  
 daquelles, que não a impugnaõ, não  
 a contradizem, não lhe resistem. Só  
 esta graça he a que illumina os enten-  
 dimentos, os move, os convida, os  
 attrahe; e os felices, que della se dei-  
 xaõ levar, saõ os sinceros, que se  
 allistaõ debaixo das bandeiras de Jesus  
 Christo; saõ os verdadeiros Christãos.

Pelo contrario, huana crença ex-  
 torquida de homens Atheistas, ou pro-  
 fessores de Religião falsa, quem não  
 comprehendendo quanto tem de arrisca-  
 do entregar nas suas mãos profanas, e

**Era vulg.** pollutas tantas cousas sagradas ; os Mysterios Sacrosantos ; os Sacramentos adoraveis ; a doutrina de santificação ; em fim o santo dado aos cães , as margemitas lançadas aos animaes immundos ? Semelhantes inconsiderações dão occasião aos inimigos do Evangelho para augmentarem a maldade ; dobrarem a horribilidade na profanação ; e fazerem mais ascarosas as immundicies , com que manchaõ o Santuario. Nós diremos , que isto he violar indignamente a Religião com fraude de Religião. Não podia ser esta a intenção piedosa del Rei , todo abandonado á piedade ; mas não he facil escusar os seus Arbitristas neste caso , ou de hum zelo indiscreto , ou de hum ignorancia nos Elementos da Religião , e da Fé.

Eu desejei saber os motivos , que teria El-Rei D. Manoel para se não portar com os Mouros , e seus filhos ; assim como se conduzio com os filhos dos Judeos , e com seus pais. Depois de entender , que tinha perdido o meu trabalho em hum exame longo , e que devia dar disso huma razão só minha ,  
cu

eu á foi encontrar em Damiaõ de Goes. Era vulg.  
 Diz elle , que El-Rei mandára tomar  
 os filhos aos Judeos ; porque como es-  
 tes naõ tem no mundo Reino , Senho-  
 rios , e Cidades , antes em toda a par-  
 te saõ peregrinos , e tributarios , sem  
 poder , nem authoridade para vingarem  
 as injúrias , que se lhes fazem ; nada  
 lhe ficava que temer , ou recear , que  
 elles molestassem o grande número de  
 Christãos , que andaõ espalhados por  
 toda a terra : que pelo contrario os  
 Mouros , como occupavaõ a maior  
 parte da Asia , e Africa , huma gran-  
 de da Europa , aonde tem Imperios ,  
 Reinos , e vastos Dominios , em que  
 vivem muitos Christãos , huns que tem  
 cativos , outros que õhes saõ tributa-  
 rios ; se elle com violencia lhes tirasse  
 os filhos , os Mouros tomariaõ naquel-  
 les Christãos a vingança desta injúria ,  
 de que recahiria nos seus vassallos a  
 parte maior , e mais rigorosa : que por  
 estas razões elle aos Judeos naõ duvi-  
 dou tirar os filhos , e aos Mouros naõ  
 se attreueo fazello.

Antes desta execuçaõ , D. Manoel,  
 que



**Essa vulg.** que em todas as idades, e estados deo prúvas de reconhecido, já havia premiado os serviços do seu Ayo D. Diogo da Silva de Menezes, sendo ainda Duque, com o Senhorio de Cerolico da Beira, approvado por D. João II.; depois de Rei, com o Titulo de Conde de Portalegre. He verdade, que no acto da posse, o Conde encontrou a opposição dos moradores, que allegaram a seu favor a determinação del Rei D. Diniz; que quando conquistou a Villa ao Infante D. Affonso, seu irmão, em premio do valor dos mesmos moradores ordenou, que ella já mais fosse de Infante, ou Rico-Homem, e sempre estivesse incorporada na Coroa, como eu disse na vida do mesmo Rei. D. Manoel; vendo que os de Portalegre sustentavam tenazes a sua regalia, mudou a ordem da mercê; reservando para si o Senhorio da terra, e dando ao Conde para elle, e seus descendentes o Titulo, e o Castello com outras graças, que inteiraram a effencia da mercê. Depois criou Conde de Alcoutim a D. Fernando de Menezes, filho de D.

D. Pedro de Menezes , Marquez de <sup>Era vulg.</sup> Villa-Real , e que dalli em diante usassem deste Titulo os filhos primogenitos dos mesmos Marquezes.

Havendo D. Manoel com as acções , que ficão referidas , mostrado como era digno do caracter de Rei , e com a reducção , e expulsão dos Judeos tendo lisongeado o gosto da Princeza D. Isabel , filha dos Reis Catholicos , que não os soffria em Portugal ; resolveo-se a pedir para esposa esta Princeza viuva do Principe D. Affonso , que pelas suas grandes virtudes , e alta prudencia , amava com extremo. Elle communicou os seus pensamentos ao Senhor D. Alvaro , irmão do Duque D. Fernando de Bragança , que os Reis de Hespanha muito distinguão. Estimou D. Manoel com complacencia a offerta , que lhe fez D. Alvaro para ir em pessoa tratar negocio tão importante , e o enviou com sequito brilhante áquelle Reino. A sua negociação foi tão prompta , e efficaz , que trouxe a Evora , aonde estava El-Rei , as respostas , e consentimento de Fernando,

**Era vulg.** e Isabel , sem se apartarem em nada das formalidades , que lhes foraõ propostas.

Resolveo logo El-Rei enviar a Castella com caracter público a D.Joaõ Manoel , Mordomo Mór , Varaõ dotado de prudencia singular , que se fez summamente acceito aos Reis Catholicos , e com elle confirmáraõ os ajustes do matrimonio. Unicamente a Princeza lhe resistia , ou por lhe renovar as suas dores na perda do Principe D. Affonso , que se lhe naõ mitigavaõ com o lenitivo de hum Throno , ou porque entendia que huma viuva da sua gradaçaõ na flor da idade offendia a modestia , se passasse a segundas vodas. Parece que Deos as permittio com ella para impedir a uniaõ de Portugal com Castella , a que tantas vezes tem cortado o laço. Os rógos de seus pais, os homens pios , a consideraçaõ da tranquillidade dos dous Estados , que tanto dependia desta alliança , movêraõ a Princeza a dar o seu consento. Mas em quanto se prepara a magnificencia para a entrada da Princeza em

Por-

Portugal ; em quanto El-Rei D. Ma- Era vulg.  
noel apresta a Armada para o descobri-  
mento da India , que são as Épocas  
brilhantes para a continuação da mi-  
nha Historia em outro Tomo , con-  
cluamos este com o Capitulo seguinte,  
em que passo a dar noticia dos filhos,  
que teve o mesmo Rei , e do estado  
Ecclesiastico , e Politico de Portugal no  
seu reinado para não o repetirmos em  
outra parte.

#### CAPITULO IV.

*Conclue-se este Tomo com a noticia dos  
filhos del Rei D. Manoel , e com a  
do Estado Ecclesiastico , e Politico do  
Reino no seu tempo.*

**E**L-REI D. Manoel casou com sua  
primeira mulher a Princeza D. Isabel,  
viuva do Principe D. Affonso de Por-  
tugal , e filha dos Reis Catholicos  
Fernando , e Isabel em Outubro de  
1497 , e della teve unico filho ao  
Principe D. Miguel da Paz , que nas-  
ceu em Caragoça a 24 de Agosto de  
1498 ,

Era vulg. : 1498, e foi jurado Principe herdeiro de Portugal, e Castella. Sua mãe morreu no mesmo dia do parto, e elle em Granada a 20 de Junho de 1500, sepultando em flôr no mesmo tumulo de seus Avós as esperanças de tantos Reinos. A Rainha, sua mãe jaz na Cidade de Caragoça, e elle na de Granada.

Segunda vez casou El-Rei D. Manoel em Alcacere do Sal a 30 de Outubro de 1500 com sua cunhada a Infante D. Maria, filha dos mesmos Reis Catholicos, e della teve filhos ao Principe D. João seu successor, que nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1502 : a Infante D. Isabel, que nasceu na mesma Corte a 24 de Outubro de 1503, e casou em Sevilha com o Imperador Carlos V. em 11 de Março de 1526; morreu em Toledo no 1 de Maio de 1539, e jaz no Escorial : a Infante D. Brites, que nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1504, e casou com Carlos III. Duque de Saboya em 29 de Setembro de 1521, morreu em Niza a 8 de Janeiro de 1538 : ao Infante

fante D. Luís, Duque de Béja, que Era vulg. nasceo em Abrantes a 3 de Março de 1506; morreo em Lisboa a 27 de Novembro de 1555, e jaz em Belém: ao Infante D. Fernando, Duque da Guarda, que nasceo em Abrantes a 5 de Junho de 1507; casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, e de Loulé, em 1519; morreo em Abrantes a 7 de Novembro de 1534, e jaz em Belém:

Ao Infante D. Affonso, que nasceo em Evora a 23 de Abril de 1509; foi criado Cardeal pelo Papa Leão X. no 1 de Julho de 1518; foi Bispo de Viseo, de Evora, da Guarda, Arcebispo de Lisboa; e Abbade Commendatario de Alcobaça; morreo em Lisboa a 21 de Abril de 1540, e jaz em Belém: ao Infante D. Henrique, que nasceo em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512; foi creado Cardeal pelo Papa Paulo III. a 6 de Dezembro de 1545; foi Commendatario de Santa Cruz de Coimbra, Arcebispo de Braga, o primeiro de Evora, Inquisidor Geral, e Rei

Era vulg. Rei depois da perda del Rei D. Sebastião em Africa : a Infante D. Maria , que não consta o anno , em que nascêra , mas sim que morrêra em Evora no. de 1513 , e que estivera enterada no Convento do Espinheiro , donde foi transferida para o de Belém : ao Infante D. Duarte , Duque de Guimarães , que nasceo em Lisboa a 7 de Setembo de 1515 ; casou em Villa Viçosa a 24 de Abril de 1537 com a Senhora D. Isabel , filha de D. Jayme , quarto Duque de Bragança ; morreo a 20 de Outubro de 1540 , e jaz em Belém : ao infante D. Antonio , que nasceo em Lisboa a 9 de Setembro de 1516 , e morreo logo.

Terceira vez casou D. Manoel com a Rainha D. Leonor , filha de Philippe I. Rei de Castella , e fobrinha das duas primeiras Rainhas suas esposas , filha de sua irmã a Rainha D. Joanna herdeira dos Reinos de Hespanha. Recebeo-se na Villa do Crato a 24 de Novembro de 1518 , e deste matrimonio teve : ao Infante D. Carlos , que nasceo em Evora a 18 de Fevereiro.

reiro de 1520, e falleceo em Lisboa Era vulg.  
 a 15 de Abril de 1521, jaz em Belém:  
 a Infante D. Maria, que nasceo em  
 Lisboa a 8 de Junho de 1521, Prin-  
 ceza entre nós brilhante, que unio a  
 pureza rara com a grande formosura,  
 altas qualidades da natureza com  
 virtudes sublimes da alma, e mor-  
 reo a 10 de Outubro de 1577, jaz  
 no Convento de Nossa Senhora da  
 Luz junto a Lisboa, que ella fun-  
 dou.

Em quanto ao Estado Ecclesiastico  
 de Portugal do anno de 1496, em que  
 El-Rei D. Manoel principiou a reinar,  
 até o de 1497, em que acaba este To-  
 mó, principiando pelas Ordens Mili-  
 tares, da de Christo era Grao Mestre  
 o mesmo Rei, e das de Santiago, e  
 Avis o Senhor D. Jorge, Duque de  
 Coimbra, filho del Rei D. Joao II.  
 Nomeou D. Manoel para seu Capellao  
 Mór a D. Fr. Christovao de Bobadi-  
 lha: Prior Mór do Crato a D. Fr.  
 Gonçalo Pimenta: D. Prior de Gui-  
 marães, depois de D. Affonso Gomes  
 de Lemos, a D. Fernando Couti-  
 nho,



**Essa vulg.**inho, Bispo de Lamego, e do Algarve, Regedor das Justiças.

Os Bispos nomeados pelo mesmo Rei foraõ, para o Funchal, que a instancias suas o Papa Leão X. erigio Bispado; D. Diogo Pinheiro, primeiro Bispo, que era filho do Doutor Pedro Esteves, e de D. Isabel Pinheiro: para a Guarda a D. Pedro Vaz Gavião, ou de Menezes, Capellão Mór: para Braga a D. Diogo de Sousa, filho de João Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Figueiró: para o Porto a D. Diogo da Costa, filho de Lopo Alvares Feio, senhor do Morgado de Pancas: para Viseo a D. Fernando Gonçalves de Miranda: para o Algarve a D. Fernando Coutinho, Bispo de Lamego: para S. Thomé a D. Henrique, Principe do Congo, e depois d'elle a seu parente D. Pedro de Sousa da mesma Casa Real do dito Reino. Os mais Bispos das outras Dioceses eraõ os que ainda tinha nomeado El-Rei D. João II.

Creou El-Rei D. Manoel Officiaes da

da Casa Real : para Condestavel a D. Affonso , filho natural de seu irmão D. Diogo , Duque de Viseo : para Mórdomo Mór a D. Diogo da Silva , primeiro Conde de Portalegre : para Escribeiro Mór a Pedro Correa , que teve por successores no emprego a Pedro Homem , e a Francisco Homem : para Védor da Casa a Vasco Annes Corte-Real : para Camareiro Mór a D. Bernardo Manoel , Alcaide Mór de Santarém , que teve por successor a D. Alvaro da Costa : para Guarda Mór a Jorge Moniz , senhor de Angeja , e se lhe seguirão D. João de Sousa , e D. Nuno Manoel , Senhor de Salvaterra : para Mestre Sala a Jorge de Mello , que teve por successores a D. Alvaro de Abranches , e a Henrique de Mello : para Reposteiro Mór a Gonçalo da Silva , e depois d'elle Martim Affonso de Mello , Pedro Moniz , e Phebo Moniz : para Porteiro Mór a Gaspar Gonçalves Ribafria , a quem succedêrão Manoel de Goes , Jorge de Mello , e Miguel Corte-Real : para Trin-

**Era vulg.** Trinchante João Lopes de Sequeira, que teve por successores a João da Silveira, e a Simão da Cunha : para Escrivão da Puridade a D. Diogo da Silva de Menezes, Conde de Portalegre, que teve por successor a D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares.

Para Copeiro Mór nomeou a Lourenço de Brito : para Aposentador Mór a Manoel da Silva, Alcaide Mór de Soure, e depois d'elle a Manoel de Sousa : para Provedor das Obras do Paço a D. Martinho de Castello Branco, que teve por successor a Bartholomeo de Paiva : para Caçador Mór a Nuno Fernandes Freire, ao qual se seguiu Antonio de Brito, D. Pedro de Castro, terceiro Conde de Monsanto, D. João de Moura, e D. Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas : para Armeiro Mór a D. Alvaro da Costa : para Almotacel Mór a D. Nuno Manoel : para Alferes Mór a Ruy Dias Pereira, que teve por successor a D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Cantanhede :

pa-

para Almirante a Lopo Vaz de Azevedo e depois delle a Antonio de Azevedo : para Fronteiros Móres, de Lisboa a D. Rodrigo de Castro, filho do I. Conde de Monsanto, e depois a D. Pedro de Castro ; do Algarve a D. Fernando de Menezes, Marquez de Villa Real, e depois a D. Fernando Coutinho, Conde de Marialva : . . . . . Era vulg.

Para Monteiro Mór a D. Alvaro de Lima, a quem se seguiu D. Joaõ de Lima, seu filho : para Coudel Mór a Francisco da Silveira, e depois a D. Pedro de Castro, III. Conde de Monsanto : para Marichal a D. Alvaro Coutinho, que teve por successor a D. Fernando Coutinho : para Meirinho Mór a Ellevaõ de Brito, Alcaide Mór de Béja, e depois a D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva : para Capitaõ Mór do Reino, e do Mar a D. Antaõ de Abranches : para Capitaõ Mór dos Ginetes a D. Nuno Manoel, senhor de Salvaterra, de quem foi successor Lopo Soares de Alvarenga : para Adail Mór a Pedro

**Era vulg.** Leitaõ: para Anadel Mór a Pedro Alvares , e depois d'elle Jorge de Mello , e Garcia de Mello : para Chancelleres Móres successivamente a Joaõ de Faria , Lopo de Arca , Christovaõ Mendes de Carvalho , Ruy Lobato , e Ruy da Gran : para Secretarios de Estado a Affonso Garcez , Jorge Garcez , Antonio Carneiro , e Pedro de Alcaçova Carneiro , Conde das Idanhas.

F I M.



IN-

# INDICE

## DOS CAPITULOS.

### LIVRO XXX.

- C**APITULO I. *Da vida, e acções del Rei D. João II., chamado o Principe Perfeito, XIII. Rei de Portugal.* 5
- II. *Resulta da revogação das gratificações, principio do desagrado com o Duque de Bragança, e primeiras navegações no tempo deste reinado.* 22
- III. *Os Castelbanos intentão perturbar o nosso Commercio de Guiné, mas sem effeito, e continúa a sellar o interior do Reino a respeito do Duque de Bragança.* 38
- IV. *Negociações de Castella na Corte de Portugal, e outros successos, com o da prisão do Duque de Bragança.* 53
- V. *Da morte do Duque de Bragança, D. Fernando II., e successos depois della.* 77
- VI. *Como o mundo teve a morte*
- Z ii
- do

- do Duque por hum acto de crueldade do Rei, e dos mais castigos, que se deraõ aos outros conjurados. 100
- VII. Trata-se das navegações mandadas fazer pela Costa de Africa, e outros successos pelos annos seguintes. 119

## L I V R O XXXI.

- CAP. I. Continuaõ os successos do Reinado de D. Joaõ II., successos da Africa, e outros negocios. 137
- II. Do casamento, e morte desgracada do Principe D. Affonso, unico filho del Rei, e de outros successos depois della. 152
- III. Da mudança da Corte de Evora para Santarem; aonde succede a lastimosa morte do Principe D. Affonso, e outros successos deste tempo. 169
- IV. Conquista gloriosa do Reino de Granada, favoravel á successaõ de D. Manoel, Duque de Beja, com a noticia de ditos, e acções célebres del Rei D. Joaõ II. 183

V. Trataõ se outros successos destes tempos, e a entrada dos Judeos em Portugal, intrigas, e Embaixadas mutuas, da nessa Corte a de Castella. 201

VI. Da celebre Linha de Demarcação, com que os Reis de Portugal, e Castella dividirão entre si os dous hemisferios Oriental, e Occidental, e outros successos, que se seguirão. 215

## L I V R O XXXII.

CAP. I. Segue-se pela ordem dos tempos os mais successos da vida del Rei D. João até se aggravar a sua enfermidade. 230

II. Das ultimas acções del Rei D. João II. até ir para as Caldas de Monxique no Algarve, aonde se lhe engraveceo a queixa. 242

III. De como El-Rei partio para as Caldas de Monxique no Algarve, e do que lhe succedeo até á sua morte. 257

IV. Da morte del Rei, pessoas que af-



- assistiraõ a ella, e o que succedeo depois.* . . . . . 269
- V. *Descrevem-se em resumo as qualidades, e caracter del Rei D. Joaõ II., e dá-se noticia dos Authores, que d'elle fazem memoria illustre.* . 282
- VI. *Da trasladação do Corpo del Rei D. Joaõ II. da Sé de Silves para o Mosteiro da Batalha por El-Rei D. Manoel.* . . . . . 295

## L I V R O XXXIII.

- CAP. I. *Trataõ-se as primeiras acções do Rei D. Manoel, o Feliz, XIV. na ordem dos Reis de Portugal, até o descobrimento da India.* . . . . . 309
- II. *Continuaõ as acções del Rei D. Manoel até o descobrimento da India.* . . . . . 318
- III. *Continuaõ-se as mesmas materias até o descobrimento da India.* . 333
- IV. *Conclue-se este Tomo com as noticias dos filhos del Rei D. Manoel, e com a do Estado Ecclesiastico, e Politico do Reino no seu tempo.* . 345



21

22

